

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FACH
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

LUIS HENRIQUE DE SOUZA

**O DIÁLOGO PLATÔNICO À LUZ DA *POÉTICA* DE ARISTÓTELES:
A prática da escrita literária no ensino de filosofia.**

Campo Grande
30 de abril de 2019

LUIS HENRIQUE DE SOUZA

**O DIÁLOGO PLATÔNICO À LUZ DA *POÉTICA* DE ARISTÓTELES:
A prática da escrita literária no ensino de filosofia.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas, ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul como requisito para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Filosofia do Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos da Silva.

Campo Grande, MS
2019

**O DIÁLOGO PLATÔNICO À LUZ DA *POÉTICA* DE ARISTÓTELES:
A prática da escrita literária no ensino de filosofia.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas, ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul como requisito para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Filosofia do Ensino de Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos da Silva – UFMS
(Orientador)

Prof. Dr. Stefan Vassilev Krastanov – UFMS

Prof. Dr. Arnaldo Pinheiro Mont'Alvão Júnior – IFMS

Campo Grande, MS

2019

Aos jovens alunos do IFMS.

AGRADECIMENTOS

Aos meus jovens alunos do IFMS, pela confiança e pela dedicação que tornaram este trabalho possível e pelas histórias, pelas ótimas histórias que espero, com todas as forças do meu espírito, jamais esquecer.

Ao meu orientador, José Carlos da Silva, pela oportunidade, pelo apoio e esclarecimentos ao longo desta jornada.

Aos professores do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelas aulas, orientações, críticas e conversas outras. Em especial ao professor Stefan Vassilev Krastanov pelas dicas valiosas desde a graduação até o mestrado, grande amigo e mestre.

Aos professores da graduação do Centro Universitário Claretiano que plantaram, desde o meu ingresso no mundo da filosofia, a semente do desejo pelo saber.

Aos meus pais, Mário Luiz de Souza e Marli Franzoni de Souza, pelo amor que nem sempre mereci, mas que me era dado mesmo assim. Obrigado por toda ajuda que jamais foi negada nos momentos mais difíceis. Em especial à minha mãe de quem herdei a difícil tarefa de ser um educador, modelo de professora que sempre tentei imitar a minha maneira.

Ao meu irmão, Mário Rubens de Souza, por ter sido um segundo pai e um porto seguro em todos os momentos da minha vida e pelo Otávio que é nosso maior tesouro e esperança.

Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo e pela amizade que jamais se acabará. Em especial ao Douglas pelas várias conversas, pela troca de livros e de saber e por me ouvir sempre.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul, pela compreensão com seu professor e pelas horas dispensadas para que esta pesquisa fosse possível.

“Bem aventurado o povo dos helenos! Quão grande deve ter sido entre vós Dionísio, se o deus de Delos considera necessárias tais magias para curar vossa folia ditirâmbica!”. – Mas a alguém nesse estado de ânimo, um velho ateniense, erguendo o olhar para ele com o sublime olhar de Ésquilo, replicaria: “Mas dize também isso, ó singular forasteiro, quanto precisou sofrer este povo para tornar-se tão belo! Agora, porém, acompanha-me à tragédia e sacrifica comigo no templo de ambas as divindades!” (Friedrich Nietzsche, 1992).

RESUMO

A presente dissertação de mestrado trata de uma metodologia de ensino de filosofia que visa incorporar a prática da escrita literária no cotidiano de alunos do ensino médio. Tal abordagem metodológica tem como fundamento uma reinterpretação dos diálogos de Platão como obras de ficção literária e como marcos do nascimento daquilo que mais tarde veio se chamar romance. Este passo é dado com o respaldo de Emily Wilson que afirma categoricamente em sua obra *A morte de Sócrates* que Sócrates é o primeiro personagem de romance. Nesta perspectiva, a mudança operada por Platão nas formas estilísticas da escrita de seu tempo cria, substituindo o discurso ritmado e rimado da poesia por um discurso lógico e histórico em prosa, uma nova arte poética, menos sedutora e mais esclarecedora, mas, ainda, catártica e verossímil, elementos que, segundo Aristóteles, são próprios de toda arte poética. Tal interpretação dos diálogos platônicos coloca a possibilidade de incorporar a ficção literária no ensino de filosofia com o objetivo de esclarecer conceitos incorporados em uma vivência dramática fictícia. Os conceitos são pensados e compreendidos em uma relação com os desafios do mundo da vida que o personagem tem, no caso, o próprio aluno, de enfrentar. O instrumento de análise escolhido foi um **Diário de gravidez**, onde o aluno narra uma gravidez precoce: meninos engravidaram alguém, meninas estão grávidas. As dificuldades enfrentadas neste contexto dramático são relacionadas com a história da filosofia e é solicitado do aluno que cite, em algum momento do diário, o pensamento de algum filósofo a fim de jogar luz sobre estas dificuldades. Os resultados da aplicação dessa metodologia confirmam a sua eficácia com algumas restrições. É um método que exige tempo para que o professor possa avaliar com clareza os diários dos alunos. Em média os alunos escrevem entre 5 e 10 páginas originais. Alguns deles podem apresentar talento nato para a escrita e devem ser estimulados a continuar escrevendo. O ambiente, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, onde a pesquisa foi realizada fez toda a diferença na qualidade dos trabalhos dos alunos.

Palavras-chave: diálogo, literatura, catarse, verossimilhança, autorreflexão.

ABSTRACT

This dissertation deals with a methodology of teaching philosophy that aims to incorporate the practice of literary writing in the daily life of high school students. Such a methodological approach is based on a reinterpretation of Plato's dialogues as works of literary fiction and as marks of the birth of what later came to be called romance. This step is given with the backing of Emily Wilson that in his work *The death of Socrates* affirms categorically that Socrates is the first personage of romance. In this perspective, Plato's change in the stylistic forms of the writing of his time creates, replacing the rhythmic and rhymed discourse of poetry with a logical and historical discourse in prose, a new poetic art, less seductive and more enlightening, cathartic and verisimilitude, elements which, according to Aristotle, are characteristic of all poetic art. Such an interpretation of the Platonic dialogues poses the possibility of incorporating literary fiction into the teaching of philosophy with the purpose of clarifying concepts that are incorporated into a fictitious dramatic experience. The concepts are thought and understood in a relationship with the challenges of the world of life that the character has, in this case, the student himself, to face. The instrument of analysis chosen was a pregnancy diary where the student recounts an early pregnancy: boys have impregnated someone, girls are pregnant. The difficulties faced in this dramatic context are related to the history of philosophy and the student is asked to quote at some point in the diary the thought of some philosopher in order to shed light on these difficulties. The results of the application of this methodology confirm its effectiveness with some restrictions. It is a time-consuming method for the teacher to clearly assess students' journals. On average students write between 5 and 10 original pages. Some of them may have a natural talent for writing and should be encouraged to continue writing. The environment, Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso do Sul, where the research was carried out, made all the difference in the quality of students' work.

Keywords: diálogo, literatura, catarse, verossimilhança, autorreflexão.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - O DIÁLOGO PLATÔNICO À LUZ DA <i>POÉTICA</i> DE ARISTÓTELES	5
1.1 AUTORREFLEXÃO E O PODER-SER-SI-MESMO.....	5
1.2 O POÉTICO COMO PATÉTICO E SUA FUNÇÃO FILOSÓFICA	10
1.3 O DIÁLOGO PLATÔNICO COMO EXERCÍCIO FILOSÓFICO-LITERÁRIO	12
A escola de Tübingen-Milão e seus críticos: contra um Platão dogmático.....	14
Platão inimigo das artes ou uma nova espécie de artista?	18
1.4 UMA INTERPRETAÇÃO DRAMÁTICA DO <i>FÉDON</i>	20
1.5 RETOMAR A ORDEM MORAL PERDIDA OU PRODUZIR O GÊNIO? ERIC VOEGELIN <i>VERSUS</i> FRIEDRICH NIETZSCHE	24
CAPÍTULO II - A PRÁTICA DA FICÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO DE FILOSOFIA.....	32
2.1 O FIM DO SILÊNCIO NA FILOSOFIA E A QUESTÃO DA AUTORIA	33
As sombras de Platão: aparência e transparência ou silêncio e comunicação.....	34
O gênio.....	38
Realismo e ficção ou obra de arte crítica.....	47
2.2 O FIM DO SILÊNCIO NA LITERATURA E SEU ETERNO RECOMEÇAR	48
2.3 O ESPÍRITO ARISTOTÉLICO E A COMPOSIÇÃO DO MÉTODO.....	51
Problematização	52
Dramatização.....	55
Investigação	59
Autorreflexão.....	59
2.4 A AVALIAÇÃO ESTÉTICO-ORGÂNICA E VISÃO DE FUTURO	62
2.5 ABORDAGEM QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO.....	65
CAPÍTULO III - DIÁLOGO COM OS ESCRITORES DO FUTURO: UMA CONVERSA ENTRE FILÓSOFOS DE TODOS OS TEMPOS E ALGUNS JOVENS DO SÉCULO XXI	70
3.1 DE REPENTE, NO IFMS.....	71
Campo Grande, 21 de março de 2019, quinta-feira.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
ANEXO I – MAYCON FELIPE MOTA	92
Caça à primeira vista.....	92
O esbarrão.....	92
A erupção de hormônios.....	93

Halls preto.....	93
Será que eu tô.....	94
Autocondenação.....	95
A confirmação.....	95
Ser ético ou não?.....	96
ANEXO II – JÚLIA RIBEIRO DÓRIA.....	98
ANEXO III – ISABELA COSTA DE SÁ.....	119
ANEXO IV – JULIANA AKEMI TEZUKA.....	124
Como tudo começou.....	124
A verdade é revelada.....	127
O momento mais difícil.....	128
A sociedade e eu.....	130
ANEXO V – LENKA AYANO.....	132
ANEXO VI – LETÍCIA SILVA DOS SANTOS.....	144
ANEXO VII – CAMILA VITÓRIA CARNEIRO COSTA.....	151
ANEXO VIII – DAVI AQUINO.....	159
Banheiro.....	159
Casa.....	160
Über.....	160
Quarto da Karol.....	161
Ônibus.....	161
Carro.....	162
Ônibus.....	162
Casa.....	163
Casa da Karol.....	164
ANEXO IX – THIAGO MIRANDA ESTEVAM.....	166
Primeiro mês.....	170
Segundo mês.....	171
Terceiro mês.....	171
Quarto mês.....	172
Quinto mês.....	172
Sexto mês.....	172
Sétimo mês.....	172

Oitavo mês.....	172
Nono mês.....	173

INTRODUÇÃO

O Brasil contemporâneo ainda carrega traços em suas práticas pedagógicas, apesar de todos os esforços realizados por vários pesquisadores, como os dos grandes educadores Paulo Freire e Anísio Teixeira, para citar apenas dois, e das influências de pensadores como John Dewey, de uma educação enciclopedista “herdada” que se perde na poeira do tempo. É uma herança contra a qual, muitos e muitos anos atrás, já Sócrates e Platão denunciavam como mera repetição, *mimesis* no pior sentido, cópia inautêntica da realidade. No ensino de filosofia não é diferente, mesmo depois das seguidas reflexões sobre a obra do filósofo Mathew Lipman por professores e professoras de filosofia em todo o país, mesmo com os vaticínios de Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, muito pouco mudou. O hábito é uma força poderosa, já dizia David Hume. Anísio Teixeira fala, ao comentar no texto *Vida e educação* as propostas pedagógicas de Dewey, sobre o perigo dessa educação enciclopedista e livresca:

Que se esqueça na escola a sua função substitutiva e, ao invés de educação, se esteja aí a obrigar a criança a deveres insípidos e contraproducentes. Que a escola, deslembada da sua função, se torne um fim em si mesma, fornecendo aos alunos um material de instrução que é da escola, mas não da vida.

As escolas passam a constituir um mundo dentro do mundo, uma sociedade dentro da sociedade. Isto, no melhor dos casos, que, no pior, elas se tornam simplesmente livrescas, atulhando a cabeça do aluno com coisas inúteis e estúpidas, não relacionadas com a vida nem com a própria realidade (TEIXEIRA *in* DEWEY, 1980, p. 119).

Observando essas máximas de Anísio Teixeira, nossa perspectiva do processo ensino-aprendizagem não espera que o aluno repita teorias abstratas dos filósofos de todos os tempos, mas que a reflexão crítica sobre tais teorias seja incorporada em uma perspectiva autônoma e singular diante de sua situação existencial. Para isso, iremos propor **práticas de exercício literário** que inserem os alunos em situações existenciais complexas – onde se tornam personagens, atores e autores, de suas próprias atitudes, de suas próprias histórias e de suas próprias ideias, mas onde seu ideal de ser (aquilo que eles gostariam de ser – seu ideal platônico) é contrariado por uma situação existencial “meramente possível”, **verossímil e catártica**, como a poesia para Aristóteles: esperamos poder fundamentar nossa proposta pedagógica em uma reinterpretação dos **diálogos platônicos** à luz de sua *Poética*.

A proposta pedagógica que apresentaremos possui três elementos cruciais:

- 1) Um problema existencial complexo e não desejado deve estar em jogo: uma inevitabilidade (demissão de um trabalho, morte dos pais ou responsáveis etc.); uma injustiça sofrida (vítima de difamação, uma condenação injusta etc.); um deslize pessoal com consequências dramáticas (ter engravidado alguém, ter ficado grávida, ter cometido uma injustiça contra uma pessoa por ignorância etc.).
- 2) A utilização de um estilo textual como recurso de desenvolvimento de raciocínio crítico e como forma de catarse e verossimilhança no sentido aristotélico: diálogos, cartas, diários, peça teatral, contos etc.
- 3) Uma avaliação voltada para o desenvolvimento intelectual (limpeza lógica), para a capacidade de mergulho no *pathos* e para o retorno à nossa *conditio humana* que não se preocupa tanto com a assimilação enciclopedista da história da filosofia, mas com o desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo.

Como forma ilustrativa e resumida de nossa metodologia, fizemos o uso do seguinte problema existencial complexo, forma de expressão literária e método de avaliação:

- Os alunos foram desafiados a se colocar na situação dramática de estarem grávidas (no caso das meninas) ou ter engravidado alguém (no caso dos meninos).
- Contaram essa experiência por meio de um diário, onde deveriam estar expressos os acontecimentos que os levaram a tal situação dramática e os problemas psicológicos, sociais, políticos e existenciais envolvidos em seu drama pessoal, consequências do “deslize”.
- (a) Avalia-se a capacidade criativa do aluno e sua proximidade com a realidade concreta, ou seja, até onde o aluno conseguiu fugir à banalidade e se envolver no *pathos* da questão; (b) até que ponto o aluno conseguiu capturar os elementos moralistas da sociedade contemporânea que exercem sobre sua vida um poder persecutório e condenatório; (c) até que ponto as soluções existenciais do personagem são suficientes no desenvolvimento de uma postura verdadeiramente ética.

Neste sentido, nossa dissertação será composta em três capítulos, as considerações finais e uma seção de anexos onde apresentamos uma seleção dos trabalhos dos alunos que são objeto de análise desta dissertação.

- 1) No Capítulo I, apresentaremos a fundamentação teórica de nossa metodologia que nada mais é que uma reinterpretação do diálogo platônico à luz da *Poética* de Aristóteles pela perspectiva apresentada por Emily Wilson em *A morte de Sócrates*: os diálogos platônicos constituem a invenção da moderna literatura ocidental ou, mais especificamente, do romance. Para isso, apresentamos, também, uma reflexão crítica sobre os diálogos platônicos onde nos perguntamos sobre a função da escrita e o problema da arte em Platão, com o auxílio de autores como Giovanni Reale, Franco Trabattoni, Maxime Schuhl, Eric Voegelin, Paul Ricoeur, Nietzsche entre outros.
- 2) No Capítulo II, aprofundamos a perspectiva encontrada no anterior colocando filosofia e literatura lado a lado para dialogar sobre sua função no mundo contemporâneo. Anunciado o fim da filosofia e da literatura como pretensões de apreender o caos através da linguagem o que restaria ainda para ser dito? A proposta didática que segue é apresentada também neste capítulo e procura dar uma resposta a esta questão afirmando a necessidade da autoria. Trata-se de uma proposta didática para o ensino de ética, fundada na estética, mas que acreditamos poder ser utilizada em outras áreas da filosofia, baseada nas reflexões realizadas e apresentadas na fundamentação teórica, que exige do aluno o exercício de uma prática literária como método de investigação filosófica, semelhante ao diálogo platônico, que visa romper a barreira da mera discussão conceitual, problema do ensino de filosofia levantado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, e levar o aluno a uma catarse no sentido aristotélico do termo. Também as questões sobre eficácia na operação dos jogos de linguagem e sobre o gênio estão intimamente ligadas com esta proposta.
- 3) No Capítulo III, o discurso em terceira pessoa, tão caro às pesquisas acadêmicas é expulso para dar lugar ao diálogo em primeira pessoa: o professor dialoga com seus alunos e com filósofos de todos os tempos, estabelecendo pontes entre os diversos pontos de vistas que brotaram dos trabalhos dos alunos. A linguagem impessoal é conscientemente abandonada para dar lugar ao diálogo personificado em suas personagens. Sabemos que aqui corremos o risco de ser menos “acadêmicos” no sentido que esta palavra adquiriu em nossos tempos, mas confiamos na orientação platônica que nos é mais cara que o academicismo abandonado. Acreditamos que esta prática pode germinar, no leitor desta dissertação, ideias novas que podem estimular seus alunos. Concursos literários

podem ser promovidos para que os alunos disputem um lugar na “seleção” dos trabalhos e na composição de pequenos livros. Em nosso caso, esperamos poder publicar este capítulo em conjunto com o trabalho dos alunos (Anexos).

- 4) Nas Considerações Finais, faremos uma análise crítica da proposta como um todo: as dificuldades encontradas, os problemas por solucionar, as possibilidades de aplicação e adaptação para outras áreas da filosofia, uma vez que nossa proposta concentra-se no ensino de ética.

A sequência didática apresentada em nossa dissertação pode auxiliar professores de filosofia na elaboração de novas técnicas pedagógicas. Esperamos que a comunidade acadêmica possa receber nosso estudo de forma crítica, apontar seus méritos e deméritos, que ele possa gerar discussões e abrir novas possibilidades para a profissionalização da filosofia, mas, principalmente, esperamos que nossa proposta possa continuar a tarefa do romance da filosofia.

Heróis e mocinhas em constante perigo, à mercê de vilões assustadores, em intrigas cheias de reviravoltas surpreendentes são mais antigos que seus fãs imaginam. Há séculos narrativas semelhantes **tiram o fôlego** de leitores e plateias, sem dar sinais de esgotar seu fascínio. O fato é que as fórmulas usadas para emocionar e manter a atenção surgiram há muito tempo, no distante mundo da Antiguidade, quando banais aventuras para entretenimento passaram a ser narradas em prosa (MANZANO, 2011, p. 11, negrito nosso).

É disto que trata o estudo que se desenrola em nossa dissertação: a função de mergulho na experiência humana concreta através da escrita literária no processo de ensino-aprendizagem da filosofia. Como diz Eric Voegelin, em sua análise sobre o *Górgias* de Platão, por meio dessa experiência estética, deste mergulho, reencontrar a comunidade do *pathos* que é base da comunicação existencial.

CAPÍTULO I - O DIÁLOGO PLATÔNICO À LUZ DA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre as características poéticas do diálogo socrático ao estilo platônico, será necessário fazer uma reflexão sobre o problema pedagógico que pretendemos contornar com nossa proposta metodológica sobre o ensino de filosofia.

1.1 AUTORREFLEXÃO E O PODER-SER-SI-MESMO

Nossas inquietações com a problemática do ensino de filosofia no ensino médio, talvez não somente nele, surgiram a partir da meditação sobre um trecho da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, onde o autor fala de certo tipo de aprendizado filosófico infrutífero. A filosofia possui uma finalidade prática (melhorar o homem) e nunca é apenas teórica. Esta finalidade não é possível, segundo o filósofo, se o homem está refugiado em teorias abstratas “descoladas” da prática. Porque a filosofia, assim como a medicina, é essencialmente prática. Essa crítica aristotélica coloca em xeque as formas de ensino de filosofia ancoradas na mera discussão de conceitos abstratos apartados da realidade concreta: a filosofia precisa ter um solo, um chão. Para o ensino de filosofia atingir sua meta é preciso mergulhar no discurso duro dos conceitos até a profundidade da experiência concreta que é sua origem. Nesse sentido, Aristóteles afirma:

É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o homem justo, e pela prática de atos temperantes; o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom.

Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem. Assim como a saúde destes últimos não pode ser reestabelecida com tal tratamento, a alma dos segundos não se tornará melhor com semelhante curso de filosofia (ARISTÓTELES, 1979a, p. 71).

Também o filósofo contemporâneo Mathew Lipman aponta para esse perigo:

A filosofia é vazia se reduzida a uma memorização de “quem disse o quê e quando” ou “como se compara um ponto de vista filosófico com outro”, como fins em si mesmos. Somente adquire significado quando as crianças começarem a manifestar a capacidade de pensar por si mesmas e a descobrir suas próprias respostas a respeito dos assuntos importantes da vida (LIPMAN et al, apud DANIEL, 2000, p. 124).

Tanto para Aristóteles como para Lipman, possuir uma relação com o mundo da vida é fundamental para a filosofia e tal relação pode ser alcançada esteticamente por um exercício de literatura.

Amiúde a prática do ensino de filosofia torna-se uma atividade puramente intelectual no pior sentido. Divagações acerca de teorias abstratas e aquisição cultural descontextualizada da prática existencial geraram certo preconceito em relação a ela ter pouca ou nenhuma aplicabilidade prática. Preconceito retratado na série *Merli*¹ onde uma mãe de aluno, em um diálogo com o professor de filosofia cuja série leva o nome, se refere à filosofia dizendo: “– Mas é **só** filosofia”.

Ainda segundo Aristóteles, todas as coisas são definidas pelo seu fim². Duns Scot afirmava, no mesmo espírito: “o que não é efeito não é “finido”” (2015, p. 37). Tudo aquilo que é efeito possui um fim. A educação filosófica possui, portanto, enquanto é produção humana, ou seja, enquanto efeito da atividade humana, uma finalidade que lhe é própria. A finalidade do ensino de filosofia para jovens do ensino médio é dupla: de um lado pretendemos formar o **cidadão responsável para consigo mesmo e para com o outro**, que atua na sociedade de maneira ética e justa – **o homem ético**; de outro, pretendemos **liberar as potências lógicas e criativas da inteligência humana para que se torne crítica**, ou seja, capaz de refletir e se posicionar sobre os problemas do mundo contemporâneo de maneira criativa e rigorosa – **o gênio**.

O método que iremos apresentar pretende dar passagem e auxiliar na travessia, os fins, as metas que persegue extrapolam sua competência, uma vez que o pleno desenvolvimento das potências humanas (caráter e gênio) necessita de um longo trabalho que ultrapassa o ensino médio, estamos convictos, entretanto, de que pode ajudar neste desafio que a cultura impõe à humanidade desde Sócrates.

Abrir passagem para essas potências exige de nós, professores de filosofia, um trabalho especial e um cuidado com nossas aulas. O cuidado também é duplo: de um lado, temos de ter cuidado em não propor exercícios meramente práticos; de outro, a reflexão não pode caminhar sem a companhia da prática. Não se trata de estabelecer determinados

¹ Série de TV que foi ao ar em 14 de setembro de 2015 no horário nobre, produzida pela TV3, criada e escrita por Ector Lozano, dirigida por Eduardo Cortés, que gira em torno de um professor de filosofia que busca instigar nos seus alunos a pensar livremente.

² *Ética a Nicômaco*, 111b 21.

exercícios práticos irrefletidos como, por exemplo, exigir que os alunos pratiquem a caridade duas vezes por semana (como ajudar um asilo de velhos)³, pois, como a ação será realizada com outra finalidade distinta da caridade em si (no caso, tirar uma boa nota de filosofia), assim que o motivo tiver deixado de existir, também os meios deixarão de ser necessários. Para tornar o jovem, por meio do ensino de filosofia, um cidadão ético, moralmente responsável, toda ação necessita ser acompanhada de reflexão. Neste sentido, afirma Aristóteles: “é mister que o agente se encontre em determinada condição ao praticá-los: **em primeiro lugar deve ter conhecimento do que faz; em segundo, deve escolher os atos, e escolhê-los por eles mesmos**” (*idem*, p. 70-71, grifo nosso).

Acreditamos que a escolha consciente de nossos atos pode se dar mediante a elaboração de um projeto de vida ideal, no qual todas as condições são favoráveis à realização de um ser si mesmo. Assim como Platão descreve, na *República*, uma situação política ideal onde o filósofo seria o governante da cidade sem deixar de atentar para os desafios que a realidade irá impor a este ideal, necessário é ter presente para si um si mesmo ideal e estar atento para os desafios que ameaçam esse projeto. Estar atento aos desafios para poder enfrenta-los, para deles não precisar fugir. O confronto entre o projeto de si e os desafios do cotidiano cria uma tensão dramática por meio da qual a escolha dos nossos atos pode ser feita de maneira consciente. Habermas afirma, ao comentar a estrutura do poder ser si mesmo em Kierkegaard em *O futuro da natureza humana*, que:

A pessoa que assim se torna consciente de si mesma “tem a si próprio como uma tarefa, que (lhe) é imposta, mesmo que a tenha escolhido conscientemente”.

[...] Toda atenção se destina, sobretudo, à estrutura do poder ser si mesmo, ou seja, à forma de uma autorreflexão ética e a uma escolha de si mesmo, determinada pelo interesse infundável em que o projeto de vida tenha êxito. De maneira autocrítica, o indivíduo apropria-se de seu passado histórico, efetivamente encontrado e concretamente rememorado, tendo em vista as possibilidades de ações futuras. Somente assim ele faz de si uma pessoa insubstituível e um indivíduo inconfundível (HABERMAS, 2010, p. 10).

Nossas ações tornam-se “ações conscientes” mediante o confronto entre o projeto conscientemente escolhido e os desafios/obstáculos à realização de tal projeto. Trata-se de uma vida refletida à maneira de Sócrates.

³ Não que a prática de ações desse tipo não tenha alguma eficácia, de fato ela têm até mais eficácia do que o mero discurso sobre a importância da caridade.

Platão apresenta, na *Defesa de Sócrates*, como o projeto de vida escolhido pelo próprio Sócrates – levar a vida de filósofo – foi confrontado pelo desafio/obstáculo do risco de morte. Não está em jogo apenas a questão da honra – justiça e coragem – como pode parecer em um primeiro momento. A coragem⁴ para enfrentar o perigo de morte não se dá apenas porque é nobre fazê-lo, mas porque enfrentar o perigo de morte faz parte do projeto de vida escolhido por Sócrates. Apesar de Sócrates argumentar que em nossas ações devemos apenas considerar se o que fazemos “é justo ou injusto, de homem de brio ou de covarde” e compare sua situação com a do herói da *Iliada*, Aquiles⁵, é uma coincidência que os projetos de vida de ambos os levem a ter de encarar o perigo de morte e preferir a morte a ter de abandonar o projeto de vida por eles escolhido, pois as motivações individuais são diferentes. Aquiles não pode temer o perigo de morte porque escolheu ser um herói, era assim que gostaria de ser lembrado; Sócrates, por sua vez, não pode temer a morte porque temeria, agindo dessa forma, algo desconhecido, supondo saber o que não sabe e não se portando, portanto, como filósofo.

Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe? É, talvez, nesse ponto, senhores, que difiro do comum dos homens; se nalguma coisa me posso dizer mais sábio que alguém, é nisto de, não sabendo o bastante sobre o Hades, não pensar que o saiba. Sei, porém, que é mau e vergonhoso praticar o mal, desobedecer a um melhor do que eu, seja deus, seja homem; por isso, na alternativa com males que conheço como tais, jamais fugirei de medo do que não sei se será um bem (*Id. Ibid.*, p. 15).

Os dois destinos são confrontados pelo mesmo desafio/obstáculo – o perigo de morte –, mas as motivações individuais de Sócrates e Aquiles, como vimos, são distintas. Mesmo que os desafios/obstáculos e as respostas sejam similares – no caso, o **perigo de morte** e a **coragem para enfrentá-lo** – as motivações derivam de projetos de vida diferentes. As ações de ambos tornam-se conscientes na medida em que são analisadas dentro do âmbito daquela “tarefa autoimposta do poder ser si mesmo”, como Kierkegaard a entende. Mais que isso: nossas ações nos tornam seres individuais que podem se autorresponsabilizar pelos próprios atos⁶. Para que o aluno possa se autorresponsabilizar pelas suas ações, para que possa pensar

⁴ A coragem em si mesma não é uma virtude.

⁵ Diante do perigo de morte anunciado por Tétis⁵, o herói afirma: “Morra eu assim que castigue o culpado, mas não fique por aqui, alvo de risos junto das curvas naus, como um fardo da terra” (PATÃO, 1980, p. 14).

⁶ O livro *O futuro da humanidade* de Habermas, coloca uma problematização sobre essa autocompreensão ética. Para Habermas, “Até hoje, o pensamento secular da modernidade europeia pôde, tanto quanto a crença religiosa,

por si mesmo, é necessário que tenha como projeto de vida uma tarefa imposta e, ao mesmo tempo, escolhida livremente.

Uma das dificuldades nas aulas de filosofia é a de que o aluno compreenda a relevância do conteúdo a ser estudado para sua vida. Práticas pedagógicas antigas apresentam o conteúdo de filosofia como a apropriação memorativa de temas, períodos culturais e autores. Essa prática do ensino de filosofia esbarra – principalmente no que diz respeito ao ensino de ética, mas não somente a ele – no problema levantado por Aristóteles: de que o estudante de filosofia atue como um paciente que espera curar-se sem tomar o remédio.

O problema levantado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* – que pretendemos resolver recorrendo à sua *Poética* e a uma reinterpretação dos diálogos socráticos com as características estilísticas que Platão imprimiu a eles – reaparece na interpretação que Eric Voegelin faz do *Górgias*.

Pathos é o que os homens têm em comum, por mais variável que possa ser em seus aspectos e intensidades. O pathos designa uma experiência passiva, não é uma ação; é o que acontece ao homem, o que ele sofre, o que recai sobre ele por obra do destino e o que o toca em seu núcleo existencial – como, por exemplo, as experiências de Eros (481C-D). Em sua exposição ao pathos, todos os homens são iguais, embora possam diferir amplamente na maneira como o enfrentam e em como incorporam as experiências em sua vida. Existe o toque esqueliiano mesmo nessa obra da primeira fase de Platão, com a sua sugestão de que o pathema experimentado por todos pode resultar numa mathema diferente para cada homem. A comunidade de pathos é a base da comunicação. Por trás das atitudes endurecidas e intelectualmente embasadas que separam os homens estão as pathemata que os unem. Por mais falsa e grotesca que possa ser a posição intelectual, o pathos no núcleo tem a verdade de uma experiência imediata. Se for possível penetrar nesse núcleo e redespertar num homem a consciência de sua conditio humana, a comunicação no sentido existencial tornar-se-á possível (VOEGELIN, 2015, p. 90-91).

A maioria dos problemas éticos contemporâneos, como o aborto ou a morte, por exemplo, podem passar como falsos problemas para os alunos, uma vez que, para a maioria deles, o aborto não é “de fato” um problema que eles teriam que lidar, mesmo assim são

partir do princípio de que a constituição genética dos recém-nascidos e, por conseguinte, as condições orgânicas iniciais para sua futura história de vida escapavam da manipulação intencional feita por terceiros. Certamente, a pessoa em crescimento pode submeter sua história pessoal a uma avaliação crítica e a uma revisão retrospectiva. Nossa biografia compõe-se de uma matéria da qual nos podemos “apropriar” e pela qual podemos, no sentido de Kierkegaard, “nos responsabilizar”” (*Op. cit.*, p. 19). Essa autocompreensão pode ser abalada no caso de um dia essas condições iniciais serem, segundo o autor, manipuladas geneticamente por terceiros. Esta suposição pode ou não ser confirmada e é um problema que escapa à reflexão proposta para esta dissertação. No entanto, o surgimento do “espírito” na matéria, como da própria matéria continua misterioso e não podemos adivinhar como ele iria se comportar no caso de uma intervenção genética.

convocados todos os dias a opinar sobre um tema que parece não lhes dizer respeito. Assim como para Sócrates, como tentamos demonstrar, o problema da morte só toma uma dimensão ética a partir das relações que estabelece entre o projeto de vida conscientemente escolhido por ele, as posições dos alunos sobre temas como o aborto ou a morte só tornam-se reflexões éticas quando estão intimamente ligadas com aquela **tarefa autoimposta** pelo poder ser si mesmo.

1.2 O POÉTICO COMO PATÉTICO E SUA FUNÇÃO FILOSÓFICA

As afirmações de Aristóteles na *Ética a Nicômaco* nos levaram a refletir sobre outro parágrafo do filósofo, agora da *Poética*, onde os efeitos do discurso poético são abordados e Aristóteles “recupera” a dignidade da poesia (perdida com Platão?), reconhecendo-lhe uma dimensão filosófica mais importante que a própria história. A função filosófica da poesia apresentada no famoso Capítulo IX – *Poesia e história. Mito trágico e mito tradicional. Particular e universal. Piedade e terror. Surpreendente e maravilhoso* – é a capacidade de “mímeses” (verossimilhança) de um universal possível.

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta, narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que são em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nome às suas personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu (ARISTÓTELES, 1979b, p. 249).

Aristóteles afirma ser a poesia mais filosófica que a história uma vez que a poesia trata do hipotético (por necessidade e verossimilhança) e visa o universal, ainda que seus personagens sejam particulares. O possível poético não é meramente possível em sentido fraco, como possibilidade abstrata. Uma vez que o poético nos faz experimentar possibilidades patéticas, nos coloca em contato com o *pathos*: aquilo que acontece ao homem por obra do destino (VOEGELIN, 2015). O que é possível acontecer ao homem pode ser sentido por meio do discurso poético ou existencialmente. Como diz Santoro (2007, p. 10):

Aristóteles consegue justificar a utilidade moral de produzir terror e piedade como certo tratamento homeopático que, pela representação de situações terríveis e a provocação das respectivas emoções no espectador, não o enfraquece como a um covarde compassivo, mas o torna mais forte.

Aristóteles não classificou em sua *Poética* o romance ou os contos, pois estes ainda não haviam se configurado como o gênero literário que para alguns inicia no período alexandrino e para outros no medieval⁷ onde finalmente “receberiam o nome pelo qual todos [...] conhecem: romance” (MANZANO, 2011, p. 11). Os diálogos socráticos com as características específicas que Platão inseriu neles também não foram classificados⁸.

Como autor de diálogos filosóficos, portanto, tendo Sócrates como quem dirige o discurso, Platão era apenas mais um, dentre os inúmeros autores de *logoi socratikoi* (Clay, 1994, p. 23-47). Parece que aos poucos Platão conquistou o seu perfil próprio, se impôs como autor e filósofo, e acabou então por colocar os outros na penumbra. Do ponto de vista formal e de conteúdo, o que deve ter contribuído para isso, foram os diálogos brilhantes como, por exemplo, o *Górgias*, assim como a fundação da Academia por volta de 388/7 a. C. Assim Platão acabou se tornando a figura dominante no movimento “socrático”, pois conseguiu conjugar enquanto filósofo e autor, elementos tradicionais e inovadores de modo que mesmo nos diálogos literários de Platão começou-se a falar de um novo começo (ERLER, 2013, p. 72).

O que começa com Platão? Que novo começo? Não seria propriamente o romance? Levando em consideração o que diz Emily Wilson⁹, sobre Platão ter sido o criador da do romance, poderíamos estender o comentário que Aristóteles faz sobre a poesia também aos romancistas desde Platão. Essa nova perspectiva nos permite olhar os diálogos platônicos como obras de ficção literária onde questões filosóficas são discutidas. O discurso poético traz à tona o verossímil e conecta o homem àquilo que é universal para todos os homens (o acordar, o dormir, o sentir-se bem, o amar, o sofrer, o morrer etc.) – o *pathos*. As ações possíveis (*mathema*) para que o projeto de vida de Sócrates não naufrague diante do desafio/obstáculo da morte (*pathema*) ganham concretude nos diálogos.

Se a nossa interpretação sobre a *Poética* de Aristóteles estiver correta, apesar de o filósofo não ter tratado do romance como o entendemos hoje, este – diálogo socrático ao estilo de Platão – teria a função de preencher a lacuna das experiências não vividas, mas possíveis, e, como todo discurso poético, enriquecer nossa experiência existencial comum.

⁷ Comumente se atribui o início da literatura ao *Dom Quixote* (MOISÉS, 1974, p. 400).

⁸ Há uma pequena menção a este estilo de escrita, os diálogos socráticos, que ainda dava seus primeiros passos, o próprio Aristóteles reconhece que, em sua época, não havia ainda um denominador comum com o qual pudesse classificar tanto os diálogos socráticos como vários outros estilos textuais que se utilizavam de muitas técnicas.

⁹ PhD em literatura clássica comparada, professora de letras clássicas na Universidade da Pensilvânia.

Com isso, perfurar o mero discurso conceitual até o núcleo existencial do *pathos*. A comunicação deixa de ser mera teoria e passa ser uma comunicação existencial que permite devolver ao homem sua *conditio humana*, solo de onde brota o verdadeiro sentido da filosofia.

O método de ensino de filosofia que iremos propor será orientado por uma reinterpretação dos diálogos de Platão como sendo o primeiro e decisivo passo do romance como o entendemos hoje. Esse passo será dado com o respaldo do estudo feito por Emily Rose Caroline Wilson, em seu livro *A morte de Sócrates*.

1.3 O DIÁLOGO PLATÔNICO COMO EXERCÍCIO FILOSÓFICO-LITERÁRIO

Sim, por Hera, que belo recanto! Este plátano é de fato bem copado e alto, e a pimenteira silvestre tem altura e sombreado belíssimo, e como está em plena florescência não poderia deixar mais embalsamado o lugar! E ainda a fonte, com que graça flui sobre o plátano, de água tão fresca que é só por o pé e comprovar. Um santuário de ninfas e de Aqueloo, a julgar pelas estátuas juvenis e pelas imagens do deus, é o que parece ser. E ainda, se preferes, o bom ar do local como é delicioso e extremamente agradável! Estival e sonoro ressoa ao coro das cigarras! Mas o mais fino de tudo é o relvado, que em suave aclave naturalmente se presta a quem nele se deita a ter a cabeça bem à vontade. Assim, um excelente guia te mostraste ao estrangeiro, caro **Luís**.¹¹

Essas belas palavras assim proferidas, não poderiam ser as palavras de um romancista do século XXI narrando uma de suas viagens a Atenas? E se disséssemos que são as palavras de um dos diálogos de Platão? Em que, necessariamente, a filosofia de Platão difere da atividade de um escritor de romances? Platão é um escritor de romances ou um filósofo? O que são os diálogos de Platão? Que mudanças os diálogos de Platão promovem nas formas artísticas e poéticas da antiguidade clássica? Queremos propor uma reinterpretação dos diálogos de Platão como sendo o passo decisivo para a constituição do romance e compreender a evolução deste estilo textual como um movimento de aproximação e distanciamento de sua fonte original: Platão. Aquilo que começa com Platão na constituição dos seus diálogos alcança seu apogeu muito tempo depois, quando o estilo textual criado por Platão difunde-se por todo o ocidente como sendo a mais perfeita forma de nos compreender a nós mesmos, a mais perfeita forma de humanidade. Como diz D. H. Lawrence em *Why the novel matters*:

¹¹ Intencionalmente modificado, no original de Platão: “caro Fedro!”.

Nada é mais importante do que a vida [...]. Por esta razão eu sou um romancista [...]. O romance é o livro brilhante da vida. Livros não são a vida. São apenas vibrações no éter. Mas o romance é uma vibração que pode estremecer o homem por inteiro. O que é mais do que a poesia, a filosofia, a ciência ou qualquer outro livro estremecedor pode fazer (apud MANZANO, 2011, p. 9).

Pensar os diálogos socrático-platônicos como romances implica uma interpretação diferenciada da filosofia. Apesar de Sócrates ser um homem real – “de carne e osso”, o Sócrates de Platão é também uma personagem literária. A primeira, na realidade (WILSON, 2013). No nascimento desse personagem, se somos autorizados a concordar com Emily Wilson, Platão funda nas formas estilísticas da literatura ocidental o gênero do romance ao mesmo tempo em que os personagens dos diálogos produzem uma filosofia, a filosofia de Platão. Sócrates é um desses personagens, um dos personagens de Platão. “A reconstrução de um Sócrates ‘histórico’ parece ser tarefa impossível, considerando a falta de fontes. O Sócrates que formou Platão foi o Sócrates conforme visto por Platão” (VOEGELIN, 2015, p. 67).

Segundo Wilson o Sócrates de Platão é o “primeiro personagem de romance”, e Platão o “criador da moderna literatura ocidental¹²”. Sócrates não deve ser visto apenas como o homem real de carne e osso e, nesse sentido, os diálogos não possuem uma função meramente histórica e jornalística, mas uma função estética e uma ética como entendia Aristóteles. Sócrates representa o universal do filósofo e do destino do filósofo em sua aventura na *pólis*, símbolo poético de uma existência possível – universal no particular.

Platão queria encontrar respostas para as questões que Sócrates – na vida e na morte – havia formulado e deixado sem resposta. Se a Atenas democrática pôde executar o homem que era “o mais corajoso, o mais sábio e o mais justo de nosso tempo”, então Platão precisava imaginar um novo sistema social no qual os filósofos fossem – como em sua *República* – não proscritos, mas reis. O Sócrates agonizante não era só o mentor de Platão, mas seu assunto, e sua criação, afinal de contas. O Sócrates de Platão é o primeiro personagem “de romance” na literatura. Platão, o fundador da metafísica e do pensamento político ocidental, foi também o criador, por meio de Sócrates, da moderna literatura ocidental (WILSON, 2013, p. 122).

Compreender Platão como o primeiro escritor de romance implica uma atitude de prática filosófica, tanto do ponto de vista do autor como do ponto de vista do leitor. Neste

¹² O termo “moderna literatura ocidental” não nos parece suficientemente claro. Platão é um homem da Antiguidade Clássica e não poderia ser considerado o criador de uma literatura “moderna”, entretanto, Wilson parece se referir aqui ao ápice que o romance enquanto estilo literário irá alcançar na modernidade. O romance moderno leva a cabo a tarefa iniciada por Platão, leva a prosa até suas últimas consequências até os limites do dizível.

ponto, Wilson concordaria com Ricoeur (2014, p. 28): “Um diálogo de Platão sempre deve ser compreendido em sua unidade dramática”. O diálogo platônico como romance implica, também, uma reorientação prática para o processo ensino-aprendizagem da filosofia. Uma vez que o romance é o gênero literário utilizado por Platão na composição de sua filosofia, não seria prudente, portanto, adotá-lo no processo de ensino-aprendizagem da filosofia?

Se estivermos corretos, esperamos que nossa pesquisa possa orientar futuros professores de filosofia sobre o “como” e o “porque” de inserir a prática literária no seu processo de ensino-aprendizagem.

A escola de Tübingen-Milão e seus críticos: contra um Platão dogmático

Como estamos falando da função da escrita na filosofia de Platão, nosso problema possui proximidade com a discussão histórica entre a escola de Tübingen-Milão e seus críticos. Em resumo, a escola de Tübingen propõe uma reinterpretação da filosofia de Platão que tem como tese que o significado mais profundo da filosofia platônica – seu sistema dogmático – só pode ser compreendido com o auxílio da tradição indireta e das famosas “doutrinas não-escritas”. A tese dos mestres da escola de Tübingen-Milão irá contrapor-se ao paradigma que impera nas interpretações de Platão desde as contribuições de Schleiermacher.

O postulado fundamental do paradigma de Schleiermacher é o da autonomia dos diálogos como obra de arte na qual se fundam intimamente forma e conteúdo, assumindo assim a forma dialógica uma dignidade ontológica que a torna, por excelência, imagem e expressão do absoluto (LIMA VAZ *in* REALE, 2004, p. XIII).

Os pesquisadores da escola de Tübingen-Milão irão contrapor a essa interpretação uma nova que pretende, ao tentar recuperar a tradição indireta como fonte fidedigna do pensamento platônico, estabelecer o ensinamento oral de Platão como o verdadeiro núcleo de sua filosofia e rebaixar os diálogos a uma função propedêutica, mas ainda não filosófica. Para Reale (2004), recuperar o peso da tradição indireta sobre o pensamento de Platão iniciaria uma nova era nas pesquisas de história da filosofia, uma revolução científica nos moldes propostos por Thomas S. Kuhn. É o que diz Lima Vaz na Introdução de *Para uma nova interpretação de Platão*.

A tese dos mestres de Tübingen é apresentada por Reale como uma verdadeira “revolução científica” (no sentido de T. S. Khun) na historiografia filosófica do platonismo. E, se pensarmos na posição arquetipal de Platão na história da filosofia ocidental, é toda essa história que passa a ser vista sobre nova luz (*id ibidem*).

Nossa interpretação de Platão não pretende adaptar-se ao “novo paradigma” proposto por Reale. Não só não concordamos com ele, como estamos mais propensos a continuar seguindo o velho paradigma schleiermacheriano, uma vez que em nossa perspectiva os diálogos platônicos são mesmo obras de arte e é como obras de arte que eles nos interessam. Talvez este paradigma ainda não tenha esgotado todas as suas possibilidades ou, como pensa Franco Trabattoni, em *Oralidade e escrita em Platão*, o auxílio à tradição indireta não represente um passo tão decisivo na história das pesquisas científicas em torno da obra de Platão. Trabattoni aponta as principais características da escola de Tübingen-Milão.

[...] em primeiro lugar, identificaram a tradição indireta com o ensinamento oral de Platão ao qual se referem tanto Aristóteles, no passo da *Física* [...], quanto o discípulo de Aristóteles, Aristóxeno, que fala de uma ou mais preleções orais realizadas por Platão sobre o problema do bem. Depois, defendiam que precisamente no ensinamento oral, do qual a tradição indireta felizmente conserva alguns traços, fosse reconhecido o núcleo forte e filosoficamente dominante do pensamento platônico, enquanto as obras escritas teriam uma função subordinada, em parte propedêutica (isto é, preparatória para a verdadeira filosofia, que se ensina apenas oralmente) em parte rememorativa (ou seja, útil para recordar as coisas, de acordo com uma função que é própria do escrito) (TRABATTONI, 2003, p. 28).

Krämer é um dos autores que defendem essa nova perspectiva em torno das pesquisas sobre Platão. Segundo ele, recorrer à tradição indireta pode ampliar o horizonte da filosofia de Platão fazendo que ele ganhe como filósofo sem perder como escritor.

Para uma construção de uma imagem reflexiva de Platão, a tradição indireta traz um considerável acréscimo e incremento do conteúdo filosófico que ampliam de maneira significativa, para além dos escritos, o horizonte da filosofia de Platão [...]. Com isso, Platão ganha de maneira decisiva como filósofo, sem perder, por outro lado, nada como escritor (KRÄMER apud REALE, p. 1).

Questionamos, neste ponto, os autores da escola de Tübingen-Milão. Tal separação, demasiadamente arbitrária, entre um Platão artista (escritor) e um Platão filósofo se faz realmente necessária? Faria sentido separar o Nietzsche do *Assim falava Zaratustra* do Nietzsche de *Além do bem e do mal*? Ao contrário do que pensam os estudiosos da escola de Tübingen-Milão, não seria mais lúcido de nossa parte concordar com Nietzsche, que em *O nascimento da tragédia* aponta a arte e o mito como fins de toda especulação racional, mesmo sendo ela científica? Neste sentido, preferimos nos filiar à tradição schleiermacheriana das interpretações de Platão.

Trabattoni, autor que seguimos em nossa interpretação, é um crítico da escola de Tübingen-Milão. Para ele, pensar uma filosofia platônica definitiva e esquemática que só poderia ser transmitida de maneira oral é como que ignorar a imagem que o próprio Platão tinha da filosofia e de sua ligação com *Eros*. Trabattoni (2003) afirma em sua análise do *Fedro* que a filosofia é sempre Φιλο-σοφία e nunca Σοφία e que o filósofo só pode encontrar a sabedoria verdadeira depois que a sua alma desencarnar de seu corpo. Duas passagens da obra de Trabattoni nos parecem decisivas e colocam fim às pretensões dogmáticas das interpretações da escola de Tübingen-Milão e principalmente no que diz respeito à tentativa de Giovanni Reale de, partindo dessas interpretações, estabelecer uma verdadeira “revolução científica” nos estudos de Platão semelhante à mudança de paradigma operada pelo modelo heliocêntrico ao substituir o modelo geocêntrico.

Segundo Trabattoni, em primeiro lugar, passou despercebido a Reale que a relação que Platão estabelece entre *Eros* e a filosofia impede que se procure no filósofo uma doutrina acabada e sistemática.

O objetivo do *Fedro*, [...], consiste, em primeiro lugar, em atestar que o saber mais alto que o homem pode alcançar é filosofia e não *sophia*, e que, por conseguinte, a filosofia necessita de *eros* e da persuasão; em segundo lugar, em mostrar que o saber filosófico, mesmo tão enfraquecido e misturado com o irracional, permanece, contudo, muito distante da ignorância e do irracional em sentido comum. Assim como o amor filosófico é diverso do amor vulgar, a persuasão desenvolvida pelo filósofo é diversa daquela produzida por logógrafos, retores e sofistas, os discursos do filósofo Sócrates, mesmo se fundados num assunto errado, são sempre melhores que os de Lísias. As diferenças evocadas no *Fedro*, noutras palavras, não tem o objetivo de separar o branco do preto, o bem do mal, mas de fazer observar a diferença onde há aparência de proximidade (TRABATTONI, 2003, p. 116).

Mais adiante, Trabattoni ainda afirma:

Se não se compreende a relação entre *eros* e persuasão, em suma, não se entende por que a razão filosófica objetiva e impessoal não existe (tal seria *sophia*), e, por conseguinte, a filosofia permaneceria, em todo caso, devedora dos impulsos do desejo e dos estímulos de uma persuasão corretamente orientada (*idem*, p. 116-117).

Tal relação da filosofia com *eros*, em outras palavras, seu caráter irracional, torna inútil toda a busca por uma filosofia platônica acabada e sistêmica, mas não apenas isso. Por mais que a reminiscência possa despertar a lembrança do Mundo das Ideias, é impossível transmiti-las com fidelidade absoluta, seja pela comunicação escrita ou oral. Somente na morte, na separação entre a alma e o corpo, será possível vislumbrar as ideias em toda sua

completude e perfeição. Como diz Ricoeur (2014, p. 20) “A investigação platônica sobre as essências sempre assume um aspecto crítico: a ‘caça’ às essências é uma caça que não parece ser bem sucedida”.

A interpretação de Reale e da escola de Tübingen-Milão também parece oposta à interpretação de Ricoeur fundada, também, no conteúdo da Carta VII. Para o filósofo francês:

O sentido da Carta VII é denunciar uma armadilha da filosofia das essências: a filosofia não é uma tagarelice anti-heraclitiana sobre as essências. A filosofia é difícil, sempre exige esforço, um sacrifício. A essência não é o mais próximo e sim o mais distante. Essa carta, que envolve uma moral do conhecimento, tem a mesma ênfase que o último escólio da *Ética* de Espinosa: “tudo o que é belo é tão difícil quanto raro”. O tempo da verdade é um tempo que tem sua própria maturação, seu próprio ritmo, e que é muito diferente do tempo da indústria, em que sempre se pode abreviar um processo de fabricação. Os sofistas fizeram crer que a educação filosófica era uma técnica como as outras, que se pode acelerar ou facilitar. É uma disciplina que tem mais parentesco com a purificação dos mistérios do que com a técnica dos artesãos: a essência é sempre a via longa. A linguagem aqui é a mesma dos pitagóricos, de Parmênides: a filosofia é uma via, uma viagem. A grande distância até a verdade é uma primeira razão para multiplicar os graus de saber: o tema dos intermediários é introduzido a título de progressão ascética. Cada estágio só está ali como um negativo: ainda não é verdade (*idem*, p. 21-22).

Não por acaso, Sócrates aparece feliz e calmo no *Fédon*, no exato momento de sua morte, ou seja, no fim da vida, depois de tantas dificuldades, depois de tantas conversas, finalmente, suas perguntas serão respondidas.

Se esta é a imagem que Platão tinha da filosofia, é claro, então, que não mais é lícito sustentar que a provisoriamente do ensino escrito seria superada pelo caráter definitivo da doutrina oral. Isto, naturalmente, não significa que *eros* e a filosofia sejam por natureza inconcludentes e ineficazes, mas que sua eficácia é parcial e sempre provisória no universo mundano, enquanto pode encontrar seu acabamento somente na dimensão supramundana e metafísica. Tal diferença é adequadamente ilustrada no segundo discurso de Sócrates que aparece no *Fedro* (onde se diz que a visão das idéias é reservada somente à alma desencarnada), em pleno acordo conquanto a teoria da reminiscência prevê e com o que Platão havia escrito no *Fedro* (*idem*, p. 118).

Eric Voegelin, em seu comentário ao *Górgias*, também realiza uma interpretação nesse sentido, quando retoma no núcleo do diálogo a orientação de *Eros* pela *Sophrosine* e na busca pelo *Aghaton* que só pode ser realizada mediante uma *catarse*. Para Voegelin, há uma função catártica no diálogo platônico: para Sócrates, ele afirma, “o diálogo é uma tentativa de

submeter os outros, ao menos provisoriamente, à catarse da morte” (VOEGELIN, 2009, p. 104).

Platão inimigo das artes ou uma nova espécie de artista?

Sabemos que Platão foi o grande crítico das artes do seu tempo. No livro X da *República* a crítica às artes miméticas é muito severa, mas as palavras finais versam sobre uma possível reconciliação. Sócrates, por uma reverência a Homero, espera por alguém que possa mostrar os benefícios que a poesia poderia ter na cidade justa. Não teria o diálogo platônico essa função? Pode não parecer tão estranho assim, portanto, querer associar o filósofo grego e seus textos à literatura, como pensa Emily Wilson, ou encontrar neles um elemento catártico, como pensa Voegelin, ou uma função retórico-dramática como na crítica de Trabattoni à escola de Tübingen-Milão e, principalmente, à interpretação de Giovanni Reale.

Em geral, o texto platônico requer os mesmos procedimentos de análise utilizados em qualquer texto encenado no qual, conquanto seja lícito encontrar algumas opiniões efetivamente defendidas pelo autor, é necessário analisar o texto em seu conjunto, fazendo com que tais opiniões se originem do enredo dramático de ação e de diálogo (TRABATTONI, 2003, p. 22).

Também Pierre-Maxime Schuhl apresenta, no livro *Platão e a arte de seu tempo*, uma visão de Platão um tanto diferente daquela que se difunde nos ambientes menos cultos, de um “Platão inimigo das artes”. É inegável que o filósofo grego desferiu muitos e duros golpes aos artistas do seu tempo e à arte em geral.

Platão, contudo, mostrou-se, em toda a sua obra, um artista genial demais para que essa atitude possa se explicar por uma falta de sensibilidade à arte. Sua prosa luminosa tem a riqueza e a maleabilidade transparente dos leves tecidos com que os escultores de seu tempo recobrem o corpo das Vitórias de Pírgos de Atena Niké; e o prólogo *ilíseos* do *Fedro*, no qual é narrado a lenda do rapto de Oríteo por Bóreas, tem a graça do grupo contemporâneo que representa este ato (SCHUHL, 2010, p. 10).

É certo que não há na *Poética* de Aristóteles uma menção aos diálogos platônicos¹³, no entanto, como estamos tentando demonstrar, o diálogo platônico possui os mesmos elementos de catarse e verossimilhança que Aristóteles atribui à poesia em geral. Antecipamos que esta dupla função do diálogo platônico – catarse e verossimilhança – será didática e amenizará o problema pedagógico levantado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*.

¹³ Aristóteles fala sobre os diálogos socráticos logo no início da *Poética*, mas não os classifica.

Por ora, iremos procurar mostrar o como e o porquê de o diálogo platônico, assim como o gênero literário que ele funda, o romance, cumprir essa dupla função.

Os diálogos platônicos narram a vida do filósofo de um ponto de vista existencial, mas também ideal – se os atenienses foram capazes de matar o mais sábio entre os seus, como diria Emily Wilson, seria necessário idealizar um mundo onde o filósofo não fosse proscrito, mas o rei filósofo – nesse sentido, a república idealizada por Platão, tanto na *República* quanto nas *Leis*, nada mais é que uma tentativa de pensar como deveria ser organizado um estado dessa natureza, mas o plano existencial da morte do filósofo está sempre no fundo da reflexão filosófica e como a caça às essências nunca chega a bom termo nesta vida a filosofia se torna uma preparação para a morte. A Alegoria da Caverna vem nos lembrar, que no centro da discussão sobre a elaboração desse estado ideal está a impossibilidade existencial de um estado dessa natureza se realizar no plano físico.

Como vimos, segundo Trabattoni (2003), os diálogos platônicos exigem os mesmos procedimentos de análises de qualquer texto literário. É o enredo dramático que faz surgir o pensamento de Platão. Fora do enredo dramático, as opiniões dos personagens são apenas teorias abstratas, mesmo que aqui e ali possam coincidir com as opiniões que o próprio Platão tinha a respeito dessas questões. Isso implica que as teses filosóficas defendidas pelos personagens só ganham importância no conjunto do enredo do diálogo, não raro, nas suas ligações com diálogos posteriores e/ou anteriores de uma tetralogia. Uma interpretação deste tipo exige que o enredo dramático ganhe centralidade no diálogo em detrimento das posições filosóficas aqui e ali apresentadas. É nesse sentido que Schuhl (2010) irá aproximar o diálogo platônico das artes em razão de seu caráter agônico: o jogo.

A arte nada mais é que um jogo – tanto a arte da imitação quanto a arte puramente decorativa – e não se poderia emprestar a ela uma seriedade que ela não pretende: é um simples divertimento; mas, de todos os jogos, é o mais sutil e o mais encantador. Aliás, se o jogo não é nada, quase tudo é apenas jogo: este é um dos temas fundamentais da ironia platônica. A redação de um diálogo é um jogo – um belo jogo, acrescenta Fedro; a dialética do *Parmênides* é um belo jogo laborioso; o grande mito do *Político* é um jogo; a física do *Timeu* é um jogo muito razoável, um descanso; jogos, as douradas conversas dos anciãos das *Leis*; e o próprio homem não é um brinquedo nas mãos dos deuses? A vida não é mais que um jogo; as coisas humanas não merecem ser levadas a sério; e, contudo, não é possível destas se desobrigar; por toda parte, em Platão, o sério e o divertimento são inseparavelmente mesclados: como poderia ser de outro modo, se, desde que intervenha a representação sensível – quer se trate de figuração plástica ou de enunciação verbal – recaímos no nível do mito, ele mesmo uma forma – mais ou menos séria – de jogo? (*idem*, p. 103).

Como veremos, quando tratarmos da contraposição das perspectivas de Eric Voegelin e Friedrich Nietzsche sobre Platão, essa característica de jogo, o caráter agônico do diálogo, sempre nos conduz à arte e ao mito. Para o primeiro, porém, com o intuito de recuperar uma ordem moral perdida e, para o segundo, com o fim de produzir o gênio. Mas antes de analisarmos tais interpretações sobre Platão, ou sobre o Sócrates de Platão, cabe empreender uma análise sobre os elementos dramáticos de uma das obras de Platão. Escolhemos empreender uma análise do *Fédon*, em razão de sua íntima ligação com o problema da morte, mas poderíamos ter feito a mesma análise de qualquer outro diálogo platônico. Estamos mais interessados em mostrar a proximidade entre os diálogos platônicos com a literatura em geral e com o romance em particular do que em analisar algum problema filosófico específico. É a estrutura dos diálogos que nos importa aqui.

1.4 UMA INTERPRETAÇÃO DRAMÁTICA DO FÉDON

No *Fédon*, por exemplo, são narrados os diálogos do último dia da vida de Sócrates (assuntos com os quais se ocuparam Sócrates e seus amigos), mas também como Sócrates vivenciou seu último dia. A fim de inserir estes diálogos em um plano existencial, Platão introduz um narrador (Fédon) que irá contar para um ouvinte (Equécrates) os acontecimentos testemunhados por ele. Os diálogos platônicos não são escritos em primeira pessoa, o autor da história está oculto fazendo falar os personagens – um grande exercício literário. Neste sentido, o posicionamento de Platão sobre determinada questão filosófica não deve ser confundido com a posição de um dos interlocutores do diálogo. Mesmo que Sócrates tenha, na maioria dos diálogos, papel de destaque, os outros interlocutores também constituem pensamentos provisórios de Platão. No *Político* e no *Parmênides*, por exemplo, Sócrates já não é destaque, cabendo o papel ao Estrangeiro, no primeiro, e a Parmênides, no segundo. Isso implica que os personagens dos diálogos assumem sempre posições provisórias e que o exato posicionamento de Platão sobre as questões abordadas nos diálogos só podem ser conhecidas por uma interpretação da unidade dramática do diálogo (RICOEUR, 2014).

O *Fédon* começa com o interesse de Equécrates em saber o que se passou no último dia da vida de Sócrates: “– Estivestes, Fédon, ao lado de Sócrates, no dia em que ele bebeu o veneno na prisão? Ou acaso sabes, por outrem, o que lá se passou?” (PLATÃO, 1979, p. 57). Antes de qualquer coisa, é preciso notar que o diálogo começa por um interesse nos acontecimentos, nos fatos, no que aconteceu com Sócrates em seus momentos finais. Fédon tenta transmitir com o máximo de precisão possível e, antes de iniciar a história, interroga seu

ouvinte se ele sabe as circunstâncias que ocasionaram a morte de Sócrates. Equécrates informa que sabe das circunstâncias do julgamento¹⁴, mas não sabia o porquê da demora entre julgamento e execução¹⁵ e ao ser informado sobre tais circunstâncias insiste para que Fédon narre os acontecimentos do dia. Com esse movimento, Platão liga o tempo que será narrado com a memória das forças que constituíram o acontecimento: o seu contexto existencial.

Do contexto e da unidade dramática construída por Platão brota a reflexão filosófica. No *Fédon*, o acontecimento da morte de Sócrates delinea o contexto e as perspectivas das várias personagens do diálogo sobre ele – incluindo as do próprio Sócrates – constituem a unidade dramática de onde irá brotar uma das mais belas reflexões filosóficas sobre a morte que a história da filosofia produziu em todos os tempos: a morte do filósofo.

A forma de Sócrates morrer se ajusta perfeitamente à vida que ele escolheu viver. O entorpecimento que o dominou é apresentado como uma libertação gradual da vida corporal. Sócrates morreu com todas as suas faculdades intactas, falando todo o tempo, sem nenhum desconforto físico especial. O corpo não precisou se intrometer no trabalho final de sua alma, quando ela se prepara para partir. Embora os amigos estivessem todos reduzidos às lágrimas, Sócrates permaneceu calmo, com sua atenção devotada à filosofia até quase o último minuto de vida. Esta é a imagem da morte de Sócrates que influenciou profundamente as últimas gerações (WILSON, 2013, p. 23).

Fédon inicia a narrativa do dia derradeiro pela chegada dos amigos de Sócrates na prisão. A perspectiva sobre a morte do próprio Sócrates contrasta com a dos outros personagens do diálogo. Enquanto Sócrates está absolutamente sereno, sem agitações na alma, as almas dos seus discípulos são tomadas de um misto de prazer e dor.

O que eu tinha sob os olhos, Equécrates, era um homem feliz: feliz, tanto na maneira de se comportar como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia no seu fim. E isso, de tal modo que ele me dava a impressão, ele que devia encaminhar-se para as regiões do Hades, de para lá se dirigir auxiliado por um concurso divino, e de ir encontrar no além, uma vez chegado, uma felicidade tal como ninguém jamais conheceu! Por isso é que absolutamente nenhum sentimento de compaixão havia em mim, como teria sido natural em quem era testemunha duma morte iminente. Mas o que eu sentia não era também o conhecido prazer de nossos instantes de filosofia, embora fosse essa, ainda uma vez, a natureza das nossas conversas. A verdade é que havia em minhas impressões qualquer coisa de

¹⁴ O julgamento de Sócrates é o primeiro caso na história em que um governo democrático, agindo conforme a lei, condenou uma pessoa à morte por suas crenças. Atenas, uma das democracias mais antigas do mundo, criou Sócrates, educou-o e finalmente o sentenciou à morte, acusando-o de impiedade e corrupção de jovens. O julgamento de Sócrates e seu resultado assinalam um problema político com o qual as democracias até hoje têm que lidar, ou seja: o que fazer com os dissidentes (WILSON, 2013, p. 10).

¹⁵ A demora entre o julgamento e a sentença se deu por causa da coincidência entre o dia do julgamento e da “coroação da popa do navio que os atenienses mandam a Delos” em homenagem a Apolo. Até que volte, nenhuma pena capital pode ser realizada para que a cidade não seja maculada (idem, p. 57-58).

desconcertante, uma mistura inaudita, feita ao mesmo tempo de prazer e de dor, de dor ao recordar-me que em pouco sobreviria o momento de sua morte! E todos nós, ali presentes, nos sentíamos mais ou menos, com a mesma disposição, ora rindo, ora chorando; um de nós, até, mais do que qualquer outro: Apolodoro. Deves saber, com efeito, que homem é ele e qual seja o seu feitio (PLATÃO, 1979, p. 58-59).

Xantipa, esposa de Sócrates, está desconsolada e atordoada. “Vê, Sócrates, esta é a última vez que conversam contigo os teus amigos, e tu com eles!” (*idem*, p. 60). Ela está convencida de que o destino de Sócrates é terrível, mas este apenas pede para que a levem para casa, pois não há como consolá-la. Temos personagens experimentando sentimentos diversos sobre o acontecimento. As flutuações de ânimo assaltam todos os presentes, menos a Sócrates que permanece reflexivo e calmo.

Como as correntes acabavam de terem sido retiradas, Sócrates experimenta uma sensação de prazer e inicia a primeira observação sobre os contrários e de como eles estão fundidos na natureza.

Como parece aparentemente desconcertante, amigos, isso que os homens chamam de prazer! Que maravilhosa relação existe entre a sua natureza o que se julga ser o seu contrário, a dor! Tanto um como o outro recusam ser simultâneos no homem; mas procure-se um deles – e estaremos sujeitos quase sempre a encontrar o outro, como se fossem uma só cabeça ligada a um corpo duplo! Parece-me, mesmo, que Esopo, se nisso tivesse pensado, teria composto uma fábula a esse respeito: A Divindade, desejosa de lhes por fim aos conflitos, como visse frustrado o seu intento, amarrou juntas duas cabeças; e é por isso que, onde se apresenta um deles, o outro vem logo. É, assim, que se lhe afiguram as coisas: devido ao grillhão, há pouco sentia dor na minha perna, e já agora sinto prazer (*idem*, p. 60-61).

Somos levados a experimentar em nós essas sensações proporcionadas pela descrição da cena e do estado de ânimo dos personagens do diálogo, a tese filosófica sobre os pares de contrários pode ser esboçada sem que corramos o risco de empreender uma reflexão filosófica puramente teórica sem uma íntima ligação com a realidade. De maneira semelhante ao que Aristóteles diz sobre o discurso poético, somos levados a “experimentar” as mesmas sensações que experimentam as personagens e o próprio Sócrates como se fossem nossas.

Em seguida, Sócrates é questionado por Cebes sobre o porquê de ter composto algumas músicas. Sócrates responde dizendo que fizera músicas para não desobedecer a um sonho que lhe mandava compor músicas e como homenagem a Apolo. Sócrates apresenta uma tese sobre uma íntima ligação entre a música e a filosofia que nos faz lembrar a tese de Arthur Schopenhauer no Livro III de *O mundo como vontade e como representação* onde o

filósofo alemão diz, parafraseando Leibniz: *Musica est exercitium mataphysices occultum nescientis se philosophari animi*. Afirma Sócrates:

Várias vezes fui, no curso da minha vida, visitado pelo mesmo sonho; não era através da mesma visão que ele se manifestava, mas o que dizia era invariável: “Sócrates”, dizia-me ele, “deves esforçar-te para compor música!” E, palavra! sempre entendi que o sonho me exortava e me incitava a fazer o que justamente fiz em minha vida passada. Assim como se animam corredores, também pensava eu, o sonho está a incitar-me para que eu preserve na minha ação, que é compor música: haverá, com efeito, mais alta música do que a filosofia, e não é justamente isso o que faço? Mas sucede agora que, depois de meu julgamento, a festa do Deus está retardando minha morte. O que é preciso então, pensei, no caso de que o sonho me tenha prescrito essa espécie comum de composição musical, é que eu não lhe desobedeça; é que eu componha versos. E, de fato, é muito mais seguro não me ir sem antes ter satisfeito esse escrúpulo religioso com a composição de tais poemas, nem antes de haver prestado obediência ao sonho. E, por isso, minha primeira composição foi dedicada ao Deus em cuja honra esta sendo realizado o sacrifício (*idem*, p. 61).

A filosofia como uma espécie elevada de música chama a nossa atenção. A relação entre música e literatura e a relação entre a música e a filosofia não seriam a mesma ou, em caso negativo, não há apenas uma diferença de grau? A aproximação da filosofia com a música deve favorecer nossa perspectiva do diálogo platônico como romance. O *Fédon* não é apenas uma tese filosófica sobre como o filósofo deve se portar diante da morte, nem tampouco apenas uma descrição jornalística de como Sócrates se portou no momento derradeiro.

O Sócrates de Platão é extraordinário por muitas razões, mas não por suas atitudes em relação à própria morte. Ele é capaz – talvez mais do que qualquer outro personagem de literatura, antes dele – de assumir o controle da morte, de possuí-la e de contar toda a história de sua própria vida, inclusive do seu fim.

Quatro obras platônicas em especial evocam os últimos dias da vida de Sócrates. O *Eutífron* se passa do lado de fora do tribunal enquanto Sócrates espera sua sentença e é supostamente a transcrição de uma conversa entre Sócrates e Eutífron. A *Apologia* é uma versão do discurso de defesa de Sócrates ao júri no momento de sua acusação. O *Crítion* se passa na prisão, dois dias antes da execução de Sócrates. O *Fédon* é um relato das horas finais do mestre (WILSON, 2013, p. 124).

Além de tese filosófica e provável documento jornalístico, o diálogo é um meio artístico-pedagógico de nos fazer sentir os problemas filosóficos – no caso do *Fédon*, o problema da morte – como nossos problemas, não apenas como teses abstratas que surgem da pura especulação racional, mas como nossos problemas existenciais. O *pathos* é comunicado

por meio dos romances platônicos que conhecemos como diálogos. Neste sentido, é preciso atentar para que os diálogos platônicos – e o próprio Platão – não sejam interpretados como formando um sistema filosófico fechado. Os diálogos são como aberturas para o pensamento filosófico e, por essa razão, sempre estão intimamente ligados a uma experiência humana de base.

A primeira tetralogia platônica composta pelos diálogos *Eutífron*, *Apologia*, *Críton* e *Fédon* articula-se como uma peça teatral sobre a morte de Sócrates em quatro atos, mas não somente estes diálogos estão ligados pela morte de Sócrates, o filósofo que caminha para a morte é o pano de fundo de toda a interpretação platônica da filosofia. Isso implica que o sentido filosófico dessas obras não está nas posições assumidas por Sócrates, mas no movimento do pensamento em torno de um problema existencial. À medida que avançamos na leitura desses diálogos, aproximamo-nos, cada vez mais, da hora final. Uma história está sendo contada, uma personagem está sendo construída e, principalmente, o gênio ordenador de toda a trama se faz presente mesmo estando ausente.

1.5 RETOMAR A ORDEM MORAL PERDIDA OU PRODUZIR O GÊNIO?

ERIC VOEGELIN VERSUS FRIEDRICH NIETZSCHE

Schopenhauer atribui à arte, no Livro III de *O mundo como vontade e como representação*, o papel de comunicar as Ideias platônicas, pois estas são seu objeto, e à poesia o papel especial de comunicar a Idéia de humanidade. Como dizia Aristóteles na *Poética*, catarse e verossimilhança fazem da poesia uma atividade mais filosófica que a própria história. Como vimos anteriormente, apesar de o filósofo não se referir ao diálogo platônico como um discurso poético, acreditamos, apoiados no pensamento de Emily Wilson em *A morte de Sócrates*, que ele pode ser compreendido como o tipo especial de discurso poético que modernamente denominamos romance.

Eric Voegelin afirma, no Volume III de *Ordem e história*, parecer ser impossível reconstruir um Sócrates histórico, o que faz dele um personagem de literatura ainda que tenha sido um indivíduo real. Apesar da íntima relação entre Sócrates e Platão, “O Sócrates que formou Platão foi o Sócrates conforme visto por Platão” (VOEGELIN, 2009, p. 67). O diálogo platônico compreendido como o tipo especial de discurso poético (o romance) que comunica *a ideia de humanidade* em uma perspectiva schopenhaueriana ou *uma ideia de*

humanidade em uma perspectiva nietzscheana, pode fazer do exercício literário uma importante prática para o ensino de Filosofia no Ensino Médio¹⁶.

Estamos sempre retomando aquela estrada que nos leva aos gregos e àquela posição de ceder à sua condução no que se refere ao destino da cultura. O retorno a Platão que estamos propondo em nossos estudos sobre literatura e ensino de filosofia é animado por um sentimento de profunda reverência aos gregos e em especial ao grande gênio do ocidente que foi Platão. Tanto no que diz respeito à reestruturação do espírito – perspectiva de Eric Voegelin – quanto à invenção de novas possibilidades de vida – perspectiva de Nietzsche – até ao papel que as formas simbólicas de expressão desempenham para que seja possível ao homem não apenas pensar, mas, também, e principalmente, criar o pensamento – o diálogo platônico é altamente original e, devido ao seu caráter agônico de jogo e sua abertura ao absoluto¹⁷, também capaz de fazer surgir novas perspectivas sobre os mesmos problemas enfrentados por Platão, conquanto não se procure fora dos próprios diálogos o seu “sentido profundo” ou dogmático, em um suposto saber secreto transmitido apenas oralmente, como é o caso de Giovanni Reale e da Escola de Tübingen-Milão.

Talvez nos seja permitido desconfiar, juntamente com Nietzsche, esse mestre da suspeita, que não reconhecer em Platão o início da literatura e do romance seja apenas mais uma das tantas tentativas que o ocidente fez para “livrar-se dos gregos”. Talvez o próprio Nietzsche possa nos reconduzir aos gregos, e mesmo a Platão!, e os gregos possam orientar (ou reorientar?) nossa cultura e nossas práticas pedagógicas – nossos carros e nossos cavalos, ainda que estes sejam indignos dos seus nobres condutores – a uma nova forma de espiritualidade ou de genialidade.

Quase toda época e etapa da cultura procurou alguma vez, com profunda irritação, livrar-se dos gregos, porque, à vista deles, toda produção autônoma, aparentemente de todo original e sinceramente admirada, parecia de súbito perder cor e vida e encolher-se em cópia malograda e até mesmo em caricatura. E por isso explodia sempre de novo uma fúria íntima contra aquele povinho arrogante que se atrevera a tachar de “bárbaro”, para todo o sempre, tudo o que era alienígena: quem são esses lá, pergunta-se, que, embora apresentem apenas um efêmero brilho histórico, apenas instituições ridiculamente limitadas, apenas uma duvidosa qualidade de costumes e que inclusive se caracterizam por vícios muito feios, reivindicam, não obstante, a dignidade e a posição especial entre os povos, que correspondem ao gênio

¹⁶ Talvez não somente no ensino médio.

¹⁷ A abordagem de Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling sobre a relação entre a arte o símbolo do absoluto pode ser interessante nesse ponto. Não iremos nos aprofundar aqui sobre a relação entre a estética de Schelling e a aproximação entre o diálogo platônico e a literatura que estamos fazendo. Mas é interessante notar que há uma possível relação entre essas duas propostas e que pretendemos analisar em um estudo futuro.

em meio à massa? Infelizmente, ninguém teve até agora a sorte de encontrar a taça de cicuta com a qual se pudesse simplesmente liquidar semelhante ser: pois todo o veneno que a inveja e a calúnia e o rancor geraram dentro de si não bastou para destruir aquela magnificência contente consigo própria. E por isso todo mundo sente vergonha e medo ante os gregos; a não ser que alguém estime a verdade acima de tudo e, portanto, ouse também encampar esta verdade, a de que os gregos têm em mãos como os aurigas, a nossa e qualquer outra cultura, mas que o carro e o cavalo são, quase sempre, de um estofado demasiado inferior e inadequado para a glória de seus condutores, os quais consideram, nesse caso, um folguedo impelir semelhante atrelagem ao abismo – que eles próprios sobrepassam com o salto de Aquiles (NIETZSCHE, 1999, p. 91-92).

Procuramos beber dessa fonte o máximo possível e ceder a condução dos nossos estudos e das nossas conquistas aos gregos.

O diálogo platônico é altamente original como forma de expressão simbólica de uma nova forma de vida até então inexistente, um exemplo perfeito da originalidade grega sob a qual todos os povos e épocas posteriores sentem-se inferiorizados. Se fossemos levar a sério o tamanho da influência que Platão irá exercer no ocidente, tanto nas suas formas simbólicas como na sua própria forma de existir, a famosa afirmação de Alfred North Whitehead (1861-1947) de que “Toda filosofia ocidental não passa de notas de rodapé das páginas de Platão”¹⁸, supostamente exagerada, pode até parecer demasiadamente humilde. Para isso, bastaria concordar com a famosa asserção de Nietzsche de que o próprio cristianismo nada mais seria do que platonismo para o povo.

Segundo Voegelin (2009, p. 67), “A reconstrução de um Sócrates ‘histórico’ parece ser tarefa impossível, considerando a falta de fontes”. Emily Wilson, por sua vez, acredita que uma maior quantidade de fontes tornaria ainda mais complicada a tarefa de remontar o Sócrates histórico. Conforme seus estudos indicam “O cerne do Problema Socrático, então, não é nossa falta de fontes. Se tivéssemos mais textos sobre Sócrates, poderíamos achar ainda mais difícil reconstruir a figura histórica de Sócrates” (WILSON, 2013, p. 114). Uma vez que é impossível remontar a um Sócrates histórico – tanto pela presente escassez como pela possível abundância de fontes ou até mesmo pelo testemunho de Platão, que parece ser o mais confiável – estamos sempre diante do personagem Sócrates, que foi posto em movimento por um exercício literário que busca remontar, por necessidade e verossimilhança, os pensamentos e as ações que seriam conformes ao seu caráter.

¹⁸ Cit. por Kunzman – Burkard – Wiedmann, in: Atlas de la Philosophie, trad. francesa de Desanti, Droit et alii, Paris: Librairie Générale Française, 1993, p. 39.

As palavras de Sócrates, assim como seu rosto vivo, estão perdidas para sempre, para nós. Sócrates se tornou, mesmo no período de sua existência e ainda mais depois de sua morte, uma figura “mítica”, como Ulisses ou Aquiles. Cada um que escreveu sobre Sócrates criou sua própria versão de seu caráter (*idem*, p. 112).

Mostrar os aspectos literários do diálogo platônico por meio de uma releitura da *Poética* de Aristóteles aproximando o texto de Platão das definições apresentadas por seu discípulo sobre o conteúdo filosófico da poesia em geral, analisar, portanto, o diálogo platônico à luz da *Poética* de Aristóteles foi nosso primeiro desafio.

Nos diálogos platônicos, os pensamentos e atitudes de seus personagens derivam de seu próprio caráter, assim como Aristóteles pensava sobre o discurso poético. Platão procura partir da natureza dos personagens (do caráter de cada um) para lhes atribuir pensamentos e atitudes verossímeis aos que estes teriam em determinadas situações. Um pouco do caráter histórico ou realístico das personagens será perdido. O diálogo entre os personagens e suas ações é imaginário, sem deixar de guardar a verossimilhança com suas naturezas. Sócrates é o grande personagem dos diálogos, principalmente nos chamados “diálogos de juventude”, e é colocado em situações hipotéticas onde o seu caráter determina seus pensamentos e ações. O caráter de Sócrates é produtor de pensamentos e ações possíveis que lhe são convenientes.

Como personagem de Platão, Sócrates é um homem extraordinário em vários aspectos: “alegre, divertido e profundamente sério, e que parece mais encantador, irritante e inteligente do que qualquer outro que você já encontrou” (WILSON, 2013, p. 111). Tais características determinam como Sócrates se coloca diante dos desafios intelectuais e existenciais tramados por Platão. Sócrates é um universal, ainda que possua um nome, como diz Aristóteles sobre os personagens poéticos, suas ações e seus pensamentos derivam por necessidade e verossimilhança de uma perspectiva que Platão tinha de seu mestre.

Guiado por Platão, o personagem Sócrates tem a tarefa de restaurar uma ordem espiritual perdida, como pensa Voegelin, ou criar uma nova ordem espiritual altamente original, como pensa Nietzsche. O diálogo platônico, neste sentido, irá suceder a tragédia como guia espiritual da pólis e isso só será possível se ele exercer o efeito catártico que a tragédia exercia.

A tragédia como culto político [...] perderá o seu significado quando as pessoas para as quais ela é escrita e representada não forem mais capazes de sentir o drama da Dike como paradigmático da ordem em sua própria alma. A tensão de ordem e paixão que havia sido dominada pela tragédia

irrompera no conflito aberto entre Sócrates e Atenas. O culto tornara-se sem sentido porque, de agora em diante, a tragédia tinha apenas um tema, o destino de Sócrates. Na medida em que o diálogo platônico era animado pela tensão entre Sócrates e Atenas, ele foi, na história das formas simbólicas helênicas, o sucessor da tragédia esquiliana sob novas condições políticas (VOEGELIN, 2009, p. 71).

O destino de Sócrates torna-se o tema da tragédia, mas a tragédia não é o meio adequado para refletir sobre esse destino. Os diálogos e as relações que Sócrates travou com seus concidadãos atenienses exerceram sobre o jovem Platão, não somente nele, uma influência tamanha que o jovem tragediógrafo teve de criar uma nova forma de expressão simbólica capaz de transmitir essa impressão – o romance.

Os diálogos de Sócrates anteciparam e influenciaram o desenvolvimento de dois gêneros literários que ainda não tinham sido inventados: a biografia e o romance. O próprio aluno de Platão, Aristóteles, não encontrou uma categoria literária óbvia para incluir os diálogos socráticos (WILSON, 2013, p. 114).

Ao mesmo tempo em que os diálogos platônicos fundam novos gêneros literários, “estabelecem um elo entre a literatura clássica e a literatura helenista” (ERLER, 2013, p. 80), substituem a tragédia esquiliana no centro da vida cultural grega, fazem, também, surgir uma nova forma de vida, altamente original, com o seu personagem principal – Sócrates. O diálogo abre as portas para novas formas expressivas e dessa modificação duas coisas vão preocupar todos os escritores posteriores a Platão. De um lado, proporcionar a catarse individualmente na escrita e na leitura solitárias, uma comunicação existencial que se pretende luminosa; de outro, esclarecer o drama da vida humana e apontar caminhos. O contato da filosofia com as formas literárias da época trágica dos gregos opera uma revolução linguística. A filosofia e a poesia estão em luta e Platão é o palco deste combate e o resultado: o romance. Uma dessas relações a que Bento Prado Jr. se refere ao afirmar que a relação entre filosofia e literatura não é uma oposição essencial, mas uma relação histórica e dialética (acrescentamos de nossa parte) que sofre modificações ao longo do tempo onde a oposição não é uma oposição excludente, mas relacional.

É muito mais fácil dizer que a filosofia e a literatura não coincidem e, muito mais difícil, é, sem perigo apontar positivamente para uma similaridade. É bem verdade também que seria preciso pensar historicamente essa relação, porque não é possível pensar em absoluto na oposição entre literatura e filosofia. Essa relação é uma no século XVII europeu, é outra no século VI antes de Cristo e é outra, seguramente, no século XX. Então é melhor pensar em uma história dos limites móveis entre literatura e filosofia. Basta imaginar autores como Kierkegaard em que a ficção e a narrativa são uma

peça essencial da sua construção nocional. O Sartre tem aquele belíssimo ensaio *O que é literatura?*, e, no entanto, quando define o que é a poesia, em princípio fenomenologicamente – o determinado e o invariável de uma essência da poesia –, ele descreve a poesia moderna dizendo que o que vale para a poesia moderna, não vale para a poesia clássica, não vale para a epopeia, não vale para a *Divina comédia*. Então é difícil pensar essas questões de maneira eternitária e essencialista sem uma história dos gêneros literários (PRADO JR. in NOBRE; REGO, 2000, p. 220).

Tanto para Kierkegaard, como afirma Bento Prado Jr., como para Platão, acréscimo nosso, ficção e narrativa são elementos essenciais, mas em Platão também o mito, a alegoria, o ambiente cultural e as personagens são essenciais na construção de sua filosofia.

Assim, confirmando a opinião de Eric Voegelin, também na de Nietzsche, o diálogo platônico passa a ocupar o papel que cabia à tragédia esquiliana de educar a pólis. O destino de Sócrates, ou sua morte, passa a ser o conteúdo propriamente dito dessa nova forma simbólica de expressão.

De um lado, estamos propondo uma reavaliação do papel do diálogo platônico como fonte do que mais tarde a cultura ocidental denominou “romance” e estabelecer uma tênue, mas sólida relação entre o diálogo platônico e a poesia como pensada por Aristóteles; de outro, procuramos verificar o poder desta nova forma simbólica de expressão para criar uma nova forma de existência. “Para demonstrar também no tocante a Sócrates a dignidade de tal posição de condutor, basta reconhecer nele o tipo de uma forma de existência antes dele inaudita, o tipo do *homem teórico*” (NIETZSCHE, 1999, p. 92).

A ideia central da obra de Eric Voegelin é a de que Atenas havia se corrompido de tal forma pela verborragia sofisticada que seus cidadãos – absorvidos pela oratória e pela ânsia de poder – tornaram-se imunes à catarse que a tragédia exercia. O culto público da tragédia já não fazia efeito sobre a cidade tornando-se mero entretenimento. Era necessário se dirigir a um grupo pequeno de particulares e amigos e esperar que o pequeno “clã” de amigos de Sócrates pudesse restaurar a ordem moral perdida. Os diálogos platônicos tinham, visando a esse pequeno grupo, a função de proporcionar uma catarse e reconduzir o **indivíduo**, não mais o povo, ao *pathos* da existência. Como não é mais possível atingir a plateia – o público –, dado o nível de corrupção, resta se dirigir ao indivíduo. Eis a função do livro, da escrita, da literatura e do romance. A leitura de um livro só pode ser realizada de forma individual: o autor fala a um leitor de cada vez. Nietzsche concordaria com Voegelin sobre a função individual e não pública que o diálogo socrático (platônico) deveria exercer, mas para aquele,

diferentemente do que pensa este, o diálogo tinha outra finalidade. Para Nietzsche, o diálogo não tem a pretensão apenas de restaurar uma ordem moral perdida, mas, e fundamentalmente, a de produzir uma nova ordem altamente original e singular... Produzir o gênio!

A alguém que esteja com tal disposição de espírito o Sócrates platônico há de aparecer então como mestre de uma forma totalmente nova da “serenajovialidade grega” e felicidade de existir, forma que procura descarregar-se em ações e que vai encontrar tais descargas, sobretudo em influências maiêuticas e educativas sobre jovens nobres, com o fito de produzir finalmente o gênio (*idem*, p. 95).

Ao longo de nossas análises, fomos nos aprofundando em uma abordagem sobre os diálogos platônicos e sua estrita relação com a escrita, com a arte e com a literatura (especificamente com o romance). Fazer ou deixar surgir o escritor (ou o escritor-filósofo) como aquele que é capaz de cumprir a tarefa que Nietzsche atribuiu à influência de Sócrates no seio da sociedade ateniense, mas não somente a ela, pois o jogo agônico não pertence apenas ao platonismo, como, também, nunca esteve fora dele, como vimos com Schuhl (2010). A questão é que a tarefa última tanto da filosofia como da ciência, da razão em última instância, não é outra senão a de produzir obras de arte.

Agora, junto a esse conhecimento isolado ergue-se por certo, com excesso de honradez, senão de petulância, uma profunda *representação ilusória*, que veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de *corrigi-lo*. Essa sublime ilusão metafísica é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em *arte*, que é o objetivo propriamente visado por esse mecanismo (NIETZSCHE, 1999, p. 93).

Diante dessas provocações, abre-se uma nova possibilidade pedagógica. Inserir no cotidiano escolar, especificamente nas aulas de filosofia, o exercício literário. Fugindo da mera educação enciclopedista, que já não faz o menor sentido em nosso tempo de informação *online*, mas sem abandonar os conhecimentos solidificados pela cultura, pretendemos fazer de nossos alunos jovens escritores. Liberando suas capacidades lógicas, criativas, emotivas e críticas, pretendemos retomar os gregos e, guiados pelas suas mãos... quem sabe?... deixar surgir o gênio!¹⁹

¹⁹ Como dizia Marcel Proust na novela *Em busca do tempo perdido*: “Os que produzem obras geniais não são aqueles que vivem no meio mais delicado, que têm a conversação mais brilhante, a cultura mais extensa, mas os que tiveram o poder, deixando subitamente de viver para si mesmos, de tornar a sua personalidade igual a um espelho, de tal modo que sua vida aí se reflete, por mais medíocre que aliás pudesse ser mundanamente e até, em

certo ponto, intelectualmente falando, pois o gênio consiste no poder refletor e não na qualidade intrínseca do espetáculo refletido”.

CAPÍTULO II - A PRÁTICA DA FICÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Arte e ciência caminham juntas no desenvolvimento do espírito humano e fornecem as bases seguras para sua edificação. À filosofia cabe o juízo crítico sobre essas manifestações da inteligência humana e o impulso (*ώθηση*) para novas manifestações. Com a ciência a filosofia compactua o rigor lógico-metodológico, com as artes o poder de criação. Uma definição da filosofia dentro deste campo semântico das artes e das ciências seria: a filosofia é a invenção de novos mundos possíveis. Como toda invenção, em todas as filosofias haverá irracionalidades contidas que o rigor lógico-metodológico tentará contornar ou, até mesmo, aprofundar como no caso das aporias²⁰. Em filosofia, arte e ciência, as aporias são bem vindas.

Toda filosofia possui poder de sedução que aumenta e diminui em um fluxo tendencial. Chamaremos este fluxo tendencial de utopia. Quando aumenta o poder de sedução, diminui a tendência utópica. Quando diminui o poder de sedução, aumenta a tendência utópica. A filosofia de Platão era menos utópica para o mundo medieval, porque seu poder de sedução durante o medievo foi enorme. A própria divisão de classes que se estabelece na cristandade (o clero, os nobres e os plebeus) lembra a estrutura proposta por Platão na *República* com os reis filósofos acima, os guerreiros no centro e os artesãos na base. O problema dos universais que promoveu tantos debates no período medieval é só mais um exemplo da influência de Platão. Na modernidade, porém, com o desenvolvimento da física newtoniana, seu poder de sedução diminui, quase reduzindo sua filosofia a uma espécie de fantasia. Na contemporaneidade, os desenvolvimentos da computação, da física e da mecânica quântica fizeram surgir novo interesse pela filosofia de Platão que volta a seduzir diminuindo sua tendência utópica²¹.

Nenhuma filosofia seduziu mais do que a filosofia de Platão, há algo de “divino” em Platão, dizia Schopenhauer no Prefácio à primeira edição de *O mundo...* O poder de sedução da filosofia de Platão se deve, a nosso ver, a sua estrutura ficcional-realística. Realismo e ficção são conjugados com tal maestria pelo mestre da Academia, que temos a impressão de estar “vendo” e “ouvindo” seus personagens. Às vezes damos vozes para cada um dos personagens. Uma forma estética de leitura dos diálogos para deixar os personagens falarem.

²⁰ No filme “Encontrando Forrester”, William Forrester, personagem interpretado por Sean Connery, a fim de despertar o talento para a escrita de Jamal Wallace, interpretado por Rob Brown, propõe: “Você escreve o seu primeiro rascunho com o seu coração. E você reescreve com a cabeça”.

²¹ Importantes, neste sentido, são as contribuições de Werner Heisenberg (LEITE; SIMON, 2010).

Para muitos leitores, Sócrates possui uma voz própria. A voz de Platão, entretanto, é a soma de todas as vozes de todos os seus personagens, sua voz é uma harmonia²², uma música. Procurar a voz de Platão fora desta harmonia, um Platão esotérico, um Platão escondido na obra de outros, como propõe Reale, não parece nos levar a uma voz particular, apenas faz surgir novas notas na harmonia.

2.1 O FIM DO SILÊNCIO NA FILOSOFIA E A QUESTÃO DA AUTORIA

A crítica de Platão aos artistas de seu tempo aponta novos horizontes para a arte, para a ciência, para a política e para a ética. Os diálogos platônicos são obras fascinantes e inovadoras, tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista epistemológico. Sócrates enfrenta, enquanto personagem literário, desafios intelectuais que não puderam se dar em sua vida real. Platão *projeta*, por uma fusão de **realismo** e **ficção**, Sócrates, ou melhor, a essência de Sócrates, em um campo de possibilidades fictícias ilimitadas. Podemos seguir Platão e projetar “Sócrates” em um diálogo com Woody Allen depois de uma ida ao cinema em pleno século XX para ver *Casino Royale* (1967). Podemos nos projetar a nós mesmos em um diálogo com “Sócrates” ou qualquer personagem.

O que está em **jogo** no diálogo platônico (ou romance platônico?) é **a problemática da vida que vale a pena ser vivida dentro das possibilidades humanas**, vida esta que cabe ao gênio, pois é ele quem pode acessar o Mundo das Ideias eternas e se não pode, se não há gênio capaz de captar os arquétipos eternos, como poderia haver uma vida que valesse a pena ser vivida? Se uma vida vale a pena ser vivida, então deve existir também um arquétipo eterno que confere a essa vida-válida a sua validade. Neste sentido, o conhecimento da ideia da vida-válida é, ao mesmo tempo, a própria realização desta vida-válida, o conhecimento da coisa e a própria coisa estão fundidos. Esta vida-válida não é qualquer vida, mas a vida-válida do homem, ou seja, só diz respeito a ele. Um cão não poder viver a vida-válida de um homem, pode apenas viver a vida de um cão. Portanto, se há uma vida-válida para o homem, então ele deve ser capaz de realizá-la. Conhecer a sua vida-válida será a tarefa propriamente dita do homem.... Tarefa que só irá se completar quando o homem tiver deixado de ser homem para se tornar obra de arte. Ao mesmo tempo, está em jogo **o problema da insuficiência e da inadequação das palavras** (ou das tintas, dos instrumentos musicais etc.) para comunicar aquilo que o gênio contemplou. Falamos, escrevemos, pintamos, moldamos, compomos sobre essa boa vida, mas acabamos descobrindo que nossas vozes, palavras, moldes e sons são

²² Como Sócrates propõe no *Fédon*, a filosofia é uma espécie de música.

insuficientes e inadequados para descrever esta visão genial. O que fazer? Silenciamos? Mas como seria possível silenciar se a própria Ideia tem necessidade de se exprimir, se ela mesma ecoa desde o mais profundo silêncio com todas as suas vozes?

As sombras de Platão: aparência e transparência ou silêncio e comunicação

Em primeiro lugar, falaremos, portanto, daquela existência que justifica a existência, ou seja, a vida que vale a pena ser vivida: a do gênio.

Sabemos que para Platão, estamos imersos na temporalidade, onde tudo está em constante fluxo, onde as coisas são e não são. Vemos desfilar diante dos nossos olhos um espetáculo de imagens, sons, sabores, odores e tessituras que se sucedem uns aos outros em uma determinada sequência mais ou menos ordenada, mas tudo passa e se perde na poeira do tempo. Não há verdadeiro ser nestas sensações transitórias, pois elas são e não são. Na famosa *alegoria da caverna* (*Rep.* Livro VII), Platão faz uma analogia entre estas sensações transitórias e as sombras. O prisioneiro liberto das correntes sente dificuldade de olhar para os objetos reais dos quais ele via apenas as sombras.

– E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e se agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos?

– Não poderia, de facto, pelo menos de repente.

– Precisava se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia (PLATÃO, 2012, p. 317).

Falemos um pouco sobre as sombras. O que é necessário para haver sombras?

1. Luminosidade.
2. Retenção.
3. Projeção.

O que são as sombras? As sombras são projeções, as projeções são as retenções de luminosidade. Para haver sombra é preciso haver luz. Se há, portanto, “sombras”, projeção, então, é necessário concluir, há retenção de luminosidade.

CAPÍTULO XVI

Que a luz em que ele habita é inacessível

É realmente inacessível a luz em que habitas, ó Senhor, e não há ninguém, exceto tu, que possa penetrá-la bastante para contemplar-te com clareza. Eu não a vejo, sem dúvida, por causa do seu brilho, demasiado para os meus olhos, e, todavia, o que consigo ver, vejo-o através dela, da mesma maneira que o olho fraco do nosso corpo vê pela luz do sol, que, no entanto, não pode contemplar diretamente. A minha inteligência não consegue alcançar essa luz, porque difunde um esplendor demasiadamente vivo e que não tolera. O olho da minha alma não pode fitá-la por muito tempo, nem sustentar tão grande luminosidade: é, pois, ofuscado pela sua reverberação, vencido pela sua vastidão, turvado pela sua imensidade, confundido pela sua intensidade.

Ó luz suprema e inacessível; ó verdade profunda e bem aventurada, como estás distante de mim, embora eu esteja tão perto de ti! Quão afastada te encontras do meu olhar, quando eu estou continuamente presente ao teu! Tu estás presente, inteira por toda parte e eu não te vejo! Movo-me em ti, estou em ti e não posso chegar até ti. Tu estás em mim, em torno de mim e eu não te sinto (ANSELMO, 1979, p. 1113-114).

A Ideia de uma vida-válida para o homem poderia ser escura ou invisível, impossível de ser encontrada? Se assim fosse, tal ideia não teria razão de ser, uma vez que, aquilo que não pode ser encontrado não pode, também, ser realizado. Como a Ideia da vida-válida ao homem deve ser realizável, então o homem pode encontrá-la. Portanto, é necessário concluir, a Ideia de uma vida-válida ao homem não é “escura” nem “invisível”. Pelo contrário, tal ideia deve ser totalmente transparente e iluminada, nela nada de obscuro pode existir. No entanto, qual seria esta Ideia de uma vida digna de ser vivida? Tudo indica, seria iluminada e, ao invés de reter a luz e projetar sombras, a luz lhe atravessaria por todos os lados, seria, portanto, uma vida transparente. Encontrar ou, como esperamos demonstrar adiante, proporcionar transparência não é tarefa fácil, uma vez que faz parte da própria essência deste mundo ser aparente, reter luminosidade e projetar sombras. Por hora, confiemos em Spinoza, mesmo que seja rara, a beatitude é possível:

Proposição 42. A beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque refreamos os apetites lúbricos, mas, em vez disso, podemos refrear os apetites lúbricos porque a desfrutamos.

Demonstração. A beatitude consiste no amor para com Deus (pela prop. 36 com seu esc.), o qual provém, certamente, do terceiro gênero de conhecimento (pelo crol. da prop. 32). Por isso, esse amor (pelas prop. 59 e 3 da P. 3) deve estar referido à mente, à medida que esta age, e, portanto (pela def. 8 da P. 4), ele é a própria virtude. Este era o primeiro ponto. Por outro lado, quanto mais a mente desfruta desse amor divino ou dessa beatitude, tanto mais ela compreende (pela prop. 32), isto é, (pelo corol. da prop. 3), tanto maior é o seu poder sobre os afetos e (pela prop. 38) tanto menos ela padece dos afetos que são maus. Assim, porque a mente desfruta desse amor divino ou dessa beatitude, ela tem o poder de refrear os apetites lúbricos. E como a potência humana para refrear os afetos consiste exclusivamente no intelecto, ninguém desfruta, pois, dessa beatitude porque refreou os afetos, mas, em vez disso, o poder de refrear os apetites lúbricos é que provém da própria beatitude. C. Q. D.

Escólio. Dou por concluído, com isso, tudo o que eu queria demonstrar a respeito do poder da mente sobre os afetos e sobre a liberdade da mente. Torna-se, com isso, evidente o quanto vale o sábio e o quanto ele é superior ao ignorante, que se deixa levar apenas pelo apetite lúbrico. Pois o ignorante, além de ser agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, e de nunca gozar da verdadeira satisfação de ânimo, vive, ainda, quase inconsciente de si mesmo, de Deus e das coisas, e tão logo deixa de padecer, deixa também de ser. Por outro lado, o sábio, enquanto considerado como tal, dificilmente tem o ânimo perturbado. Em vez disso, consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude de uma certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo. Se o caminho, conforme já mostrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil quanto raro (SPINOZA, 2008, p. 411).

Na transparência não existem sombras, apenas luz. Assim, tudo indica, a vida que vale a pena ser vivida, a beatitude, é a vida da transparência. E o que seria essa luminosidade ou transparência que emerge da obra de Platão? Os próprios personagens dos diálogos são uma espécie de transparência, é raro encontrar nestes personagens algum resquício de insinceridade, há uma “transparência” da comunicação. Mesmo quando os interlocutores de Sócrates estão desconcertados, embaraçados diante da genialidade do mestre de Platão (o Autor), este desconcerto e este embaraço se deixam ver. Exemplo disso é o *Fedro*, onde Fedro esconde um discurso de Lísias e quando descobre que Sócrates está mais interessado no discurso mesmo e não na sua capacidade em reproduzi-lo fica encabulado.

SÓCRATES

Quando tiveres mostrado primeiro, ó amizade, que é que tens em tua mão esquerda, sob o manto; pois estou suspeitando que tens aí o próprio discurso. E se é assim, põe isso em tua mente a meu respeito: [228e] gosto

muito de ti, mas desde que também Lísias está presente, absolutamente não estou decidido a me prestar ao teu exercício. Mas vamos, mostra.

FEDRO

Para! Arrancaste-me a esperança, ó Sócrates, que eu tinha de contigo exercitar-me. Mas onde queres que nos sentemos para ler?

SÓCRATES

Viremos aqui seguindo o Ilisso e depois, onde te pareça melhor, tranquilamente nos sentarmos (PLATÃO, 2016, p. 24-25).

O Mundo das Ideias é uma transparência; o mundo sensível, uma aparência. Por que uma aparência? Porque retém a luminosidade. Só pode aparecer aquilo que retém a luz, aquilo que a luz ilumina. Nosso mundo retém luz e é, portanto, aparente. Se um mundo é aparente, ou seja, se ele retém luz, é necessário, portanto, que essa retenção faça surgir uma projeção. Portanto, como estamos tentando demonstrar, as projeções (as sombras) são o resultado da falta de transparência. O mundo sensível, que é resultado da falta de transparência, não é apenas aparente, como a aparência vai criando projeções (sombras), o mundo se torna um simulacro, uma aparência de aparências. Sócrates percebe que Fedro está criando uma projeção, uma sombra, que esconde o próprio discurso para que possa ele colher os louros de repetir o que disse Lísias, mas com suas palavras. O esperto Sócrates já imaginava que Fedro faria isto pelo desejo de impressionar. Cai a máscara de Fedro e ele se vê obrigado a aceitar o convite de Sócrates para ler o discurso.

Essas projeções aparentes (sombras) só podem existir porque há aparência (retenção de luminosidade), mas como poder haver luminosidade se não há transparência? Se tudo fosse opaco, se tudo fosse aparente, se a luz fosse retida por todos os lados, então reinaria a escuridão. Neste reino de trevas, as “sombras” não poderiam ser, pois faltaria a luminosidade sem a qual as sombras seriam impossíveis. Se existem sombras é porque há luz. Cada coisa deve ser vista na luz, ou seja, por onde ela é clara.

(4)

Mas, vós deuses, afastai de minha língua a loucura desses homens. Tornai sacros os meus lábios e deles fazei correr uma fonte pura! E a ti, ó cortejada Musa, virgem de alvos braços, rogo que eu possa ouvir o que é lícito aos infantes de um só dia! Expede-me em meu caminho desde a morada da Piedade e guia meu dócil carro! A ti nenhuma guirlanda de glória e honra nas mãos dos mortais constrangerá a erguê-los do chão, sob a condição de

dizer, em teu brio, mais do que é lícito e correto, e então ganhar assento nos cimos da sabedoria.

Mas vai, pondera com todas as tuas forças de que modo cada coisa é clara. Não dês mais crédito a tua visão do que a tua audição, nem estime teu ouvido acima das claras instruções de tua língua; e não recuses confiança a qualquer outra parte do teu corpo por onde haja uma passagem para o entendimento, mas examina cada coisa por onde ela é clara (EMPÉDOCLES apud BURNET, 2006, p. 221).

A “visão” das Idéias eternas só é possível para aquele que deixou de se interessar pelas imagens passageiras (os fenômenos) e prendeu sua atenção no arquétipo que elas “imitam” inadequadamente. Para que o acesso às essências seja possível, será necessário um desinteresse pelas aparências. Quando estamos interessados por um objeto, ou seja, quando procuramos no objeto uma adequação ao nosso desejo, seu “porque”, seu “para quê”, o seu “quando”, seu “onde” etc., esvaziamos seu conteúdo próprio, avaliando-o pela relação que este mantém com nosso próprio corpo²³. Este modo de conhecer que segue o princípio de razão²⁴ é, único tipo de conhecimento que possui alguma validade prática, sempre um conhecimento interessado e que, portanto, conhece apenas as relações entre os objetos, ou seja, apenas o interesse do nosso corpo pelos objetos.

Aqui estamos em uma encruzilhada: o conhecimento das Idéias será possível, se e somente se, for possível um conhecimento puramente objetivo. Para isso, será necessário que as relações de interesse que mantemos com os objetos deixem de existir. Se estas relações deixam, portanto, de existir, é necessário afirmar que nós mesmos, que nada somos senão essas mesmas relações, deixamos, também, de existir. Nesta supressão das relações entre sujeito e objeto duas possibilidades aparecem: o nada ou a fusão do objeto e do sujeito. Para Schopenhauer, como veremos, na arte, sujeito e objeto estão fundidos em uma Ideia, na capacidade do gênio, mas o perigo de esta fusão também se desfazer está à espreita.

O gênio

Conhecer um objeto independentemente de suas relações é conhecer a sua essência, pois aquilo que encontramos neste objeto depois que todas as suas relações foram excluídas é, como diz Worringer (apud CAMPOS, 2019), o objeto isolado da precariedade e arbitrariedade

²³ Tanto Spinoza na *Ética* quanto Schopenhauer em *O mundo como vontade e como representação* afirmam que o corpo possui relações afetivas com os objetos. Todo conhecimento que parte do corpo em sua temporalidade é um conhecimento afetivo.

²⁴ Princípio de razão suficiente em uma das suas quatro figuras. Conf. Silva (2010).

do contexto, sua essência, ou seja, aquilo que lhe é próprio. Um conhecimento desse tipo precisa de um PURO SUJEITO DO CONHECER, ou seja, que o indivíduo, o “eu”, com todos os seus interesses temporais, deixe de existir, em outras palavras, é preciso que o sujeito desapareça. Só o espírito livre de qualquer interesse pelo mundo das aparências e das projeções (sombras) passageiras é capaz de um conhecimento puro. Uma dissolução do subjetivo no objetivo é requerida, essa dissolução necessita ser uma fusão, então a Ideia eterna que está por trás dos objetos se apresenta para a contemplação na luminosidade da transparência. Schopenhauer (2003, p. 62-63) afirma ser a capacidade do gênio essa disposição objetiva, essa capacidade de supressão da própria individualidade.

Apenas pela pura contemplação [...] a dissolver-se completamente no objeto é que as Idéias são apreendidas. A capacidade proeminente para esta é o *gênio*, somente do qual podem originar-se as obras de arte autênticas. Toda contemplação exige pura disposição objetiva, isto é, esquecimento completo da própria pessoa e de suas relações; por conseguinte, a *genialidade* nada é senão a *objetividade* mais perfeita, ou seja, orientação objetiva do espírito; em oposição à subjetiva, que vai de par com a própria pessoa, isto é, a Vontade.

Em consequência, a *genialidade* reside na capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perder-se na intuição e de afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originariamente para o serviço da vontade, isto é, seu interesse, seu querer, seus fins, e assim a personalidade se ausenta completamente por um tempo, restando apenas o *puro sujeito que conhece*, claro olho cósmico; tudo isso não por um instante, mas de modo duradouro e com tanta clareza de consciência quanto for preciso para reproduzir, numa arte planejada, o que foi apreendido e, como diz Goethe “o que oscila no fenômeno fixar em pensamentos duradouros”.

No entanto, a contemplação objetiva esconde o **perigo** da supressão da representação. O mundo inteiro da representação está prestes a deixar de existir e com ele toda a beleza da transparência. O gênio é impelido para a “produção” da obra de arte e para a comunicação da Ideia pela necessidade de autoria que lhe é própria. Neste sentido, podemos afirmar que a produção do gênio, a obra de arte é tão (ou até mais?) necessária quanto os fenômenos da natureza e os simulacros que deles derivam necessariamente. O perigo da supressão do próprio gênio é sua ameaça, a ameaça do silêncio total impele o gênio a afirmar sua existência. Agora, como *autor original*, o gênio ganha novamente uma “subjetividade” que é sua marca ou, como os artistas procuram denominar, seu estilo.

Vê-se, a partir disso, que o gênio – 1) é um *talento*, de produzir aquilo para o qual não se pode dar nenhuma regra determinada: não disposição de habilidade para aquilo que pode ser aprendido segundo alguma regra;

consequentemente, que *originalidade* tem de ser sua primeira propriedade (KANT, 1980, p. 246).

O Livro IV de *O mundo como vontade e como representação*, parte considerada pelo próprio autor como a mais séria, termina com a posição do silêncio, pois o mundo todo ficou no abismo, no Nada, e não oferece mais matéria para nossas obras. Resta calar.

O silêncio reina por um instante, autor e leitor desaparecem na mais clara luminosidade, mas como poderiam desaparecer agora, justamente agora, que a essência do mundo está na sua mais clara transparência?

Diante de nós queda-se apenas o nada. Mas aquilo que se insurge contra este desaparecimento no nada, a saber, nossa natureza, é em Verdade apenas a Vontade de vida, que nós mesmos somos, como ela é o mundo diante de nós. Que o nada nos repugne tanto, isto nada é senão uma expressão diferente do quanto queremos a vida, e nada somos senão esta Vontade, e nada conhecemos senão ela – Se, entretanto, desviamos os olhos de nossa própria indigência e aprisionamento em direção àqueles que ultrapassaram o mundo, nos quais a Vontade, tendo alcançado o pleno conhecimento de si, encontrou-se novamente em todas as coisas e em seguida se negou livremente, homens que meramente esperam ver o último vestígio da Vontade desaparecer junto com o corpo por ele animado; então se nos mostra, em vez do ímpeto e esforço sem fim, em vez da contínua transição do desejo para a apreensão da alegria para o sofrimento, em vez da esperança nunca satisfeita e que jamais morre, constituinte do sonho de vida do homem que quer; em vez de tudo isso, mostra-se a nós aquela paz superior a toda razão, aquela completa calma oceânica do espírito, aquela profunda tranquilidade, confiança inabalável e serenidade jovial, cujos meros reflexos no rosto, como expostos por Rafael e Correggio, são um completo e seguro evangelho: apenas o conhecimento restou, a Vontade desapareceu. Nós, entretanto, miramos esse estado com profundo e doloroso anelo, ao lado do qual, por contraste, // o nosso estado aparece em plena luz na sua condição cheia de tormento e sem salvação. Entretanto, esta consideração é a única que nos pode consolar duradouramente, quando de um lado, reconhecemos que sofrimento incurável e tormento sem fim são essenciais ao fenômeno da Vontade, ao mundo e, de outro, vemos, pela Vontade suprimida, o mundo desaparecer e pairar diante de nós apenas o nada. Dessa forma, todavia, pela consideração da vida e da conduta dos santos, cujo encontro nos é raras vezes permitido em nossa experiência, mas que nos são noticiadas em suas histórias narradas e trazidas diante dos olhos pela arte com o selo da verdade interior, devemos dispensar a lúgubre impressão daquele nada, que como o último fim paira atrás de toda virtude e santidade e que tememos como as crianças temem a obscuridade. E isso é preferível a escapar-lhe, como o fazem os indianos através de mitos e palavras vazias de sentido, como reabsorção em BRAHMA ou o NIRVANA dos budistas. Antes reconhecemos para todos aqueles que estão cheios de Vontade, o que resta após a completa supressão da Vontade é, de fato, o nada. Mas, inversamente, para aqueles nos quais a Vontade virou e se negou, este nosso mundo tão real com todos os seus sóis e vias lácteas é – Nada (SCHOPENHAUER, 2005, p. 519).

No entanto, no § 53, que inaugura o Livro IV, Schopenhauer deixa escapar que filosofia, santidade e arte derivam da mesma disposição do espírito: o conhecimento das Ideias. Conhecimento que não pode ser ensinado, adquirido ou assumido, “seria tão tolo esperar que nossos sistemas morais e éticos criassem caracteres virtuosos, nobres e santos, quanto que nossas estéticas produzissem poetas, artistas plásticos e músicos” (idem, p. 354). O conhecimento das Ideias é uma intuição genial. Como na intuição genial o sujeito se perdeu no objeto, como o objeto foi absorvido na sua mais pura objetividade, o conhecimento das Ideias é, ao mesmo tempo, “visão” e “criação”, aquele que “descobre” é aquele que “inventa”.

O autêntico modo de consideração filosófico do mundo, ou seja, aquele que nos ensina a conhecer a sua essência íntima e, dessa maneira, nos conduz para além do fenômeno, é exatamente aquele que não pergunta “de onde”, “para onde”, “por que”, mas sempre e em toda parte pergunta apenas pelo QUÊ do mundo, vale dizer, não considera as coisas de acordo com alguma relação, isto é, vindo a ser e perecendo, numa palavra, conforme uma das quatro figuras do princípio de razão, mas, diferentemente, tem por objeto precisamente aquilo que permanece após eliminar-se o modo de consideração que segue o referido princípio, noutros termos, tem por objeto o ser do mundo sempre igual a si e a aparecer em todas as relações, porém sem se submeter a estas, numa palavra, as Idéias mesmas. A filosofia, como a arte, procede de tal conhecimento. Ora, como veremos neste livro, também é desse conhecimento que procede aquela disposição de espírito, única que conduz à verdadeira sanidade e à redenção do mundo (idem, p. 357).

Quão diametralmente oposta e, ao mesmo tempo, necessariamente próxima do silêncio é uma Ideia! Quanto barulho para evitar, quanto de introspecção, de meditação, de solidão e/ou de “dualidão²⁵”! De alguma maneira, temos a impressão de que as Ideias desafiam o silêncio do nada, que as obras de arte se opõem ao silêncio e que o autor, o gênio, é fruto desta oposição radical.

Contra o silêncio de Schopenhauer se insurge a ironia platônica do escritor-filósofo, do poeta-filósofo, do sofista-filósofo, da *originalidade* genial que se impõem por sobre o mundo dos fenômenos. Seu personagem principal, Sócrates deixa escapar por um lado, antecipando este silêncio schopenhaueriano, que um verdadeiro filósofo jamais escreveria seus pensamentos sobre a filosofia, pois as palavras seriam insuficientemente pobres para comunicar tal visão, por outro, o próprio filósofo seria insuficientemente dotado das habilidades necessárias para esta comunicação. Semelhante a uma criança que constrói castelos de areia e tem, pela precariedade do material ou pela própria incompetência para lidar

²⁵ “Dualidão” é o termo utilizado por Nietzsche no texto do cartão postal que enviara a Franz Overbeck no verão de 1881 a fim de descrever sua relação tardia com a obra de Spinoza.

com ele, que destruir o castelo que havia acabado de “imitar”. Contra o silêncio, contra a destruição de seu castelo de cartas, Platão se impõe como autor dos diálogos e obriga o filósofo, Sócrates, a falar..., a levar a arte da sofística, da retórica e da dialética até seus mais recônditos e distantes esconderijos e, no fim, a contar os mais belos mitos.

Pertencem a estas histórias famosas como a narrativa de Aristófanes sobre os “homens esferas” homem global no *Banquete*, através do qual se descortina a razão pela qual os seres humanos voltam-se uns aos outros em amor (*Conv.*, 189d-193d). O mito do carro alado no *Fedro*, que descreve como a alma pode se lançar, elevar-se ao conhecimento do ser, mas depois volta a recair no mundo do devir (*Phaedr.* 246a-149d); história da cidade ideal, Atlântida, cujos moradores tem de confrontar-se com um inimigo ameaçador em um cenário histórico fictício (*Crit.*; *Tim.* 21e-26d). Especialmente importantes são os mitos do além (*Phaed.* 107d-114d), no *Górgias* (*Gorg.* 523a-527e) e na *República* (*Rep.* 614b-621d), que Platão emprega, para tornar claras e transparentes as teses filosóficas como a tese da imortalidade da alma. Neste caso, ele se serve de ideias religiosas da tradição dos órficos, dos pitagóricos ou da tradição dos mistérios elêusios – como o julgamento dos mortos, viagens ao mundo subterrâneo, recompensa e punição, que ele relaciona com representações filosóficas ou científicas de sua época, e para as quais com isso, estabelece novos aspectos (por exemplo, no *Phaed.* 108c ss. O modelo de um globo pairando livremente) (ERLER, 2013, p. 84).

Como diz o pai do jovem Hans Thomas, herói de *O dia do Curinga* de Jostein Gaarder, sentado em um bloco de mármore em Atenas, cidade destino de uma longa viagem para onde a mãe do jovem herói seguiu para se “descobrir” numa carreira como modelo depois de abandoná-lo com apenas quatro anos e seu pai, viagem que começa na antiga cidade portuária de Arendal na Noruega e termina em uma incrível aventura de autoconhecimento na “pátria dos filósofos”:

– Nunca aconteceu a você querer desenhar ou construir alguma coisa e não conseguir fazer direito? Você tenta mais uma vez, tenta outras vezes, mas nunca dá certo. Isso se explica pelo fato de que a imagem que você tem do que quer fazer sempre é incomparavelmente superior às cópias a que você tenta dar forma com as mãos. E o mesmo ocorre com tudo o que vemos à nossa volta. Trazemos dentro de nós a noção de que tudo o que vemos à nossa volta poderia ser melhor do que é. E sabe por que fazemos isso, Hans Thomas?

Limitei-me a negar com a cabeça. Meu pai estava tão entusiasmado que apenas sussurrou:

– Porque trazemos em nós todas as imagens do mundo das idéias. É lá a nossa verdadeira morada, entende? E não aqui embaixo, no meio da areia, onde o tempo apanha e devora tudo o que amamos (GAARDER, 2006, p. 271).

Contra esse silêncio, também, insurge-se o ímpeto do entusiasta dionisiaco nietzscheano que “desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares” (NIETZSCHE, 1992, p. 31). Contra o silêncio, também se insurge o ímpeto de “limpeza lógica”, com o qual Nietzsche se autocritica pela falta no prefácio (ou posfácio) de *O nascimento...* Ímpeto de limpeza lógica que, também, se encontra em Wittgenstein, como eficácia/competência para operar os jogos de linguagem. Ímpeto de limpeza lógica, eficácia para operar os jogos de linguagem, mas que aparece, também, nessa filosofia romanceada para adolescentes ainda cheios de esperança e fé do autor de *O dia...* Um Curinga salta do meio das cartas de baralhado para embaralhá-las novamente.

A bebida daquela pequena garrafa tinha feito um bem enorme para todo o meu corpo. Senti o chão tremer sob os meus pés. Era como se estivesse de novo no mar.

– Como você pôde oferecer a garrafa a ele? – ouvi Frode perguntar.

E ouvi também o Curinga responder:

– Muito simples: ele me pediu com tanta insistência...

Não estou bem certo se foi mesmo essa a resposta que ele deu, pois nem bem suas palavras entraram pelos meus ouvidos e eu já havia adormecido. Quando acordei, Frode estava debruçado sobre mim. Percebi que tinha me puxado cuidadosamente para um canto do salão.

– Você precisa acordar! – disse ele. – O Curinga vai começar a resolver o grande mistério!

– Que mistério?

– O mistério das cartas. O mistério do jogo do Curinga. Você sabe do que estou falando. Chegou a hora de ele reunir todas as frases para formar uma história.

Percebi, então, que o Curinga havia mandado os anões se posicionarem numa determinada sequência, mas desta vez os naipes das cartas estavam embaralhados. Em compensação, percebi de imediato que todas as cartas de mesmo número estavam dispostas umas ao lado das outras (Idem, p. 273).

Um *devaneio operante*, para utilizar uma expressão de Gaston Bachelard, um Curinga que dá voz ao espírito se impõe ao silêncio das palavras dispondo-as em uma determinada ordem que não é mais uma ordem imitativa e sim original, mas que serve de modelo ou *exemplar* para outras obras.

[...] como também pode haver insensatez original, seus produtos têm de ser ao mesmo tempo modelos, isto é, *exemplares*; portanto, eles mesmos não provindo de imitação, têm de servir, no entanto, a outros para isso, isto é, como justa medida ou regra do julgamento (KANT, 1980, p. 246).

Se em *O mundo...* o autor desaparece e silencia... em *O dia...* um Curinga salta por sobre silêncio das cartas fazendo-as falar e continua soprando, ecoando acima do silêncio, para além do silêncio, santificado mesmo na insuficiência das palavras que chegaram até ele, pois ele as organiza a seu bel prazer a fim de contar uma história por meio da qual pula para fora do livro.

Mas tenho certeza absoluta de que um curinga continua perambulando pelo mundo. Ele não irá permitir que o mundo se acomode. A qualquer momento, e em qualquer parte, pode aparecer um pequeno bobo da corte usando um barrete e uma roupa cheia de guizos tilintantes. Ele nos olhará nos olhos e nos perguntará: “Quem somos? De onde viemos? (Idem, p. 378).

Por que afinal Platão se faz doente na hora final de Sócrates e qual seria o seu remédio, seu φάρμακο²⁶? Por uma doença, Platão não pôde acompanhar seu mestre na hora final, o antídoto, porém, já havia sido preparado. Mesmo não estando lá, é através de Platão no *Fédon* que a hora-final, o fechar-das-cortinas de Sócrates se imortaliza e Platão pode, enfim, como o Curinga de Jostein Gaarder, saltar das páginas do romance para se mostrar como autor de toda a trama. A morte de Sócrates leva à imortalidade de Platão. Eis a capacidade do gênio que operando os jogos de linguagem com maestria inigualável se isola da precariedade do contexto onde está inserido e imortaliza-se como autor no/do Mundo das Ideias. Fora do mundo das aparências (das sombras) o autor Platão pode falar desde a luminosidade da transparência das Ideias.

E fazer filosofia não seria, no fim, a arte de continuar a contar com eficácia boas histórias, histórias cheias de realismo e ficção?

A arte de conhecer os arquétipos de todas as coisas, eis a arte de Platão, a capacidade para conhecer de forma adequada as causas dos efeitos que apenas pode ter o autor de uma obra de arte, conhecimento adequado de si mesmo e do mundo, o “gênio”, esse predicado ou modo de ser do humano que é capaz, conforme a Quinta Parte da *Ética* de Spinoza, de terceiro gênero de conhecimento ou da perspectiva da eternidade.

Proposição 29. Tudo o que a mente compreende sob a perspectiva da eternidade não o compreende por conceber a existência atual e presente do corpo, mas por conceber a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade.

²⁶ A palavra φάρμακο que em grego significa tanto remédio quanto veneno tem aqui importância significativa. Sócrates sai da vida por um veneno. Platão está doente. O veneno que mata Sócrates é o mesmo que “cura” Platão.

Demonstração. À medida que a mente concebe a existência presente do seu corpo, ela concebe a duração, que pode ser determinada pelo tempo, e apenas sob essa condição tem o poder de conceber as coisas em relação com o tempo (pela prop. 21 desta Parte e pela prop. 26 da P. 2). A eternidade não pode, entretanto, ser explicada pela duração (pela def. 8 da P. 1 e sua explicação). Logo, a mente sob aquela condição, não tem o poder de conceber as coisas do ponto de vista da eternidade; mas, como é da natureza da razão conceber as coisas do ponto de vista da eternidade (pelo corol. 2 da prop. 44 da P. 2); como, igualmente, pertence à natureza da mente conceber a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade (pela prop. 23); então, esse poder de conceber as coisas sob a perspectiva da eternidade não pertence à mente senão na medida que ela concebe a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade (SPINOZA, 2008, p. 395).

O conhecimento da perspectiva da eternidade implica no desprendimento da essência de sua duração e sua imersão no campo das possibilidades. Neste sentido, o discurso poético abre, conforme Schelling no *Bruno...*, enquanto discurso sobre o possível, caminho para a intuição do absoluto.

ANSELMO

Também não nego a existência da beleza em geral, mas sua existência temporal. Além disso, eu poderia replicar-te o mesmo que Sócrates segundo Platão: que aquele que não foi iniciado a pouco nos Mistérios, se contemplar a beleza sensível, que empresta o mesmo nome da beleza em si e para si mesma, não será tão facilmente conduzido por aquela a representar-se esta; mas o recém-iniciado, ao ver um semblante divino, no qual a beleza ou, antes, o arquétipo incorpóreo é imitado, assombra-se e começa por aterrorizar-se, pois sobrevém a ele um medo semelhante ao anterior, mas em seguida o adora como a uma divindade. Estes, que viram a beleza em si e para si mesma, estão também habituados, sem se perturbarem com as lacunas impostas pela coação das causas à natureza renitente, a ver no decalque imperfeito o arquétipo e a amar tudo o que lhes recorda a anterior beatitude da intuição. Aquilo que em cada figura viva contradiz o arquétipo da beleza deve ser concebido a partir do princípio natural, mas nunca aquilo que lhe é conforme, pois este é, segundo sua natureza, anterior, e seu fundamento está na própria natureza ideal e na unidade que temos de pôr entre a natureza produtora e a natureza arquetípica; e essa unidade também se torna manifesta porque há beleza por toda parte onde o curso natural o permite, mas ela mesma nunca nasceu e, onde parece nascer (mas sempre apenas parece), somente pode nascer porque é. Portanto, se denominas bela uma obra ou coisa, somente esta obra nasceu, mas não a beleza, que, segundo sua natureza e, portanto, no meio do tempo, é eterna. Desse modo, ao fazermos o balanço de nossas conclusões, resulta, não somente que os conceitos eternos são mais excelentes e mais belos do que as próprias coisas, mas, antes, que somente eles são belos, e mesmo que o conceito eterno de uma coisa é necessariamente belo (SCHELLING, 1979, p. 79-80).

Nas obras de arte o belo que se apresenta não é o belo em si mesmo, mas por trás delas, por trás das imagens poéticas está sua transparência, a intuição do belo e verdadeiro em

sua plenitude. A intuição genial que produz a obra de arte, segundo Schelling, faz com que nela também verdade e beleza estejam unidas, porque a interpretação subjetiva está fundida na contemplação objetiva da idéia, a imagem poética emerge na consciência do gênio. “E, assim como naquela idéia verdade e beleza são um, assim são também um nas obras que se igualam àquela idéia” (*idem*, p. 81). O movimento ficcional ganha objetividade ideal ainda que exista interpretação subjetiva. O “Sócrates de Platão” é, enquanto filósofo ideal, jogado contra as paredes da existência e da inteligência e, ali mesmo, quando a inteligência de Sócrates naufraga junto com a existência, o impulso artístico de Platão toma as rédeas de sua vida e ilumina o desconhecido. Porque a arte surge quando o gênio se depara com o silêncio e todo o seu perigo, absorvendo este ao mesmo tempo em que o deixa novamente sair pela porta dos fundos.

Ora, o homem primitivo vivencia a natureza como um caos, como sua inimiga, como uma ameaça de morte; a arte possuiria, por conseguinte, aos seus olhos, uma função apotropaica, sendo dominada pelo impulso de abstração, o primitivo exorciza a caoticidade dos fenômenos com a perfeição e a estabilidade de uma linha e de uma arte abstrata, geométrica e cristalina (...). O homem primitivo é, em geral, o artista guiado pelo impulso de abstração, é perturbado pelo vasto, incoerente, desconcertante panorama do mundo dos fenômenos, do qual não consegue encontrar a razão nem dominar. O que o anima neste estado de profunda inquietação, é uma intensa necessidade de tranquilidade, diante da dionisíaca instabilidade dos fenômenos da vida, na qual nada permanece como era e muda em um fluir incessante (...). A felicidade proporcionada pela arte pode, portanto, se concretizar, nessa perspectiva, sobretudo, através de um procedimento antitético com respeito à demanda da empatia: se isola o objeto da arbitrariedade e da precariedade do seu contexto e se o imortaliza “associando-o a formas abstratas” (WORRINGER *apud* CAMPOS, 2019, p. 4).

Sócrates é o símbolo poético de uma nova espécie de arte, agora narrada em prosa, que inaugura aquilo que viria a ser chamado romance, conforme procuramos demonstrar. Visto desta perspectiva, o “personagem Sócrates” é o símbolo poético que emerge desde a existência do Sócrates de carne e osso, mas na intuição genial de Platão. A imaginação invade a memória (realismo) e o Sócrates que lá estava, por mais viva que pudesse ser a imagem dele na memória do seu discípulo mais ilustre, ganha contornos novos (ficção). Misturando realismo e ficção, Platão elabora essa nova espécie de arte, onde Sócrates, isolado de seu contexto, pode se apresentar ainda mais transparente do que o próprio Sócrates poderia ter sonhado ser.

A tragédia de Sócrates, condenado à morte por corromper a escuridão com sua transparência, joga luzes em todas as civilizações futuras. A corrupção de Atenas é tamanha que a existência de um ser humano transparente é impossível. As forças sociais se arranjam na constituição de Sócrates para depois destruí-lo. Sua destruição, por outro lado, acaba o imortalizando para sempre... Ao imortalizar o mestre, o artista que pintou Sócrates na sua mais luminosa transparência, imortalizou-se também como escritor-poeta, o autor do Mundo das Ideias que permite ao homem abandonar a precariedade de sua vida, do Sócrates que conhecemos e admiramos e do romance que tira, graças a todos os gênios da literatura, ainda hoje, o nosso fôlego.

Realismo e ficção ou obra de arte crítica

Nas grandes realizações do pensamento – sejam elas artísticas ou científicas – arte (beleza) e ciência (verdade) estão sempre fundidas: “assim como naquela idéia verdade e beleza são um, assim são também um nas obras que se igualam àquela idéia” (*idem* p. 81). A Antiguidade Clássica e o Renascimento Italiano são, neste sentido, períodos exemplares da potência que o pensamento tem quando arte e ciência caminham juntas de forma crítica e, na busca de novos horizontes, abrem caminho para a possibilidade do gênio.

Com a crítica às artes de seu tempo, principalmente no que diz respeito às artes miméticas, Platão inaugura um novo modo de empreender artístico (o romance) e, ao mesmo tempo, estabelece as bases da crítica racional daquela e de qualquer outra arte, incluindo a sua própria, o que faz dos diálogos **obras de arte crítica**. A esperança de Sócrates, na famosa passagem do Livro X da *República*, em reconciliar-se com Homero se dava no próprio personagem Sócrates, que saiu do mundo dos mortos para conversar com Parmênides. “Em seus diálogos, Platão se apresenta por um lado como um crítico radical da poesia tradicional e de poetas importantes como Homero [...], em outro momento, ele próprio [...], produz obras de arte poética do mais alto nível” (ERLER, 2013, p. 26).

A partir dos Tempos Modernos, a filosofia teve de dar adeus à metafísica, à verdade, ao Ser, à ciência, às grandes ideologias, às utopias da modernidade; ao homem também, que ela entregou aos cuidados das ciências humanas. Mas ela nunca pôde, de fato, cortar os laços com a arte. Ferramenta pedagógica, argumento teleológico, instrumento de propaganda, cópia da natureza, aparência inofensiva, reflexo da realidade, projeção de fantasmas, paixão narcisista, objeto de prazer, meio de conhecimento, a arte sempre foi o brinquedo da filosofia. A filosofia, todavia, leva a sério tal brinquedo, talvez com secreta inveja do artista, capaz de apreender com um

gesto, com uma cor, com um simples acorde o que os discursos e os conceitos nunca conseguem realmente expressar.

A arte revela-se assim como a questão *essencial* da filosofia. Muito são as filosofias que não se prestaram a isso, antes mesmo que a estética tivesse nascido um dia da filosofia. E é por essa razão que o filósofo da arte não pode, sob pena de ele mesmo desaparecer, acreditar seriamente em uma morte da arte (JIMENEZ, 1999, p. 391).

Nutridos dessa esperança e desse impulso de reconciliação da filosofia com a arte, de reconciliação entre Platão e Homero, esperamos que estas reflexões possam servir de ponte entre verdade e beleza e, assim como os diálogos do mestre da Academia, levar a um rejuvenescimento do espírito do tempo – aumento da capacidade crítica, intelectual e artística – em nossos alunos.

2.2 O FIM DO SILÊNCIO NA LITERATURA E SEU ETERNO RECOMEÇAR

“A filosofia de Platão e sua criação literária representam o ápice da tradição religioso-filosófica e literária da Grécia primitiva” (ERLER, 2013, p. 17). Filosofia em prosa literária foi a grande realização do romance moderno, ou seja, quando o romance atingiu o seu ápice levou a cabo aquilo que Platão tinha feito surgir com seus diálogos e, ao levar a prosa até seus limites, até os limites do dizível, correu o risco, tanto quanto a filosofia, de desaparecer, como afirma Thais Rodegheri Manzano, professora de História da Arte da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) de São Paulo, na conclusão do livro *E se a literatura se Calasse?*

Este interessantíssimo livro que tivemos o prazer de ganhar em uma palestra realizada na FAAP de Ribeirão Preto em 28 de maio de 2011 está no cerne do problema levantado nesta dissertação. Livro que levou a muitas reflexões sobre literatura, filosofia e sobre o romance em particular. Naquela palestra, surgiu a suspeita de que os diálogos platônicos seriam, na verdade, os primeiros romances, não as obras do período helenístico às quais ela se referia, “os da morte de Alexandre, o Grande, em 323 a. C., até a Batalha de Actium, em 31 a. C.” (*idem*, p. 11). Foi somente em 2016 que este pensamento ganhou o respaldo de uma autoridade, quando da leitura de *A morte de Sócrates*, de Emily Wilson, em uma livraria de Campo Grande. Foi quando surgiu a idéia de utilizar narrativas ficcionais como método de ensino de filosofia: se Platão escrevia romances, então, talvez, devêssemos incluir os exercícios literários como método de aprendizagem filosófica. Levou um tempo para amadurecer a idéia e estabelecer os critérios do método. Quais problemas os personagens

iriam enfrentar? Por que estes problemas? De que maneira eles se relacionam com os conteúdos das disciplinas e com o mundo da vida?

Em todo caso, devemos a interpretação que tomamos a respeito do silêncio da literatura (ou da filosofia em nosso caso) e de seu eterno recomeço à professora Thais.

Balzac e Stendhal, além de criar grandes romances, transformam a sociedade em protagonista em suas obras. Na obra de Goethe ela é apenas pano de fundo, já que o autor não analisa seus mecanismos, apenas revela a rejeição de Werther e suas convenções meramente esboçadas. É à dissecação destas convenções e mecanismos, com precisão, que Balzac e Stendhal se dedicam, demonstrando como elas ajudam a moldar o caráter de seus personagens. Os seres são como são também porque atuam naquela dada sociedade; suas paixões são impelidas por acontecimentos históricos e pressões sociais específicas. O ambiente condiciona suas escolhas e seu comportamento (*idem*, p. 56).

Os desenvolvimentos do romance descortinam a ilusão do “eu” e faz surgir um campo de forças no lugar. O “eu” nada mais é que a resultante desta luta entre forças externas para se afirmar em nós. Ao dissecar os mecanismos e as convenções que constituem o homem, autor, personagem e o próprio leitor correm o risco de sumir. O *Inominável* de Samuel Beckett marca este ponto último para a literatura e enfrenta este perigo.

Como em Kafka, não há uma única frase obscura em Beckett. Mas qual o significado dessas incursões nos confins da existência? Ele reúne todas as fontes de inquietação humana sobre o sentido da vida. Não para por aí: resume a inquietação dos escritores quanto ao papel da literatura, da palavra como fonte de conteúdo, dos personagens quanto à sua existência. Coloca o romance contra a parede (MANZANO, 2011, p. 127).

Compreender essas forças é nossa tarefa, pois elas são determinantes para a construção do ser humano que queremos ser. Uma vez que “O ser do homem é um ser não fixado” (BACHELARD, 1978, p. 337), somos responsáveis pela humanidade, pois a humanidade é uma construção nossa. Sartre afirma em *O existencialismo é um humanismo*:

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua vida. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Quando dizemos que o homem escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve

ser. Escolher isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal,²⁷ o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade (SARTRE, 1978, p. 6-7).

Quando solicitamos aos alunos que escrevam ficções, as pressões sociais que os constituem aparecem. Fazer com que o aluno se torne personagem de uma ficção permite a ele identificar essas pressões, se relacionar com elas de maneira esclarecida e tomar suas próprias decisões. **Nosso papel enquanto educadores é apenas o de facilitar os meios de compreensão e expressão dessas decisões, porque educamos para a liberdade**²⁸.

Com a finalidade de **sentir** essas “pressões sociais específicas” utilizamos os diários fictícios como forma e uma gravidez inesperada como enredo dramático, devido a um acontecimento trágico pelo qual ele é um dos responsáveis, culpado por ser livre e condenado à mesma liberdade. Assim como no seu começo, mesmo sabendo que as palavras são insuficientes para dar estabilidade ao caos, a literatura deve continuar.

Tudo o que há para ser dito, já foi dito. Mesmo assim, para não deixar de existir, para que o autor não emudeça, melhor, para que ainda haja autor, ele próprio o resultado das vozes que nele ecoam, assim como Platão é o resultado de todas as vozes de seus personagens, é necessário continuar dizendo.

Os romancistas, durante longo tempo, tiveram pretensões modestas; confiando nas palavras, criaram histórias que permitiram a seus leitores participar de aventuras impossíveis em suas rotinas cotidianas. Ofereceram, metamorfosearam, convincentemente, camponesas com “cabelinho nas ventas” em damas inspiradoras de grandes feitos. Flaubert, porém, começou a desconfiar do poder das palavras como forma de expressão. Alguns modernistas levaram a extremos esse desconforto e criaram novas linguagens. Beckett deu cabo de um ciclo; negou a coerência das narrativas e abdicou do papel fundamental do romancista, o de inventor, conferindo-o a suas criaturas. Molloy, Moran e Malone escreveram suas histórias. O inominável, porém, se revoltou; insurgiu-se contra seu criador e recusou-se a ser seu próprio inventor. Denunciou a crueldade de um autor que lhe nega a existência, condenando-o a continuar dizendo porque, sem densidade, ele é só o som das palavras contraditórias que profere. E essas, afirma ele, não são suas, mas um acúmulo de todas as palavras de todos os personagens de um autor, Samuel Beckett. Este, por sua vez, parece estar dizendo aos leitores que, assim como o inominável é a soma de todas as vozes, as escritas, e mesmo a sua, são a soma de todas as escritas, desde seu início, lá nos tempos findos. Como ocorre com essa criatura, as palavras lhe foram impostas por

²⁷ Nota do tradutor: “Porque tal “mal” escolhido seria um “bem” justamente porque se escolheu”.

²⁸ Outra grande inspiração deste método foi o filme *Freedom writers* (2007) de Richard LaGravenese, baseado no best-seller *The Freedom Writers Diaries*.

outros. Ele busca as suas, mas só pode fazê-lo expressando-se com as que outros lhe legaram e lhe parecem inócuas. A saída seria o silêncio, mas este aniquilaria escritor e escrita. Assim, para não deixar de existir, a literatura não poderá se calar. Resta esperar o fim, mas no fim será a mesma coisa que antes (MANZANO, 2011, p. 128).

Com isso, se cumprem as palavras de Parmênides, tanto na filosofia, quanto na literatura: no fim, estamos sempre no começo; no começo, já estávamos no fim:

O CAMINHO DA VERDADE

(2)

Olha firme com tua mente para as coisas, como se estivessem à mão mesmo que distantes. Não podes impedir o que é de ater-se ao que é, nem ordenadamente disperso por toda parte, nem tampouco reunido.

(3)

É o mesmo, para mim, por onde começo, pois a isso retornarei mais uma vez (PARMÊNIDES apud BURNET, 2006, p. 191).

Aos poucos vamos acumulando crises existenciais que vão escrevendo nossa própria tragédia. “O tempo se encarrega de nos transformar em adultos. O tempo se encarrega também de transformar velhos templos em ruínas e de afundar no mar ilhas mais velhas ainda” (GAARDER, 2006, p. 377). Como narrar essas crises é, sejam crises atuais ou virtuais, o núcleo desta reflexão sobre o diálogo platônico. A perspectiva que estamos adotando em relação aos diálogos como o nascimento do gênero literário que mais tarde veio a se chamar romance aponta caminhos para a reflexão filosófica e, em nosso caso particular, para uma didática. Iremos descrever o passo a passo deste produto do pensamento que gerou uma prática de ensino-aprendizagem onde amiúde somos surpreendidos por conhecimentos novos que os alunos trazem, mas, sobretudo pelo gênio, que já aponta a cabeça algures e/ou alhures e talvez.... quem sabe?... A nossa existência, a existência do filósofo, possa ainda se justificar. Que não seja tarde demais!

2.3 O ESPÍRITO ARISTOTÉLICO E A COMPOSIÇÃO DO MÉTODO

O espírito que orienta esta prática está alicerçado nas palavras de Aristóteles na *Ética a Nicômaco* onde o filósofo afirma que o aprendizado filosófico não pode ser apenas um *ouvir dizer*. Como atividades do pensamento, filosofia, arte e ciência necessitam experimentação. Mathew Lipman chama nossa atenção: deixadas sozinhas, memória e reflexão esvaziam a

filosofia de seu conteúdo propriamente dito e ela perde o sentido, sua razão de ser. Um ensino de filosofia que respeite este espírito aristotélico precisa ir fundo na existência e estar conectado com o “mundo da vida”, conexão que se dá de duas maneiras:

- Pela **ética**. A vivência dos acontecimentos singulares que vai desenhando nosso caráter ao logo do tempo.
- Pela **estética**. A experiência poética, por catarse e verossimilhança, de acontecimentos singulares no campo das possibilidades que desenha em abstrato quem gostaríamos de ser.

A este segundo tipo de conexão consagramos o método aprendizagem que vamos descrever aqui. Tal método visa promover a catarse e perseguir a verossimilhança. Para isto iremos propor quatro etapas metodológicas inerentes ao nosso método²⁹: *problematização, dramatização, investigação e autorreflexão*.

Problematização

Gostaríamos de enfatizar que a problematização como conceito pedagógico possui uma longa história que não nos interessa contar aqui, pois existem muitos trabalhos acadêmicos que abordam o tema. O ponto de vista que vamos adotar em relação à problematização possui características próprias, pois ela está inserida dentro de um contexto dramático *ficcional*.

Os acontecimentos trágicos que culminam na morte de Sócrates acompanham toda a prosa de Platão desde a recusa de Sócrates a se submeter à autoridade política dos Trinta, quando da ordem para levar Leon de Salamis à execução, o que é, segundo Emily Wilson (2013, p. 80), “o caso mais claro de desobediência civil da biografia de Sócrates: ele se recusou a obedecer à injunção de um governo regente, porque sabia que este estava errado”, que foi decisivo na vida de seu discípulo e, segundo o testemunho da Carta VII, o marcou profundamente. Talvez, sem este acontecimento, não haveria o Mundo das Ideias.

[...] quando pude ver como eles queriam mandar a Sócrates, entre outros, em seus anos de velhice, um homem que me era tão caro [...], para levar à

²⁹ Talvez fosse necessário introduzir uma etapa anterior à da Problematização que estamos propondo, que seria a etapa da sensibilização. Entretanto, nada teria a acrescentar ao modo como a professora Sônia Campaner apresenta em seu livro *Filosofia: ensinar e aprender*, ao qual remeto o leitor desta dissertação. Em nossa prática, estamos utilizando os filmes *Encontrando Forrester* e *Escritores da liberdade*.

execução um dos cidadãos [...], ali tomei repulsa por essa nova política, retirando-me dessa sociedade aristocrática ruim (PLATÃO apud ERLER, 2013, p. 26).

Toda história tem um começo, um acontecimento desconcertante que nos arranca da calma e o espanto ou maravilhamento provocado diante destas perplexidades que se manifestam ao homem nas mais variadas relações. Os diálogos de Platão são uma resposta furiosa à aristocracia ateniense da qual fazia parte. Os acontecimentos que levaram Sócrates à morte são o resultado da política, das artes, da cultura que Platão tanto admirava. A morte de Sócrates é inevitável, mas com ele morre, também, a cultura que o matou. Um novo horizonte se projeta para a cultura em geral, para a filosofia em particular e um novo modelo de homem é produzido.

O distanciamento de Platão da política de seu desenvolvimento. A pretensão de Sócrates, expressa no diálogo *Górgias*, de ser o único político verdadeiro de Atenas (*Gorg.* 521d), pode indicar a direção para onde aponta a vida de Platão. Isso porque, a sua filosofia, como sucessora da de Sócrates, compreende-se como uma nova espécie de política, que se engaja não em favor das instituições, mas em favor das almas dos cidadãos e pelo melhoramento das mesmas como pressuposto para uma boa conveniência (ERLER, 2013, p. 32).

Aristóteles diz na *Metafísica* que é por estar diante dessas perplexidades que o homem sentiu primeiro o desejo de filosofar a fim de escapar à ignorância, simplesmente por escapar à ignorância. É neste sentido que se diz da filosofia que ela tem como fim a própria filosofia e não qualquer outra utilidade prática. No entanto, sem a capacidade para se espantar e se maravilhar diante de perplexidades não há filosofia.

É por força de seu maravilhamento que os seres humanos começaram agora a filosofar e, originariamente, começaram a filosofar; maravilhando-se ante perplexidades óbvias e, em seguida, por um processo gradual, levantando questões também acerca das grandes matérias, por exemplo, a respeito das mudanças da lua e do sol, a respeito dos astros e a respeito da origem do universo. Ora, aquele que se maravilha e está perplexo sente que é ignorante (de modo que, num certo sentido, o amante dos mitos é um amante da sabedoria, uma vez que os mitos são compostos de maravilhas); portanto, se foi para escapar à ignorância que se estudou filosofia, é evidente que se buscou a ciência por amor ao conhecimento, e não visando qualquer utilidade prática. [...] Fica claro, então, que não é por uma vantagem externa que buscamos esse conhecimento; tal como classificamos um indivíduo humano como independente pelo fato de existir por si mesmo e não graças a outra pessoa, classificamos essa como a única ciência independente, uma vez que somente ela existe por si mesma (ARISTÓTELES, 2006, p. 47-48).

É preciso problematizar o conteúdo da filosofia, pois os problemas são o ponto de partida do filosofar. Neste sentido, o conteúdo deixa de ser o ponto de partida para o aprendizado filosófico para se tornar o resultado de uma busca e sujeito a novas problematizações devido ao caráter sempre aberto de *Eros*. O que se busca, neste sentido, é a verossimilhança. Como Platão faz Sócrates dizer no *Fedro*: “em geral quando se discursa é o verossímil que carece perseguir, com muito adeus despedindo o verídico; pois é o verossímil que, formando-se através de [273a] todo discurso, constitui toda a arte” (PLATÃO, 2016, p. 185).

Como vimos no Capítulo I, para Platão, a filosofia nunca é *Sophia*, mas sempre *Philo-Sophia*. Também Campaner (2013, p. 27) afirma que “Os textos filosóficos não se prestam ao uso como doutrinas ou verdades absolutas: eles são o resultado de uma busca, e como tal, sujeitos à discussão”. A problematização deve, em certo sentido, portanto, possuir primazia em relação ao conteúdo.

A suposição de que o que importa é o conteúdo carrega em si o preconceito de que o aprendizado se dá somente pelas faculdades intelectuais. Então se o aluno não aprendeu é porque não entendeu a questão. Deleuze diria que não houve o encontro de signos. E esse encontro de signos significa, em Deleuze, a importância que tem a experiência daquele que aprende com aquilo que vai aprender. Exemplo desse encontro é a experiência de um viajante numa cidade local em que nunca esteve, ou daquele que pela primeira vez visita um museu de artes. Por mais que alguém que já esteve nesses lugares lhe conte o que viu, esses relatos não substituem o contato do aprendiz com esses objetos e a consequente constituição de novos signos a partir desse encontro. No caso da Filosofia, esse aprendizado se faz com o enfrentamento do problema filosófico. Por meio de sua mobilização frente a um problema é que o aluno ingressa na seara filosófica. É função do professor fazer ver a possibilidade de uma discussão filosófica a partir de um problema, o qual pode ser sugerido por ele mesmo ou pelos alunos (CAMPANER, 2003, p. 32-33).

Se um problema não possuir um vínculo afetivo capaz de desconcertar o aluno, então este passará por um falso problema. Assim, nosso método propõe que esta vinculação seja feita por uma perplexidade ficcional que será narrada pelo aluno em um *Diário de gravidez* fictício, onde o mesmo se encontra diante da seguinte situação:

- Uma relação sexual protegida ou não tem como consequência uma gravidez não planejada.
- As meninas estão grávidas, os meninos engravidaram alguém.

- Narra-se a relação sexual³⁰ e o espanto pessoal diante da “notícia” da gravidez no *Diário de gravidez*.

Com isso o problema deixa de ser um problema qualquer e passa a ser o problema de um personagem que é o próprio aluno diante de uma situação existencial complexa e que exige uma resposta. Não há mais como escapar, o problema universal do aborto foi individualizado por *verossimilhança* e interiorizado mediante uma *catarse*.

Que fique claro que o diário não é único estilo literário que pode ser utilizado. Tenho utilizado outros como cartas, contos, discursos políticos etc. Todos ainda em fase experimental. O professor que se interessar por utilizar este método precisa ter claro para si mesmo que à medida que vamos aplicando vão surgindo novos mecanismos de adaptação. É um método inscrito em uma temporalidade de amadurecimento que, em nosso caso, só diários já se encontram. Por exemplo, a ideia de inserir o pensamento dos filósofos, que veremos na etapa da *Investigação*, surgiu apenas durante o mestrado profissional, já os diários são utilizados desde o final de 2016.

Dramatização

A problematização vai gradualmente ganhando maior relevância à medida que vai envolvendo um número maior de pessoas (amigos, família e sociedade) e constituindo um enredo ou drama.

- Narra-se a conversa do herói (o próprio aluno) com os amigos sobre o problema. O aluno deve contar como o seu melhor amigo reage ao seu problema, se encontraria apoio com os amigos mais próximos ou não.

Quando Sócrates se entretém com seu círculo de amigos, como acontece no *Fédon*, ou com seus irmãos de boa formação, na *República*, temas fundamentais do pensamento platônico-socrático tomam o plano de frente: a imortalidade da alma (*Fédon*), a ligação entre virtude e a hipótese de que para tudo isso deve haver uma base que não pode se encontrar no mundo dos fenômenos, mas que só é acessível no pensamento (*República*) (ERLER, 2013, p. 88-89).

- Narra-se a conversa com os pais. Contar como os pais reagem à notícia de que serão avós, como fica a relação entre o herói e eles depois da notícia.

30 Não confundir com um conto pornográfico. Ver Anexo VI.

- Narra-se a forma como a sociedade recebe o problema. Na escola, na igreja, nos hospitais etc., como são as reações das pessoas, como esta reação das pessoas perturba o herói.

A dramatização visa confrontar as diferentes concepções e pontos de vistas sobre o problema, as relações diretas e indiretas emergem da trama desenvolvida no Diário. Com isso, o problema ganha dramaticidade e, na medida em que os confrontos entre os pontos de vistas surgem, o aluno é levado a se posicionar de maneira razoável o que exige *investigação* e *autorreflexão*. As famosas tetralogias platônicas dramatizam os temas que tratam. Na primeira tetralogia, por exemplo, o problema da morte é o pano de fundo de um enredo que vai galgando níveis de complexidade à medida que o destino de Sócrates vai se desenhando.

Em todo caso, a divisão dos diálogos em grupos de quatro corresponde a um contexto dramático ou de conteúdo. Os diálogos da primeira tetralogia – *Eutífron, Apologia, Críton, Fédon* – que foram qualificados também como as “obras da despedida” (Wieland, 1999, p. 89), representam diálogos ou conversas que Sócrates teria mantido nos últimos dias antes de sua execução: no percurso em direção à autoridade competente para a acusação (*Eutífron*), no processo diante dos juízes (*Apologia*), por ocasião de sua “tentação” provocada pela proposta de fuga feita por seus amigos, estando na prisão (*Críton*) e durante suas últimas horas antes da morte, no círculo de amigos (*Fédon*). Outros conjuntos estão agrupados de forma estritamente temática como os diálogos da oitava tetralogia com Cleitofon (cuja autenticidade hoje é contestada), República, Timeu e Crítias. Em Cleitofon e na República são narradas questões sobre o estado ideal e sobre a justiça; em Timeu, inicia-se uma apresentação do cidadão ideal dentro do Estado ideal. Por desejo de Sócrates, deve-se expor inicialmente o surgimento do mundo e do homem, e depois narra como estes cidadãos ideais devem provar sua competência em uma guerra contra uma cidade, “Atlântida” (ERLER, 2013, p. 42-43).

A seguir, apresentamos um resumo da primeira tetralogia platônica conforme Michael Erler (2013):

1ª TETRALOGIA PLATÔNICA E RESUMO DOS DIÁLOGOS	
I – <i>Eutífron</i> – Euthyphro; Do piedoso.	“Diálogo aporético sobre a definição de piedade; implicando também: confronto e embate de concepções básicas da religião de Homero” (ERLER, 2013, p. 49).
II – <i>Apologia</i> – Apologia Socratis; Defesa de Sócrates.	“Três discursos de defesa de Sócrates diante da justiça contra a acusação de que estaria corrompendo a juventude, que não veneraria os deuses. Sócrates descreve seu filosofar e o exame que aplica aos homens. Por causa deste serviço prestado aos homens, ele esperaria honrarias da cidade, e não punição. Condenado à morte, ele fala com desenvoltura sobre a não importância da morte” (<i>idem</i> , p. 47).
III – <i>Críton</i> – Crito; Daquilo que se deve fazer.	“Críton quer convencer a Sócrates a fugir da prisão. Sócrates se nega, apontando seu dever para com o Estado. Pode-se pagar a injustiça com injustiça?” (<i>idem</i> , p. 48).
IV – <i>Fédon</i> – Phaedo; Da alma.	“No dia de sua execução, na prisão, na presença de seus amigos, Sócrates fala sobre filosofia, morte e sobre a imortalidade da alma. Ele considera sua conversa como uma defesa verdadeira de seu modo de vida diante de seus amigos, como seus verdadeiros juízes” (<i>idem</i> , p. 49).

As famosas tetralogias platônicas serviram de inspiração no amadurecimento do método como um todo e, principalmente, no que diz respeito à etapa da dramatização. Quando analisávamos os diários dos alunos quatro momentos de destaque emergem da história: a relação sexual e a descoberta da gravidez, que foram tratados na etapa da *Problematização*, a relação com a sociedade (amigos, pais e instituições) que abordamos aqui e a decisão entre abortar ou não que será tratada na etapa da *Autorreflexão*. Que fique claro que os alunos não estão presos para retratar apenas estes quatro momentos dramáticos, pelo contrário, são livres para inserir outros, mas estes são quase que indispensáveis e, portanto, já se tornaram parte essencial dos diários e quando da explicação do trabalho devem ser explícitos como elementos essenciais dos diários pelo professor.

Com isso queremos delimitar a um limite razoável a extensão do conto que, como afirma Aristóteles na *Poética* (1979, p. 248): “tal como os corpos e organismos viventes devem possuir uma grandeza, esta bem perceptível como um todo, assim também os mitos devem ter uma extensão bem apreensível pela memória”. Este limite deve compreender um espaço de tempo suficiente para que “se dê o transe da infelicidade à felicidade ou da felicidade à infelicidade” (Id. *Ibidem*), mas também, em nosso caso particular, a passagem desta para aquela e seu retorno ao ponto original. Isso até seria preferível, pois vistos do ponto de vista do autor do drama a própria problematização exige uma solução. O problema é sempre um convite a uma superação, mas aqui seria necessário recorrer a Nietzsche e entender a tragédia como geradora de superação. O traço mais peculiar da cultura dos gregos, sua propensão para o doloroso, para com o horror e para com a guerra. Os gregos viam na tragédia um convite à superação e a buscarem o desafio, quanto maior o desafio, quanto mais doloroso e inevitável é o destino dos heróis e heroínas, mais superiores estes homens e mulheres se tornam ao ponto de quase se igualem a deuses e deusas, roubando-lhes a eternidade. Aquiles, Heitor, Édipo, Antígona, Sócrates se tornam imortais, por terem que enfrentar grandes desafios cada um a seu modo e de acordo com o seu contexto representam o grego e sua luminosidade. Neste sentido, outros desafios são bem vindos fazendo da história uma trama com encrencas variadas. Quanto mais sofrimento o aluno é capaz de transmitir no diário, melhor será, por uma questão de não interferir muito e de maneira tão abrupta no desenvolvimento intelectual do aluno não recomendamos nada além da gravidez. Entretanto, como o gênio é atraído pelo exagero, já nos jovens de 16/17 anos vemos surgir outras tragédias e notamos a procura de outros desafios. Jovens que já manifestam essa capacidade para o sério e para o doloroso possuem esse espírito grego e precisam ser notados. O tamanho

e a profundidade dos desafios que os personagens têm de enfrentar é indício de que seu autor possui aquele tipo de inteligência que é capaz de se livrar do domínio da vontade de conservação, entrando no domínio do trágico. Quando um aluno já manifesta essa habilidade de procurar a tragédia nas palavras, é necessário que se preste atenção, pois estamos diante do gênio querendo despontar.

Investigação

A etapa da investigação requer que o aluno investigue como, quando e porque os seus pensamentos se relacionam com o conjunto das opiniões dos sábios (poetas, filósofos, escritores e cientistas de todos os tempos). O aluno deve investigar o que os sábios de todos os tempos pensaram sobre situações semelhantes à sua e fazer uma seleção daquelas opiniões que ele achar mais relevantes para o contexto dramático em que o seu personagem está inserido. Para Campaner (2013) a investigação seria a última parte do método de oficina de conceitos de Silvio Gallo. Em nossa perspectiva, a investigação é anterior à etapa da *autorreflexão*. A etapa da investigação é o momento no qual “consideramos ser importante o papel da história da Filosofia como uma espécie de depositária de conceitos – que podem ou não servir para a solução do problema eleito – e de elementos – que podem possibilitar a criação de um conceito próprio” (CAMPANER, 2013, p. 207).

Na proposta pedagógica de Silvio Galo (2014), a etapa da investigação praticamente encerra o processo, uma vez que a criação do conceito próprio pode ou não acontecer. O aluno pode aderir a um ponto de vista que não necessariamente é dele, mas que lhe parece mais correto. Em nossa proposta, as opiniões dos sábios nem sempre são conceitos, podem ser descrições, avaliações, opiniões, funções e perspectivas. É preciso ficar claro que o que se espera do aluno em nosso método é uma **posição esclarecida do personagem** diante da situação dramática e não, necessariamente, a criação de um conceito, talvez de um estilo, mas nem mesmo um estilo próprio.

Autorreflexão

O que queremos dizer com esta palavra? É possível refletir sobre si mesmo? Conhecer-se a si mesmo? Talvez, refletir sobre si mesmo não seja algo que o “eu” possa empreender sozinho. Um reconhecimento que vem de si mesmo e para si mesmo? O reconhecimento não nos é dado pelo outro? Nossa desconfiança é a de que a autorreflexão empreendida por Sócrates na tentativa de decifrar o enigma do oráculo de Delfos é um refletir

sobre si mesmo, mas não por si mesmo. O diálogo é uma troca entre Sócrates e seus interlocutores. O filósofo irá andar por toda Atenas, querendo saber o porquê de o deus ter afirmado ser ele o mais sábio, uma vez que não se achava sábio, na busca de conhecer outras pessoas para saber em que ele se diferenciava dos outros atenienses. Conhecendo o outro, Sócrates conhece a si mesmo: eis a sabedoria do mestre de Platão. O empreendimento socrático irá consistir no exame daqueles que passam por ou que Sócrates considera, em um primeiro momento, sábio. Tal empreendimento resulta em Sócrates como espelho onde o pretendente a sábio se vê como realmente é, ao mesmo tempo em que se torna o espelho para o próprio Sócrates. A maestria de Platão está na utilização deste recurso dialogal para compor histórias onde os personagens se reconhecem mutuamente. Nos debates sobre virtude, justiça, verdade, beleza etc., que os personagens dos diálogos empreendem, há um processo de tomada de consciência dos personagens, do leitor e do próprio autor que encontra um pouco de si mesmo em cada um dos personagens, mas também no leitor que carregará, depois de ler o diálogo, um pedaço de Platão enquanto dele lembrar. É certo que a imagem que formaremos a respeito de Platão terá sempre uma dose de subjetividade, e se quisermos saber mais sobre o professor de Aristóteles, então será necessário recorrer a todas as interpretações que foram feitas sobre Platão desde Aristóteles até os nossos dias. No entanto, não há nenhuma garantia de que, mesmo depois de ver Platão por mil olhos diferentes, a imagem que teremos dele será a verdadeira. Talvez fosse essa a intenção de Platão: ver a posteridade toda revirando seus diálogos, procurando aqui e ali o autor por trás da obra. Temos a impressão de estar diante da esfinge que sussurra em nossos ouvidos: “Decifra-me ou devoro-te!”. Quem é este que está por trás de toda a cultura ocidental? Que maravilha escondia o mestre da Academia de Atenas em seus diálogos? Como o diálogo fala ao leitor, este é, no diálogo platônico, obrigado a tomar partido em relação aos personagens e se reconhecer neles. Às vezes sentimos vontade de dizer a Sócrates, mesmo com todos os seus argumentos, para que deixe a cidade e procure um lugar calmo para morrer em paz.

A proposta da autorreflexão como ficção literária é justamente isso, ou seja, que os alunos se reconheçam nos seus personagens e que tomem partido nos dilemas por estes enfrentados, mas que façam isso com o auxílio e com o peso das opiniões dos sábios de todos os tempos, com os quais empreendemos um diálogo espiritual enquanto procuramos compreender melhor os dramas da vida em sociedade que é nosso fim, como diz Aristóteles na *Política*. Se o fim da vida humana é o encontro com os outros, com a comunidade humana, o diálogo respeitoso entre diferentes, o diálogo respeitoso para com todos os filósofos que nos

precederam nessa tarefa inacabada chamada filosofia, então é preciso celebrar, sempre e novamente, o pacto de amor para com o conhecimento, pois o amor é o que move a causa eficiente, como dizia Duns Scot (2015, p. 37):

19. QUINTA CONCLUSÃO: *O que não é efeito não é “finido”.*

Prova: o fim não é causa senão na medida em que o ser do “finido” depende essencialmente dele como agente anterior. E isto é patente, porque toda e qualquer causa, enquanto causa, é anterior deste modo. No entanto, o “finido” não depende em seu ser do fim, que é anterior, mas somente na medida em que este, enquanto amado, move a causa eficiente a dar ser ao “finido”; a causa eficiente não daria ser em seu gênero de causalidade se o fim não causasse no seu. Logo, o fim só causa o que é produzido pelo eficiente por amor do fim.

O que é a filosofia, senão este diálogo que empreendemos com os filósofos? Não seria este diálogo com eles mais produtivo que a penosa tarefa de se conhecer a si mesmo por si mesmo? A autorreflexão de Platão não é uma meditação ao estilo cartesiano, nem melhor, nem pior, apenas diferente. O “conhece-te a ti mesmo” é, segundo nossa perspectiva do filósofo grego, uma autorreflexão que se dá com e pelo outro e que exige interpretação, não certeza. O diálogo cria as condições para que várias perspectivas entrem em rota de colisão e o seu leitor é convidado a dialogar com estas várias perspectivas.

Platão conseguiu criar obras de arte literária que não determinam a filosofia de forma abstrata, mas que permitem a seu protagonista, Sócrates, fazer filosofia no confronto e embate com mestres de retórica, sofistas, generais, políticos, poetas, sacerdotes, com parceiros eruditos ou menos eruditos. A arte expositiva platônica transmite ao leitor o que é realmente filosofia e lhe dá a impressão de estar implicado em cada embate e confronto (ERLER, 2013, p. 66).

A etapa da autorreflexão nos moldes que estamos propondo funda-se nesta perspectiva de que os diálogos platônicos são obras abertas, para as quais as novas interpretações foram, são e serão sempre bem vindas. Eles praticamente exigem interpretações. Platão foi, ao compor os diálogos, o gênio da escrita em prosa e desde o começo sabia bem o que era a escrita e a leitura de um texto.

No Capítulo I, quando falávamos da estrutura do poder ser si mesmo em Kierkegaard, ou melhor, da interpretação que Habermas fazia desta estrutura, comparamos esta a uma autorreflexão que consistia em uma apropriação crítica do passado histórico “tendo em vista as possibilidades de ação futuras” (HABERMAS, 2010, p. 10). A etapa da autorreflexão exige do aluno que se aproprie do seu passado problematizado e dramatizado

com o auxílio da história da filosofia, as frases dos filósofos se tornam armas de guerra com as quais ele se lança para o futuro.

2.4 A AVALIAÇÃO ESTÉTICO-ORGÂNICA E VISÃO DE FUTURO

Como se avalia uma obra de arte?

Em primeiro lugar, Immanuel Kant aborda, em sua *Crítica do juízo*, a possibilidade de emitir um juízo *a priori*, ou seja, um juízo universal sobre o belo. Para ele os juízos estéticos pretendem essa universalidade. Quando afirmamos que algo é belo, esperamos que o ouvinte compreenda a sensação que experimentamos diante deste algo. Por exemplo, quando dizemos que uma determinada música é bela, esperamos que aquele a quem é comunicado esse sentimento subjetivo, compreenda minimamente o que estamos afirmando. Kant pressupõe certo senso comum da beleza que pode ser compartilhado por todos os homens. Neste sentido, nossa avaliação conta com esse senso comum dos juízos estéticos do professor que, ao ler as obras dos alunos, avalia, antes de tudo, subjetivamente o que há ali de belo.

Em segundo lugar, uma obra de arte não pode ser avaliada pelas suas partes constituintes, pois ela é pensada como uma totalidade singular que lhe é característica. Toda obra de arte é uma composição de forças que tendem a criar um sentido que só pode ser encontrado se você a analisar como um todo orgânico.

Schleiermacher em sua tradução (1804), que se tornou balizadora das interpretações de Platão dos últimos duzentos anos, tentou tornar fecundo para a interpretação o pensamento propagado no *Fedro* de Platão e muito apreciado na estética do Romantismo, a saber, que uma obra de arte deve ser vista como um organismo, como um todo (ERLER, 2013, p. 55).

Se você fizer uma avaliação de um quadro de Kandinsky isolando uma de suas partes verá que ela sozinha não tem o menor sentido. No entanto, se toma o quadro como uma composição de partes, a música também é assim composta, uma harmonia se “desenha” em seu espírito, a essa harmonia que é “desenhada” no espírito chamamos ideia.

Acho interessante citar uma passagem em que o pintor russo narra sua ida à apresentação da ópera *Lohengrin*, de Richard Wagner, no Teatro Real, em Moscou, que provocou no artista uma revelação:

“Imaginei todas as minhas cores, elas estavam mesmo à frente de meus olhos. Linhas selvagens, quase frenéticas desenhavam-se à minha frente”. “Ficou bem claro para mim que (...) a pintura é capaz de revelar as mesmas forças que a música.” (KANDINSKY apud SANT’ANNA, 2019).

Em 2015, pela primeira vez no Brasil, a exposição das obras de Kandinsky tinha como título *Kandinsky: Tudo Começa num Ponto*, parodiando este, ousamos dizer: assim como na pintura tudo começa com um ponto, também na literatura tudo começa com uma palavra. As palavras vão se embaralhando e constituindo uma frase, a frase dá origem ao parágrafo e este faz surgir o texto. As palavras solitárias, órfãs de pai e mãe pedem suas companheiras sequestradas e confinadas nas celas do pensamento. Há uma espécie de Auschwitz das palavras da qual nós mesmos somos os responsáveis: mandamos as palavras para a prisão, mas, já vimos nos tópicos anteriores, não haverá prisão perpétua para elas. Se não houver mais lugar para as palavras neste mundo, então sobrarão apenas se contorcer entre os êmbolos e as correias de transmissão, se transpassar de sinais de rádio e TV, enquanto nos entupimos nos *fast-foods* e nos cafés tão característicos da civilização moderna e ainda hoje, ao mesmo tempo, mandamos carinhas tristes e/ou alegres, postamos fotos em nossas redes sociais e cumprimos aquilo que o poeta Fernando Pessoa (Álvaro de Campos) canta com melancolia em *Ode Triunfal*:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r eterno!*
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas! (PESSOA, 1997, p. 81).

A tecnologia em si mesma não tem nenhum fim, é apenas uma repetição mecânica constante e padronizada. No entanto, se ela está a serviço de algum bem, de algum mal, de algum sentido estético ou ético ela se torna uma arma. O computador e todas as facilidades que ele propicia são – o Word é uma máquina incrível que nos proporciona escrever e pensar melhor, que permite o erro e a correção do erro, que pode fazer de um texto algo fluído em

constante aperfeiçoamento e mesmo um texto escrito por muitas mãos – “dinamites”, para usar uma expressão de Nietzsche.

Ao longo do tempo, o desenvolvimento da habilidade de escrita vai aumentando: aprendemos a aprender. A maestria que é sim, e não poderia ser diferente, o objetivo de fundo deste trabalho que está sendo realizado com os alunos, não dependerá do êxito desses diários, mas do contínuo exercício do pensamento que será aprimorado pelo exercício constante da escrita.

Robinson consagrou as semanas seguintes à exploração metódica da ilha e ao recenseamento dos respectivos recursos. Arrolou os vegetais comestíveis, os animais que podiam servir-lhe, as nascentes, os abrigos naturais. Por sorte, o destroço do *Virginie* ainda não sucumbira por inteiro às violentas intempéries dos meses anteriores, embora estivesse desaparecido grande parte do casco da coberta. O corpo do capitão e o do marinheiro tinham igualmente sido arrastados, o que levava Robinson a felicitar-se, não sem experimentar ao mesmo tempo profundo remorso de consciência. Prometera-lhes sepultura, desobrigar-se-ia erguendo-lhes um cenotáfio. Instalou o seu depósito geral na gruta que se abria no maciço rochoso do centro da ilha. Para lá transportou tudo o que pôde arrancar dos destroços, nada rejeitando que fosse transportável, pois os objetos menos utilizáveis conservavam a seu olho o valor de relíquias dessa comunidade humana de que estava exilado. Após ter armazenado as quarenta pipas de pólvora negra mesmo no fundo da gruta, arrumou três arcas de roupas, cinco sacos de cereais, duas cestas de louça e de prataria, vários cestos com objetos heteróclitos: castiçais, esporas, joias, lupas, óculos, canivetes, mapas marítimos, espelhos, dados para jogar bengalas, etc.; diversos recipientes para líquidos, uma caixa de aparelhagem – cabos, roldanas, lanternas, espichas, linhas, flutuadores, etc. – e, por fim, uma outra caixa com moedas de ouro, prata e cobre. Os livros que encontrou espalhados pelos beliches estavam de tal modo estragados pela água do mar e pela chuva que o texto apagara-se; verificou, no entanto, que, pondo-os a secar ao sol, podia utilizar as páginas brancas para fazer um diário seu, caso pudesse encontrar um líquido que substituísse a tinta. O líquido foi-lhe fornecido inesperadamente por um peixe que então pululava nas imediações da falésia do levante. O doidão, temível devido à sua potente e denteada mandíbula e ainda aos espinhos urticantes que lhe ouriçam o corpo em caso de ataque, tem a curiosa faculdade de se enfunar à vontade de ar e de água até ficar redondo como bola. Como o ar absorvido lhe acumula na barriga, consegue nadar de costas sem dar por isso impressão de incômodo em virtude de tão surpreendente posição. Mexendo com um pau num desses peixes arrojados à areia, Robinson notara que tudo que entrava em contato com a sua barriga flácida ou distendida tomava uma cor vermelho-carmim extraordinariamente tenaz. Tendo pescado uma grande quantidade desses peixes, cuja carne delicada e firme como a de frango apreciava bastante, espremeu para um pano a matéria fibrosa secretada pelos poros da barriga, assim recolhendo uma tintura de odor fétido mas de admirável encarnado. Logo tratou de aparar convenientemente uma pena de abutre, e quase chorou de alegria ao desenhar numa folha de papel as primeiras palavras. **Parecia-lhe subitamente ter-se semi-arrancado do abismo da bestialidade em que mergulhara e ter regressado ao mundo do espírito pelo cumprimento de um dever sagrado: o de escrever.** Desde então, abriu

quase todos os dias o seu *log-book* para anotar, não acontecimentos pequenos e grandes da sua vida material, a que não dava atenção, mas as meditações, a evolução da sua vida interior, ou ainda as recordações que lhe vinham do passado, juntamente com as reflexões que lhe inspiraram (TURNIER, 1985, p. 38-39).

Alguns alunos podem ser afetados por este *pathos* do escritor por meio deste nosso trabalho, que pode servir de estímulo e de impulso para a produção literária e para o surgimento de novos escritores, dos escritores do futuro.

É olhando para este horizonte de possibilidades que a avaliação desses trabalhos iniciais deve ser feita. Alguns alunos já manifestam habilidades criativas impressionantes e mesmo aqueles que ainda não manifestaram essas habilidades devem ser estimulados a continuar escrevendo para que possam começar a encontrar suas próprias palavras, seu próprio pensamento e, por fim, sua autonomia, sua liberdade, sua humanidade.

Sei agora que todos os homens trazem em si – e, dir-se-ia, acima de si – uma frágil e complexa montagem de hábitos, respostas, reflexos, mecanismos, preocupações, sonhos e implicações, que se formou, e vai-se transformando, no permanente contato com os seus semelhantes. Privada de seiva, esta delicada florescência define e desfaz-se. O próximo, coluna vertebral do meu universo... Todos os dias meço o quanto lhe devia, ao verificar novas fendas no meu edifício pessoal. Sei a quanto me arriscaria perdendo o uso da palavra, e combato com todo ardor da minha angústia essa decadência suprema. As minhas relações com as coisas, porém, encontram-se também elas, desnaturadas pela minha solidão. Quando um pintor ou um gravador introduz personagens numa paisagem ou na proximidade de um monumento, não é por gosto do acessório. As personagens *dão a medida* e, o que é ainda mais importante, constituem *pontos de vista possíveis* que, ao ponto de vista real do observador, acrescentam indispensáveis virtualidades (Idem, p. 47).

Como já foi dito, uma das habilidades que devem ser notadas pelo professor que é indício de talento é a propensão para o trágico. Alguns alunos não se contentam apenas com a “tragédia” da gravidez precoce e apimentam a história com outras tragédias que tornam a vida do personagem mais complicada do que já está. O pai do filho da aluna Juliana Akemi sofre, por exemplo, um acidente de carro (Anexo IV). Existem outros exemplos, convidamos o leitor a ler as histórias em anexo.

2.5 ABORDAGEM QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO

Nossa pesquisa tem como foco a qualidade dos trabalhos dos alunos, a qualidade das narrativas e das reflexões operadas pelos alunos. No entanto, como os diários escritos pelos alunos são ficções é preciso deixar claro que o contexto de investigação não irá aparecer de

maneira direta, mas de forma indireta irá se apresentar mesmo assim. As relações sociais que produzem o texto ficcional também se deixam ver nele. O ambiente natural irá aparecer no drama ficcional. Segundo Lüdke e André (2018, p. 12, itálicos dos autores) “*A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada*”.

O tema da gravidez precoce na adolescência não está, em nosso caso, sendo tratado de forma direta, mas de maneira indireta pela utilização da prática da ficção literária por meio da catarse e da verossimilhança. A gravidez na adolescência não emerge como realidade, mas como possibilidade patética. Entretanto, como possibilidade patética a ficção literária permite não só que os alunos compreendam melhor o que se passa com jovens nessa situação, mas que, também, respondam com mais cuidado e menor preconceito em relação a jovens que se encontrem na mesma situação. Em Filosofia 4, os alunos estão aprendendo ética. Nosso trabalho faz, devido a seu espírito aristotélico, com que a ação humana seja uma ação ética, ou seja, não só leva os alunos a pensarem bem sobre se devem ou não ter uma relação sexual agora, como lhes prepara para compreender melhor o outro que se encontra em situação semelhante.

Em relação à coleta de dados da presente dissertação, mesmo que ficcionais são dados descritivos.

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado (Idem, p. 13, itálicos dos autores).

Podemos dizer que nosso método de trabalho “substitui” as entrevistas com adolescentes na situação de uma gravidez precoce pelo diário fictício onde eles têm de desempenhar este papel. O que se ganha e o que se perde com isso? Perde-se em cientificidade específica, perde-se em historicidade jornalística, mas se ganha em abrangência (por verossimilhança), em poder de influência (por catarse) e com isso em poder de autorreflexão ética no trato de si mesmo e do outro.

Ainda segundo Lüke e André (Idem, p. 20-24) entre os princípios fundamentais do estudo de caso destacam-se:

<p>1) “Os estudos de casos visam à descoberta. [...] O quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance” (Id. Ibidem).</p>	<p>Na aplicação deste método o quadro inicial (ver tópico <i>Problematização</i>) lança o aluno em uma situação x da qual derivam vários outros questionamentos (y, z etc.). Temas como o uso de preservativos, sexualidade na adolescência, ética, moral, política começam a saltar naturalmente do problema em questão.</p>
<p>2) “Os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”. Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa” (Id. Ibidem).</p>	<p>O IFMS – Campus Campo Grande é uma escola privilegiada em vários aspectos. Nossos alunos têm um contato bem mais direto com a ciência e com a cultura. Estão acostumados a participar de feiras de ciências a ler e a escrever. No entanto, mesmo assim, ainda existem muitos problemas e muitas dificuldades para a aplicação deste método. Reclamação de pais que discordam da aplicação devido a fatores religiosos pode ser uma dificuldade a ser enfrentada. É preciso que o professor esteja seguro da relevância deste trabalho para não recuar diante da comunidade escolar e manter a decisão.</p>
<p>3) “<i>Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. [...]</i> Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes” (Id. Ibidem).</p>	<p>A completude e o aprofundamento da situação problema são assegurados pela etapa da <i>Dramatização</i> que insere a problemática da gravidez precoce no contexto do aluno criando pontes. A família, a igreja e a escola estão colocadas em xeque. O diário faz aparecer moralismos e ignorâncias de toda</p>

	espécie.
4) “ <i>Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. [...] Com essa variedade de informações, oriunda de fontes variadas, ele poderá cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar alternativas</i> ” (Id. Ibidem).	Os alunos são convidados a relacionar os problemas enfrentados, principalmente, com o ponto de vista dos filósofos dialogando com eles. Kant, Pascal, Nietzsche, Rousseau etc., toda história da filosofia é convocada para jogar luz nos problemas.
5) “ <i>Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas. O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas “generalizações naturalísticas”</i> ” (Id. Ibidem).	Podemos fazer algumas generalizações como: a maioria dos jovens do ensino médio não acredita poder encarar a dificuldade de uma gravidez precoce sem ajuda da família ou dos pais. Todos eles teriam dificuldades de alguma monta para tratar do tema gravidez e sexualidade com suas famílias. Aqui faremos uma autocrítica: solicitamos aos alunos que falassem com os pais sobre o trabalho de filosofia, mas não os convidamos para falar sobre o tema na escola. O trabalho poderia ter gerado mais discussões, mais ações, mas tudo demanda tempo e reorganização para próximas aplicações. Poderíamos ter feito um formulário para que os pais avaliassem a proposta. Assim teríamos maior clareza de quantos ficaram satisfeitos com o resultado e quantos não ficaram. Não pudemos medir o impacto que este método possui na reflexão ética para relações sexuais protegidas, não é um efeito, apenas ousamos dizer que ele faz pensar não só nessa como em outras questões como no

	consumo de bebidas alcoólicas, isso fica evidente na leitura dos diários.
6) “ <i>Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social</i> ” (Id. Ibidem).	Na maior parte dos diários é possível notar que a pressão que o jovem sofre e que pode levar ao aborto não é uma reflexão, mas uma pressão externa, vinda da família, da igreja, da escola e da sociedade em geral. Se eles não se sentissem pressionados, então, talvez, jamais pensariam no problema. É a própria moral que os impele a serem imorais.
7) “ <i>Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa. Os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações³¹, desenhos, fotografias, colagens, <i>slides</i>, discussões, mesas redondas etc.</i> ” (Id. Ibidem).	A escrita literária deve ser um momento de liberdade criativa para os alunos. Os diários devem ser abertos a toda influência externa. Não há limites de páginas, não há limites de formas. É mesmo esse confronto entre a liberdade criativa do escritor e a necessidade de dar uma forma racional a ela que garantiram todo “charme” da proposta.

Como veremos no Capítulo III, os *Diários de Gravidez* suscitaram uma abordagem dialogal com os alunos sobre algumas partes de seus trabalhos. Como nossa pesquisa visa a qualidade das reflexões ali realizadas, os trechos intencionalmente selecionados foram os que possuíam ou poderiam fazer uma ponte com a história da filosofia e costuramos cada um desses trechos em uma meta-história ou em um diálogo platônico à luz da *Poética* de Aristóteles.

³¹ Acreditamos que as autoras se referem a dramatizações teatrais, mas, neste ponto, chamamos atenção para que os diários utilizados enquadram-se perfeitamente na categoria estudo de caso.

CAPÍTULO III - DIÁLOGO COM OS ESCRITORES DO FUTURO: UMA CONVERSA ENTRE FILÓSOFOS DE TODOS OS TEMPOS E ALGUNS JOVENS DO SÉCULO XXI

Os resultados da pesquisa serão apresentados a seguir. Parece prudente, neste momento, deixar os alunos falarem um pouco, no fim das contas, eles têm muito a dizer. Talvez até mais que o próprio professor deles que prefere por modéstia, embotamento ou simplesmente por ainda desconfiar, como lhe é de costume, que pode estar errado, apenas deixar falar seus alunos e ouvi-los, bater um papo com eles como fazia o velho Sócrates na ágora de Atenas!

Quando é que a resposta à questão: Que é isto – a filosofia? é uma resposta filosofante? Quando filosofamos nós? Manifestamente apenas então quando entramos em diálogo com os filósofos. Disto faz parte que discutamos com eles aquilo que eles falam. Este debate em comum sobre aquilo que de novo, enquanto o mesmo, é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *lêgein* no sentido do *dialégestai*, o falar como diálogo. Se e enquanto o diálogo é necessariamente dialética, deixamos em aberto.

Uma coisa é verificar as opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer, do que falam (HEIDEGGER, 1978, p. 19).

Optamos por apresentar os resultados desta pesquisa por meio de um diálogo entre o professor e seus alunos. Parece-nos propício fazer isso em forma de diálogo, uma vez que nosso método pretende aproximar-se de Platão. É importante deixar claro que tudo não passa de ficção literária, mas que isso não diminui em nada, a nosso ver, a relevância das reflexões filosóficas de nossos alunos. Infelizmente, não pudemos dialogar com todos eles, foram mais de duas mil páginas de *Diários de gravidez* nos últimos dois anos e todos eles não caberiam aqui, o que é uma pena. O curto espaço de tempo que é, talvez, o maior inimigo de nosso método, pode ter feito com que prestássemos mais atenção em uns e deixássemos de prestar atenção em outros trabalhos. De qualquer forma, agradecemos aos alunos pelas histórias... Elas já valeram a pena.

3.1 DE REPENTE, NO IFMS³²...

Campo Grande, 21 de março de 2019, quinta-feira.

Nossa vida será cheia de bons encontros e maus encontros! O espanto! Somos pegos de calças na mão! Foi o que aconteceu com o aluno Maycon Felipe Mota, não é mesmo garoto? Não sei qual será a decisão que irão tomar, estou apreensivo pelo final da história. Só posso dizer que espero que suas vidas ainda possam estar repletas de aventuras e que nunca lhes falte alegrias durante os percalços do cotidiano. Afinal, nosso destino é tão incerto quanto o nascer do sol para David Hume. De certo mesmo, somente aquilo que dizia Schopenhauer: enquanto houver vida, haverá sofrimento! Também Hume afirmava no *Tratado da natureza humana*:

Concluirei este tema com uma reflexão derivada dessas cinco limitações: as pessoas mais orgulhosas, e que aos olhos do mundo, têm mais razões para seu orgulho, nem sempre são as mais felizes; e as mais humildes nem sempre são as mais infelizes, como este sistema poderia nos levar a imaginar em um primeiro momento. Um mal pode ser real, ainda que sua causa não tenha relação conosco; pode ser real, sem ser constante; pode ser real, sem transparecer aos outros; e pode ser real, sem cair sobre regras gerais. Males como esses não deixaram de nos tornar infelizes, embora tenham pouca tendência a diminuir nosso orgulho. E talvez descubramos que os males mais reais e mais palpáveis são dessa natureza (HUME, 2009, p. 328).

Que as alegrias possam ser potentes a ponto de vocês afirmarem a vida infinitas vezes, com tudo o que há nelas de bem e de mal, como dizia Nietzsche. Sem nenhuma ironia e com toda minha sinceridade schopenhaueriana digo: não queria estar na pele de vocês! Aguentem firmes! Ah! Antes que me esqueça, sua reflexão sobre Locke ficou muito boa. O diário todo, na verdade. Como a citação do Albert Cammus³³ caiu bem! Voltemos ao Locke. Você disse:

Segundo Locke (1960), uma pessoa deve apresentar razão, capacidade de reflexão e considerar a si próprio como uma coisa que pensa em diferentes momentos e lugares; o que faz apenas por essa consciência, o que é inseparável do pensamento e que me parece essencial a ele. Portanto, em um embrião não há nenhuma dessas capacidades acima, mesmo que possua características nitidamente humanas, então não podemos definir um embrião como pessoa e dizer que terá direito à vida por não possuir autoconsciência. Mas, se pensar deste modo, seria lícito, também, matar um paciente em

³² Este título faz referência e é uma homenagem ao escritor Amós Oz que faleceu em 28 de dezembro de 2018. É uma paródia ao título de um de seus livros *De repente, nas profundezas do bosque*. Quando soubemos da morte do escritor pelos jornais da época, surgiu a ideia de homenageá-lo. Enquanto divagávamos sobre a íntima relação entre filosofia e literatura, morria o escritor.

³³ “Somos responsáveis pelo que fazemos, pelo que não fazemos e por aquilo que impedimos de ser feito”.

coma ou estado vegetativo, que não teriam direito moral à vida e nem recém-nascidos (ANEXO I).

Queria ressaltar que para Locke o homem é uma tábula rasa, uma folha de papel em branco onde as impressões sensíveis deixam marcas o que se dá pela experiência. Sentir, ou seja, ser capaz de tato, olfato, paladar, audição e visão³⁴ é nossa condição mais primitiva. No entanto, você está coberto de razão, a meu ver, quando diz que é necessário possuir autoconsciência para ser considerada uma pessoa. Sentir simplesmente, reagir a um estímulo qualquer, até os animais reagem. Neste sentido, matar uma vaca seria mais cruel que um feto que ainda não sente nada ou se sente, e eu até acho que sinto, ainda não senti metade das dores que uma vaca teve de aguentar! Algumas vacas, por sinal, são submetidas a tratamentos horríveis, não acha? Outras até mereceriam, por todo o trabalho que fazem por aí, um tratamento mais humano que o de muitos humanos! Torturadores não me parecem ter mais direito à vida que as vacas! Estou lendo um livro de Ernest Hemingway, *O verão perigoso*, que conta uma de suas viagens à Espanha a fim de acompanhar as touradas. Em uma das passagens, ao narrar uma apresentação de Antônio, um dos toureiros que disputava, à época, o título de melhor toureiro da Espanha, Hemingway mostra uma multidão enlouquecida com a morte do touro.

Depois desses passes o animal já lhe pertencia, e ele demonstrara ao público o que um grande artista corajoso pode fazer com um touro verdadeiro com chifres possantes, longos e mortais. Exibiu todos os passes clássicos sem truques nem fingimentos ou concessões, fazendo o touro passar tão perto quanto Jaime tinha feito, mas com perfeito domínio o tempo todo. Depois de ter exibido tudo ao público da maneira mais próxima, pura e vagarosa, terminou com um *passe de pecho*; a seguir alinhou o touro, despediu-se dele com uma última elevação da muleta, abaixou-a e guardou-a, mirou-o com a espada e penetrou-a perfeitamente por entre os enormes chifres; e o touro caiu de suas mãos já morto enquanto a plateia delirava. O presidente lhe concedeu as duas orelhas, enquanto a multidão da seção descoberta saltava sobre a cerca para carregar Antonio e Jaime em seus ombros em torno da arena. Antonio resistiu, mas finalmente conseguiram elevá-lo; via-se com clareza que sua atitude não fora planejada com antecedência. Havia gente demais, e estavam todos enlouquecidos (Hemingway, 2014, p. 101).

As touradas são protegidas por lei e são consideradas patrimônio histórico e cultural na Espanha. Há muita pressão sobre as touradas hoje em dia por grupos de defesa dos animais. O filósofo Peter Singer, professor da Universidade de Princeton sustenta ser imoral nós nos alimentarmos de carne. Há uma entrevista com ele na revista *Época*, *Entrevista com o*

³⁴ Aristóteles afirma na *Metafísica* que nosso apreço pelos sentidos é prova de que “Todos os seres humanos naturalmente desejamos conhecer” (ARISTÓTELES, 2006, p. 43).

filósofo Peter Singer, que também vale a pena conferir. No fim das contas, concordo contigo: “Nada contra a vontade da Tayla. Afinal, ela está carregando a criança.” (Idem, p. 4).

Tudo isso me fez lembrar a Letícia Silva dos Santos e seu filho Diogo. Como vai, Letícia? As últimas notícias foram a de que o Diogo estava bem e que você repousava na sabedoria de Platão que consiste “em ordenar bem a nossa própria alma” (Letícia Silva dos Santos, 2018, p. 7). Letícia, que bem você fez a esta pobre alma com aquela citação de *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo e a relação que estabeleceu entre sua primeira relação sexual e as palavras do escritor. “As conseqüências de nossas ações nos agarram pelos cabelos; para elas é indiferente que, no intervalo, nos tenhamos tornado melhores” (NIETZSCHE, 2007, p. 94). Não é verdade? O que foi mesmo que você disse?

Diário, acabei de perder minha pureza, sinto-me agora uma mulher, nos braços de um homem que me tocou cuidadosamente nas últimas horas. Nunca tive uma experiência semelhante, realmente foi inexplicável. Doeu, mas o prazer foi maior do que a dor e mais ardente que o sangue vermelho que tingiu os lençóis. Logo, lembrei-me do trecho de *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo):

“A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas. Adormeceu. Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente. E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios” (ANEXO VI).

Como os poetas são capazes de comunicar uma ideia, não é mesmo? A descrição é tão universal e tão cheia de beleza que nos arranca do tempo por um segundo para admirar. Tudo o que sobra é um olho que vê e uma cena que é vista. O trecho não lembra Schopenhauer quando fala sobre o gênio? De tão universal, a imagem poética parece poder falar por todos os casos. Tanto pelo seu, como pelo de qualquer garota na mesma situação. Aristóteles diz que isso se deve ao poder de verossimilhança que é próprio da poesia. Mas voltando a Schopenhauer e a questão do gênio, ele diz:

A partir de nossa concepção da essência do gênio, isso é facilmente explicável, a saber: se o gênio se encontra em sua atividade, opera-se nele precisamente aquele excedente da faculdade de conhecimento, a qual é orientada para a essência do mundo, e a própria pessoa é esquecida. Esse é o instante da concepção das obras de arte, do entusiasmo. O conhecimento, em toda sua energia, assumiu a pura orientação objetiva, e o objeto é claramente concebido conforme a sua essência mais íntima. Em outros momentos,

todavia, em que o indivíduo genial está ocupado com a própria pessoa, seus fins e destino, todo o excedente de conhecimento toma a orientação subjetiva e tem de, a serviço da vontade individual, iluminar seus fins e destinos; com isso, o enérgico poder de conhecimento além do normal mostra tudo ao indivíduo genial de maneira extremamente viva, com cores quentes, e aumentando ao assombroso, fazendo com que veja o extremo em toda parte (SCHOPENHAUER, 2003, p. 63).

O texto de Aluizio de Azevedo não é mesmo cheio de extremos? “Delicioso entorpecimento”, “floresta vermelha” e “sol embriagador” não são expressões bastante extremas para narrar uma primeira vez?

Quem se deu ao luxo de citar Schopenhauer foi a Juliana Akemi Tezuka, por onde andas japinha? De onde será que você sacou aquela frase do Schopenhauer que acabou a definindo tão bem?

Com todos os sonhos que tinha, meu filho se tornou o principal, cuidar dele e sentir seu amor por mim era tudo que me fazia continuar e não desistir de sua vida. “A melhor de todas as maravilhas não é o conquistador do mundo, mas o dominador de si” (Arthur Schopenhauer). Essa frase me definiu, ter conseguido superar tudo que me aconteceu e ter forças para seguir com inúmeros desafios que estavam à frente era a maravilha que trouxe a realidade da superação (ANEXO IV).

Realmente, é preciso se superar! Viver não é brincadeira, não é mesmo? Ainda mais em um mundo como o nosso cheio de preconceitos morais, de olhares tortos e fofocas escondidas. Não há muito que fazer além de seguir em frente. Mesmo com todos os desafios que virão e eles virão, é sempre bom recorrer àquela velha sabedoria popular traduzida em música que tão bem define o brasileiro:

*Eu fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita
Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar.. (E cantar e cantar...)
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei... (Eu sei...)
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita (Gonzaguinha, O que É, o que É).*

Por falar em Brasil, tudo me leva a crer que todos aqueles chutes da Sophia escondem uma jogadora de futebol. Será? Estamos precisando de alguém para substituir a Marta. Não é mesmo, Maria Eduarda?

Era engraçado porque todos me tratavam muito bem, perguntavam se estava com fome, se queria algo como água ou algum doce... sei lá. Todos sempre perguntavam qual seria o nome, mas eu ainda não fazia ideia de como ela iria se chamar, por enquanto, quando me referia a ela, falava: menininha. Já estava na metade da gravidez, ela já tinha tudo formadinho, praticamente sentia coisas, engolia, cuspiu, soluçou uma vez! Quando Carlos estava em casa, fazia palhaçadas:

– Quem é a menininha do papai? É Você!

Então eu a senti mexendo pela primeira vez. Ela chutou forte! Então comecei a gritar:

– Ela chutou! Ela chutou!

Todos vieram apreensivos sentir a pequena, até meu pai. Ele colocou a mão na minha barriga e disse:

– Chuta pro vovô!

E ela chutou (Maria Eduarda Gonçalves Guerra, 2018, p. 16).

É incrível como a interação começa antes mesmo do nascimento. Algumas pessoas defendem que a dignidade da pessoa começa com a formação das conexões neurais no córtex. É quanto o feto começa a interagir com o seu meio. Estive lendo um artigo na revista *Superinteressante* de Elza Muto e Leandro Narloch onde dizem:

[...] quando as primeiras conexões neurais são estabelecidas no córtex ele se torna um ser humano. Depois, a formação dessas vias neurais resultará na aquisição da “humanidade”. Essa opinião também é compartilhada por alguns teólogos cristãos como Joseph Fletcher, um dos pioneiros no campo da bioética nos EUA. “Fletcher acreditava que para se falar em ser humano é preciso falar em critérios de humanidade, como autoconsciência, comunicação, expressão da subjetividade e racionalidade” (MUTO; NARLOCH, 2019).

Seja como for, tudo indica que Sophia já devia estar reclamando as chuteiras!

Chuteiras que sempre me arrancam as lembranças da infância “e dos amigos que lá deixei”, como dizia Luiz Gonzaga. Amigos que estão sendo fundamentais para a Dara Barboza Marin que aprendeu muito com tudo aquilo que foi obrigada a enfrentar nos últimos meses, principalmente sobre a importância dos amigos e da superação das nossas limitações. Como vai você, querida?

Confesso que esse ano não foi um dos mais fáceis para mim. Aconteceram tantas coisas em tão pouco tempo, mas foi essencial o apoio da minha família e amigos e tenho muito a agradecer por tudo que fizeram por mim. “A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas” (Francis Bacon). Felizmente, conseguirei concluir meus estudos, porque minha mãe ficará com a Morgana todas as tardes e isso me deixa muito feliz, porque não queria parar de estudar. Sei que ainda passarei por muitos problemas e

obstáculos, mas estou disposta a vencer todos pela minha filha. “Seja impetuoso, um livre-pensador, supere suas limitações” (Nietzsche) (Dara Barboza Marin, 2018, p. 7).

Esses filósofos sabem mesmo das coisas, não sabem? A amizade é com certeza uma das melhores coisas desta vida. Não é a toa que os filósofos são amigos, amigos da sabedoria. Como vocês já sabem, filosofia vem do grego, φιλοσοφία, que é uma junção das palavras φίλος que significa amor e/ou amizade e σοφία que significa sabedoria. Ter amigos é fundamental para que possamos aprender a fazer o bem ao próximo e a sentir compaixão. Para Aristóteles, é bom que se diga, só aprendemos a ser justos praticando atos justos e a ser benevolentes praticando atos benevolentes. Neste sentido, veja como é importante uma boa relação com a família e com os amigos, pois o bem que praticamos para as pessoas que gostamos acaba nos tornando mais propensos a agir com prudência em relação aos outros. De tanto praticar o bem para as pessoas que gostamos, acabamos adquirindo esta prática e a caridade passa a ser algo natural.

A prudência é a virtude que se encontra em todas as outras virtudes segundo Aristóteles. Aquele que é prudente faz o melhor para si e para os outros. Como diz a filósofa Marilena Chauí:

A importância dada por Aristóteles à vontade racional, à deliberação e à escolha o levou a considerar uma virtude como condição de todas as outras e presente em todas elas: a *prudência* ou *sabedoria prática*. Prudente é aquele que, em todas as situações, julga e avalia qual atitude e qual ação melhor realizarão a finalidade ética, ou seja, garantirão que o agente seja virtuoso e realize o que é bom para si e para os outros (CHAUÍ, 2014, p. 264).

Tudo indica que a Dara tem amigos e familiares prudentes que estão dando todo o apoio que ela e a Morgana precisam e merecem, principalmente para que a Dara possa terminar os estudos e seguir com sua vida da melhor forma possível. Como dizia Pitágoras: é sempre bom poder contar com os amigos. Não é mesmo Isa? Segundo a Lenka Ayano, você deu muita força a ela e ainda citou o filósofo que batizou, provavelmente, a filosofia... Não foi isso, Lenka?

As palavras da Isa seguraram com força o meu coração e não soltaram. Eu abracei com força a Akemi agradecendo. Ela me abraçou de volta.

– Depois de saber da morte dele eu vim aqui para pegar as coisas dele e te dar, aí eu encontrei isso. Precisava lhe mostrar o quanto o seu namorado era incrível.

– Obrigada Isa! Muito obrigada! – dizia chorando.

– Não me agradeça Len. Assim como Pitágoras disse: “Os amigos são como companheiros, eles devem ajudar uns aos outros a perseverar no caminho para uma vida mais feliz” (ANEXO IX).

Que barra! Perder o Yuuki justo agora! É incrível como o outro nos faz falta. Há uma palestra do professor e filósofo Clóvis de Barros Filho no YouTube sobre a importância do outro nas nossas vidas que recomendo, o título da palestra é *Transparência e cinismo*. Um livro que trata da importância do outro nas nossas vidas é o livro *Sexta-feira* ou *Os Limbos do Pacífico* de Michel Tournier que faz uma releitura do livro *As aventuras de Robinson Crusoe* de Daniel Defoe. Um naufrago vai parar em uma ilha deserta e descobre a falta que o outro faz em nossas vidas. Ao longo de nossas vidas muitas pessoas queridas seguem para o mundo dos mortos. O poeta gaúcho, Mário Quintana fez um lindo poema sobre o tempo como produtor dessas idas sem voltas.

*Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas* (QUINTANA, 2019).

Tenho certeza que a Sayuri irá trazer muitas alegrias para sua vida. Também vai ter muito choro e noites em claro, mas irá valer a pena. Faça como a Camila Vitória Carneiro, respire fundo... e siga em frente! Camila, como a convivência é uma coisa complexa. Schopenhauer diz que a vida em sociedade é como um ninho de porcos espinhos que, para se proteger do frio, vivem se espetando.

“PREOCUPE-SE COM A APROVAÇÃO DAS PESSOAS E VOCÊ SERÁ PRISIONEIRO DE SI MESMO” – LAO-TSÉ

O ocorrido se espalhou rapidamente após alguns dias, na escola, algumas pessoas começavam a cochichar entre si, algumas tentavam disfarçar sua desaprovação e outras pareciam se divertir fazendo comentários em alto e bom som. Respirei fundo e fiz o caminho de volta para minha sala o mais rápido que pude. Noah me segurou pelo pulso com cuidado quando passei por ele.

– Ei, o que foi?

Neguei e ele me abraçou, algumas meninas riram ali perto e Noah nos afastou delas.

– Não liga pra eles, você sabe como todos que são importantes para nós estão nos apoiando.

– Eu sei, mas é tão cansativo e desmotivador.

– Ei, vamos ser os melhores pais do mundo, eu já estou me arranjando com o estágio remunerado e eu sei que você vai conseguir conciliar a escola com a gravidez perfeitamente. Estamos dando pequenos passos, mas eles são muito importantes.

Assenti e sorri para ele, percebendo o quão compreensivo ele estava sendo. Ele me puxou para mais perto e aproveitamos o pouco tempo que tínhamos antes do sino soar novamente para conversar e fazer planos. E os olhares das pessoas passaram a não me incomodar, a única coisa que importava naquele momento era a pequena vida que se desenvolvia dentro de mim e toda a felicidade que já estava e que ainda iria me proporcionar.

“E AQUELES QUE FORAM VISTOS DANÇANDO FORAM JULGADOS INSANOS POR AQUELES QUE NÃO PODIAM ESCUTAR A MÚSICA”
– FRIEDRICH NIETZSCHE (ANEXO VII).

Nem todos têm a sabedoria do pai do Adelino Nolasco de Abreu Neto. O modo como ele reagiu à notícia de que a Larissa estava grávida foi exemplar. Infelizmente, nem todos os pais reagem assim. Essa é, a meu ver, a maneira mais ética de se lidar com uma gravidez inesperada pela qual seu filho é um dos responsáveis diretos.

Sentei com meus pais na mesa e disse:

– Então, nem sei como dizer isso direito para vocês, mas fui à festa com o Felipe e lá estava a Larissa. Tivemos um caso e acabamos fazendo sexo sem proteção e, então ela está grávida.

Meus pais fecharam a cara e disseram:

– Você está brincando? Adelino Nolasco de Abreu Neto, você está falando sério? Fala que é mentira. Menino você só tem 17 anos e já vai ter um filho, você não trabalha, não faz nada só estuda, e seus estudos, o que vai fazer daqui pra frente?

Eu já chorando, sem saber o que fazer e Larissa do meu lado chorando junto comigo. Todos ficam quietos por um momento até que meu pai diz:

– Agora que você já fez isso, cara, fazer o quê, vamos cuidar dessa criança e tentar lhe dar uma vida boa e saudável. Cuidamos dela quando você estiver estudando (Adelino Nolasco de Abreu Neto, 2018, p. 3-4).

Seu pai foi muito feliz, que bom que eles têm condições de ajudar a cuidar do bebê. Nem todos podem contar com a sorte de ter pais tão esclarecidos, mas isto é outra conversa... O que importa agora é se dedicar aos estudos, uma vez que, como seu pai deixou claro, nas entrelinhas, ele vai cobrar ainda mais! Não se preocupe, entretanto, o conhecimento é a melhor ferramenta de emancipação. Emancipação que segundo Kant só é possível quando decidimos fazer o uso da nossa própria razão para decidir por nós mesmos o que conhecer, o que ser e o que esperar. A saída de sua minoridade para sua maioridade, assumir a responsabilidade pelos seus próprios erros e decidir como agir da melhor maneira possível.

Para Kant, o esclarecimento era a característica que melhor definia sua própria época. O filósofo alemão acreditava que o período da história em que ele se encontrava e que vocês conhecem como Iluminismo (o século das luzes) representaria um despertar da autonomia da

humanidade e que este despertar da autonomia da razão traria ao homem um mundo melhor – *aufklärung* (esclarecimento) é palavra alemã que define este período histórico. No entanto, como sabemos, nem tudo o que a autonomia da razão trouxe são flores. Pouco tempo depois do despertar: duas grandes guerras e a bomba atômica... Também todos os avanços tecnológicos que a guerra traz no pacote, que aproveitamos hoje sem nem nos darmos conta que a maioria delas nasceu para nos destruir. Davi, que relação você estabeleceu entre Kant e o fato de perceber que não se sente maduro o suficiente para encarar as consequências dos seus atos?

Hoje, na aula de filosofia, o professor falou sobre Kant, um filósofo que acreditava no uso da razão em tudo e isso me fez pensar muito sobre como estou agindo em relação aos últimos acontecimentos. Uma de suas frases chamou a minha atenção: “O esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado e a entrada na maioridade”. Fez-me perceber que o que falta em mim é maturidade para lidar com essa situação. Decidi contar para minha mãe. Tenho que encarar isso de cabeça erguida e acho que vai ser até melhor (ANEXO VIII).

Quando olho para os meus alunos, de cara, percebo que nenhum deles está pronto para encarar esses desafios, mas sairão deles mais fortes do que antes. Nenhum deles já se sente maduro o suficiente para cuidar de uma criança. Entretanto, passar por estes desafios faz com que se superem e comecem a buscar a sua emancipação para poder aguentar o peso de viver em nossa época, um fardo que ainda e se torna mais pesado, dada a falta esclarecimento, não só para eles, como para toda a sociedade de modo geral, incluindo o próprio professor deles que ainda tem muito a melhorar. Confia-se mais no castigo e na vigilância contínua do que no poder do pensamento, do conhecimento, das artes, das ciências e da liberdade. Há um fascínio pelas coleiras, correntes, prisões, controle e pela obediência...; e um horror a tudo o que é livre e criador. Vez ou outra lhes é permitido pensar.

Segunda-feira, 23 de abril de 2018, uma manhã radiante numa cidade metropolitana de Nova Jersey, com um outono escaldante entre o verão e o inverno de estações que jamais serão as mesmas. Acordei pulsante e com toda certeza de que hoje não seria mais um dia comum. Ligo o rádio e toca minha música preferida e eu afogando meus pensamentos em minhas próprias dúvidas ousando saber: “o que uma paixão pode fazer? Que loucura alguém seria capaz de fazer por uma paixão?”. Isso chega a ser patético, pois se morresse agora, morreria com todas as respostas (Beatriz Silva, 2018, p. 1).

Até onde poderia ir uma investigação como essa da Beatriz? Apenas por ter levantado esta questão, já caiu nas graças do seu professor. Onde você aprendeu a fazer tão

boas perguntas? Será que foi em Nova Jersey, está tendo aulas de filosofia por aí? Pois acho que esta é uma pergunta filosófica que daria não apenas um tratado de filosofia, mas um ótimo romance cheio de reviravoltas. Uma paixão avassaladora, dessas que nos fazem perder o sono, enfrentar o exército grego inteiro (Aquiles, Ulisses e Cia. Ltda.), com ou sem a ajuda de Heitor.

Mas e depois, se a paixão esfriasse e você se visse obrigada a terminar aquilo que tanto tinha desejado? Como terminar com alguém que você tanto quis? Seria à maneira de Kierkegaard em seu *Diário de um sedutor*, quando Johannes depois de tanto lutar para conquistar Cordélia e depois de tê-la finalmente em seus braços afirma:

Por que não poderá uma tal noite durar mais tempo? Se Alectrion se pôde esquecer, por que não teve o sol piedade bastante para fazer como ele? Contudo, tudo está acabado, e não desejo voltar a vê-la jamais. Uma jovem é fraca quando deu tudo, – pois tudo perdeu; porque a inocência é, no homem, um elemento negativo, mas na mulher é a essência de sua natureza. Agora, qualquer resistência é impossível, e só enquanto ela dura é belo o amar; quando acabou não passa de fraqueza e hábito. Não desejo recordar-me das nossas relações; ela está desflorada e não estamos já no tempo em que o desgosto de uma jovem abandonada a transformava num heliotrópio. Não quero fazer-lhe as minhas despedidas; nada me repugna mais que lágrimas e súplicas de mulher que tudo desfiguram e, contudo, a nada conduzem. Ameia, mas de agora em diante não pode já interessar-me. Se eu fosse um deus faria aquilo que Netuno fez por uma ninfa, transformá-la-ia em homem.

Como seria então picante saber se podemos evadir-nos dos devaneios de uma jovem, e torna-la suficientemente orgulhosa para a fazer imaginar que foi ela que se cansou da ligação. Que epílogo apaixonante que, no fundo, apresentaria um interesse psicológico e, por outro lado, nos poderia oferecer uma boa ocasião para muitas observações eróticas (KIERKEGAARD, 1979, p. 105).

Acredito que também existam mulheres com esse mesmo temperamento de Johannes, mulheres que são obrigadas a se apaixonar várias vezes por homens diferentes, sedutoras, mas que perdem o interesse neles assim que sabem estarem conquistados. Talvez seja mesmo uma das tendências humanas perder o interesse por aquilo que não oferece mais resistência. E essa seria uma questão para Freud. São dessas razões que escapam à própria razão, que já Pascal falava em seus *Pensamentos*. Há um pouco de loucura em todos nós, dizia ele, no Pensamento 414 ele afirma “Os homens são tão necessariamente loucos que seria ser louco (outra espécie de loucura) não ser louco” (PASCAL, 1979, p. 134).

Quem estava lendo sobre Pascal era a Julia Doria, suas reflexões giravam em torno das diferentes razões que nos levam a mentir a fim de nos apoiarmos uns nos outros e da necessidade que temos dos outros.

I am back, hoje eu acordei pensando e refletindo sobre a vida... E sabe Diário, nunca fui de me aproximar e depender muito de uma pessoa, nunca fui de confiar totalmente em uma pessoa “considerada” amiga. Estava lendo sobre Pascal e vi em algum lugar escrito: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. Eu sei que a vida de uma forma solitária é mais árdua, mas nós humanos estamos fadados a mentir por razões distintas, fadados a “se apoiar”, necessitar de alguém em alguma relação na vida, até o fim... (ANEXO II).

Realmente, é difícil encarar a vida sozinha, o mais incrível nisso tudo é que a mentira acaba se tornando uma espécie de antídoto contra a solidão. A solidão parece ser companheira da verdade enquanto que a mentira está sempre acompanhada de um ou outro argumento mais ou menos racional.

Parece que as discussões sobre Pascal que tivemos em sala de aula fizeram mesmo efeito em todos vocês. Especialmente, ficou cravada no coração da Amanda Raynara Quintana Theodoro. Em seu caso particular, razão e emoção estão em luta num dilema existencial bem complexo.

Ainda não contei para ninguém, tenho apenas essas folhas como minhas aliadas. Não é que eu não queira, eu não consigo. Apesar do que ele me fez, não quero destruir sua família, que também é minha. Lembro-me de todos os almoços, festas, piqueniques e reuniões em que estivemos juntos e não quero acabar com isso. Quero que todos saibam o tipo de homem que ele é, mas não quero destruir um lar. Agora entendo o que Pascal quis dizer com “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. A solução parece muito simples (e acredito que seja): contar a verdade. Entretanto, sempre que tento, esse senso conturbado de empatia entala as palavras na minha garganta (Amanda Raynara Quintana Theodoro, 2018, p. 3).

O contexto existencial em que você se encontra é experimentado por quase todos os seres humanos ao longo de sua existência. Silenciamos diante de muitas situações que exigem a confissão. É neste contexto que Pascal vai procurar na prática da confissão cristã auxílio para dizer aquilo que deve ser dito, mas que não conseguimos dizer por este ou aquele motivo. Essas palavras que ficam “entaladas” nas nossas gargantas nos fazem mal e nos sufocam e é sempre bom contar com alguém em que possamos confiá-las. O amigo, o padre, o pastor ou psicólogo podem sempre ajudar a pôr para fora essas palavras não ditas.

Outro filósofo francês, bem mais contemporâneo, é Sartre. Quem acabou relacionando seu problema existencial ao pensamento dele foi a Mariana Salles Rufino Freiria. Como se já não bastasse tudo aquilo que ela está enfrentando, tem ainda que lidar com o preconceito na escola. Mariana, o que importa é que você continue firme e forte fazendo da sua vida o melhor possível.

Mesmo grávida, continuo indo à escola. Está sendo horrível, minha barriga começou a crescer, as pessoas começaram a perceber, julgar e estão me olhando torto nos corredores e nas salas. Sei que falam mal de mim e que me excluem, mas não revido e tento não me incomodar com isso, afinal, como disse Sartre: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”. Estou proibida de ficar perto do Alexandre, mas pelo menos minha amiga voltará logo de viagem. Eu ainda não contei sobre os gêmeos, quero falar pessoalmente (Mariana Salles Rufino Freiria, 2018, p. 4).

Temos que enfrentar esses olhas toros e é difícil conscientizar as pessoas que a moral e o moralismo acabam por tornar aquilo que já é difícil mais difícil ainda. Parece mesmo que não foi sem razão que Nietzsche denunciava já no final do século XIX a moral e os preconceitos morais como nossos inimigos. Uma frase dele pode aumentar sua força para lidar com toda essa situação: “Jesus disse a seus judeus: “A lei foi feita para os escravos – amem a Deus como eu o amo, como seu filho! Que importa a moral, para nós, filhos de Deus!”” (NIETZSCHE, 2007, p. 92). Coragem! A coragem que é uma daquelas virtudes que se encontram em quase todos os filósofos será fundamental para superar todas as dificuldades. Não é mesmo, Beatriz Kalinati Costa Sol?

Eu tive toda essa coragem, veio do fundo, e me fez repensar se era isso mesmo que queria, eu queria ter esse filho, eu fiz. Li uma frase no começo de minha gestação que refletiu em mim que era exatamente assim: “Você nunca fará nada neste mundo sem coragem. É a melhor qualidade da mente ao lado da honra” (Beatriz Kalinati Costa Sol, 2018, p. 5).

Quantas histórias emocionantes estes jovens nos proporcionaram ao longo do ano de 2018! Sejam ou não frutos do acaso, serão para sempre motivo de orgulho de seu professor. Que agora, graças a uma dessas histórias, conhece o pensamento de Edward Lorenz, que aprendeu com seu aluno:

A formiga passeava em minha mesa como se estivesse desorientada, não sabia aonde ir ou o quê fazer a final de contas, pois não pertencia ao mundo racional, seguia seus instintos como seria o normal no reino animal cuja maior virtude em relação aos reinos “inferiores” a ele é o movimento. Eu senti angústia ao vê-la passeando sem destino, senti um incômodo e dei um peteleco nela para que caísse no chão. Às vezes, eu paro e penso o quão

diferente tudo teria sido se eu não tivesse dado aquele peteleco, engraçado como até uma coisa tão pequena como esse simples peteleco pode mudar nossas vidas para sempre (bem parecido com o lance do bater de asas de uma borboleta proposto pelo filósofo Edward Lorenz em sua teoria do caos). O que tornou esse peteleco tão importante? Foi fato de que, da minha perspectiva, sou uma das pessoas mais azaradas do mundo, extremamente desajeitado. Considerando isso, no momento que dei aquele peteleco meu cotovelo acabou batendo no controle da televisão a fazendo ligar (ANEXO IX).

Aprendi nas minhas partidas de xadrez que alguns pequenos movimentos despreziosos podem gerar grandes benefícios ou malefícios. Na vida, os movimentos são muito mais aleatórios e difíceis de prever, mas espero que todo este trabalho possa servir como prevenção e como conscientização... Muito mais do que como mecanismo de aprendizagem filosófico. Sim, a vida é realmente um caos, mas quando os acontecimentos estão expressos no papel em forma de literatura, fundidos em sentimento e pensamento, catarse e verossimilhança, forma e conteúdo, estilo e rigor, esse caos se deixa ver e pode ser enfrentando pelo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação possui uma plástica, parte de uma reinterpretação original dos diálogos de Platão que irá impulsionar uma prática pedagógica e a liberação de algumas potências humanas adormecidas no tempo e nos espaços de controle e de aprisionamento do pensamento, nossa maior potência. Descreveria essa imagem plástica poeticamente como um estilingue que um garoto maneja mirando algumas garrafas no quintal. A tensão entre o conteúdo e a forma, ou seja, “o *pathema* experimentado por todos” que “pode resultar numa *mathema* diferente para cada homem” (VOEGELIN, 2015, p. 90-91) gera uma força de tensão que dispara uma prática pedagógica e esta prática engendra a liberação das potências lógicas e criativas dos alunos que estavam presas nas garrafas miradas pelo garoto com seu estilingue. Meu contato com todos os grandes filósofos do mundo ocidental fez com que visse em cada uma dessas filosofias algumas pedradas que liberavam novas linhas de pensamento e novas aberturas que só poderiam vir da irreverência da filosofia que a todo o momento se reinventa causando grandes rupturas e liberando sempre novas passagens. Pretendemos que esta dissertação seja linda e interpretada através desta imagem. A interpretação dos diálogos de Platão à luz da *Poética* de Aristóteles é produtora dessa tensão elástica geradora de grande potência, a metodologia pedagógica adotada é o vôo da pedra e a prática da escrita literária uma nova passagem causada por uma ruptura com as práticas pedagógicas enciclopedistas que eram as garrafas que o garoto e seu estilingue miravam no fundo do quintal de casa.

Consideramos que os resultados alcançados por essa filosofia do ensino de filosofia que insere no cotidiano escolar uma prática literária são indícios suficientes para sustentar sua eficácia. Os alunos não só se mostraram capazes de contar razoavelmente as histórias como de fazer dessas histórias motivos de reflexão filosófica e da compreensão de conceitos filosóficos. Ele comprova que Aristóteles tinha razão ao afirmar na *Poética* ser a poesia mais filosófica que a história. Já não estamos mais no tempo de Aristóteles e, para nós, contemporâneos, a própria história é *poiésis* e *práxis* ao mesmo tempo e tão filosófica quanto a poesia. A semente desta interpretação da história ou da história da filosofia fora lançada por Platão em seus diálogos, não sabemos dizer ao certo se consciente ou não, mas Platão fez de Sócrates um personagem seu, contou algumas histórias sobre ele, transformando a poesia de Homero em literatura (mais filosófica que a história, pois ainda guarda o elemento poético de catarse e verossimilhança). A evolução das formas expressivas de Homero a Platão pressupõe

uma variação de estilo e o herói sublime e os deuses dão seu protagonismo ao filósofo, um homem comum que, livre das correntes da ignorância, ama naturalmente o conhecimento.

A tragédia agora é a tragédia do filósofo e seu destino em um estado corrompido. As outras questões que Platão coloca giram em torno do drama enfrentado por Sócrates e seu destino trágico. Essa história não será narrada com o mesmo estilo de Homero, não é mais ritmada ou metrificada e sim uma prosa literária. Da mesma forma, como procuramos demonstrar com esta pesquisa, a preocupação com o ser no campo poético gera, como esperava Heidegger, automaticamente inquietações filosóficas. A história da filosofia passa a fazer sentido para o aluno, porque ele mesmo se encontra filosofando com suas próprias palavras, conversando com os filósofos de todos os tempos sobre seus problemas e vão encontrar na filosofia uma forma de dizer o que gostariam de dizer, mas que lhes tem sido negado dizer por práticas pedagógicas antiquadas no tempo e inúteis nos resultados. A filosofia não é a história de quem disse o que e quando disse, mas a comunicação existencial entre nós e os filósofos. Negar essa comunicação existencial com os gigantes sob cujos ombros estamos sentados aos nossos filhos, substituindo por aula de repetir como papagaio o hino à bandeira, não que não se deva cantar, mas é uma questão secundária que em nada contribui no desenvolvimento intelectual deles, eis a tragédia que se anuncia. Uma locomotiva desgovernada, o maquinista está morto, dentro dela todos bebem e fumam despreocupados sem saber que a ponte caiu e que o precipício se arvora logo ali.

– E, antes de mais nada, ensina esta metáfora àquele que se admirava por os filósofos não serem honrados nas cidades, e tenta convencê-lo de que seria muito mais surpreendente, se o fossem.

– Hei-de ensinar-lha.

– E que, portanto, dizes a verdade: que são inúteis à maioria os melhores filósofos. Da sua inutilidade, manda, contudo, acusar os que os não utilizam, e não os homens superiores. Pois não é natural que seja o piloto a pedir aos marinheiros que sejam comandados por ele, nem que os sábios vão às portas dos ricos, mas quem inventou este gracioso dito mentiu. A verdade é que quem estiver doente, seja rico ou pobre, é forçoso que vá bater à porta do médico, e que todo aquele que precisa ser dirigido, à de quem puder governá-lo, e não ser o comandante que suplica aos súbditos que consintam em ser mandados, quando na verdade é dele que lhes vem auxílio. Se comparares os chefes políticos actuais com os marinheiros a que há pouco nos referimos, não errarás; e bem assim aqueles que eles qualificam de inúteis e de pessoas que falam no ar, com os verdadeiros pilotos.

– Exactamente – confirmou ele.

– Por estes motivos e nestas condições, não é fácil, por conseguinte, que a melhor das ocupações seja apreciada por aqueles que exercem atividades opostas a ela. Mas a acusação maior e mais violenta que fazem à

filosofia é de longe a que lhe vem através dos que afirmam dedicar-se a estes estudos, e acerca dos quais declaras que o detractor da filosofia proclama que é perversa a maioria dos que a ela se dedicam, e que os mais equilibrados são uns inúteis – coisa em que concordei contigo que é verdadeira. Não é assim?

– É (PLATÃO, 2012, p. 274-275).

Parece que irá caber a nós, que bebemos desta fonte e que sentimos essa sede pela sabedoria, a tarefa de empreender, tal como o Sócrates de Platão, uma luta para justificar a importância da filosofia e de sua presença no currículo escolar. Sabemos que aos filósofos deveria caber a difícil tarefa de conduzir o estado e da educação dos nossos filhos e, sabemos mais ainda, a filosofia esteve sempre ameaçada e os exemplos não caberiam aqui.

Esperamos que esta dissertação de mestrado possa abrir caminhos e que possa ser apreciada por outros professores de filosofia do país. Estamos cientes de que o público alvo desta pesquisa é um público diferenciado em vista da escola que estudam, faz toda a diferença estudar em uma escola como o IF que não cansa de ganhar prêmios em todas as feiras de ciências pelo Brasil e pelo mundo. As condições diferenciadas de trabalho são significativas e impactam no resultado alcançado e devem, pensamos, ao invés de desmerecer a pesquisa realizada, lançar luz àqueles que tomam conta da educação em nosso país com um recado: precisamos de muitos IF's pelo Brasil e não confundam filosofia com doutrinação. É o contrário, justamente, que não só doutrina como destrói a capacidade de pensar dos nossos alunos enchendo suas vidas de inutilidades. Não duvidamos de que aplicada em outro ambiente que não os IF's a metodologia aqui apresentada possa chegar aos mesmos resultados, mas saiba o professor: (1) cada aluno do IF escreveu em média de 5 a 10 páginas originais em seus diários, (2) professores do IF têm, no máximo, dezoito aulas e nove turmas, (3) estudando ética pode cair para três turmas por semestre. Se aplicado com o mesmo sucesso por professores da rede estadual em 10 turmas com 30 alunos cada, então ele teria em média, um total de 1500 a 3000 páginas para corrigir. O tempo pode inviabilizar a proposta caso o professor não tenha as mesmas condições materiais de trabalho. Entretanto, pode ser estimulante para o professor aplicar sem preocupar-se com a correção de tudo o que seus alunos escrevem nos diários, pois o objetivo é que se esforcem e que sejam desafiados a escrever suas palavras.

Nosso método não substitui os outros métodos e formas de avaliação³⁵, as provas de múltipla escolha, as redações, as crônicas, as apresentações de pesquisas continuam normalmente como é habitual. O que acontece de interessante nessa proposta metodológica é que as histórias fictícias vão costurando os conceitos filosóficos fazendo o aluno aprender mais e melhor com muito pouca interferência do professor. Ele cria condições de autonomia na busca pelo conhecimento e instiga o aluno a pensar por si mesmo.

Quem de nós nunca sonhou escrever um livro ou um mísero continho?

Convidamos o leitor a se deliciar com algumas das histórias dos nossos alunos apresentadas a seguir, são ótimas histórias que por si só justificam a presença da filosofia em qualquer escola que tenha a pretensão de educar nossos jovens, e de educá-los para a liberdade e para a vida.

³⁵ Esta nota poderia não ser uma nota, mas, talvez, um desdobramento. Que outras ideias desdobram desta interpretação? Adotamos, por exemplo, nas aulas de Filosofia Política, o desafio de produzir em grupo um regulamento para a eleição, direitos, deveres de um representante de sala, que deve seguir os princípios democráticos da alternância do mando e da obediência estabelecidos por Aristóteles na sua *Política*, ou seja, os alunos são desafiados a produzir um documento fundamentado na obra de um autor que deve adaptar a seu próprio contexto. Este trabalho ainda está dando seus primeiros passos, mas os resultados iniciais já são bem animadores. Outra atividade que estamos organizando é a de produzir objetos sonoros que produzam mecânica e autonomamente um determinado som baseado na teoria de Pitágoras, nas escalas musicais e nos princípios físico-matemáticos de proporcionalidade necessários para a produção de determinado som. Assim como acredito que nosso método deveria ser realizado em conjunto com um professor de português o projeto de produção de sons deveria ser acompanhado pelo professor de física e ou matemática. A ideia inicial é a de transformar os jardins do IFMS em jardins sonoros. Idéia que surgiu quando da leitura recente de *Sexta-feira* ou *Os Limbos do Pacífico* de Michel Tourmier. O Posfácio de Deleuze inicia com a reflexão sobre a produção da sonoridade com qual pretendemos fundamentar essa proposta. Outra ideia é montar uma redação de jornal e uma editora juvenil. Está mais do que na hora de acertar a garrafa da educação bancária e liberar as potências do nosso pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSELMO, Santo; ABELARDO, Pedro. *Monológio; Proslógio; A verdade; O gramático; Lógica para principiantes; A história das minhas calamidades*. Traduções de Angelo Ricci e Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

ARISTÓTELES. *Tópicos; Dos argumentos sofisticos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

_____. *Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

_____. *Metafísica*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2006. (Clássicos Edipro)

_____. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Pessanha. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et. al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

BURNET, John. *Aurora da filosofia grega*. Tradução de Vera Ribeiro; revisão da tradução de Agatha Bacelar; tradução das citações em grego e latim de Henrique Cairus, Agatha Bacelar e Tânia Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: ensinar e aprender*. São Paulo: Livraria Saraiva, 2013. 2. ed.

CAMPOS, Jorge Lucio de. *A propósito de Worringer*. Disponível em: <<http://serbal.pntic.mec.es/AParteRei/lucio47.pdf>>. Acesso em: 19 de fev. de 2019.

DEWEY, John. *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. Traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio S. Teixeira e Leônidas Contijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

ÉPOCA. *Entrevista com o filósofo Peter Singer*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74453-5856,00.html>>. Acesso em: 09 de mar. de 2019.

ERLER, Michael. *Platão*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Revisão técnica de Gilmário da Costa e Gabriele Cornelli. São Paulo: Anablume Clássica; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. (Archai: as origens do pensamento ocidental)

GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2014.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 27 ed.

HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Tradução de Karina Jannini; revisão da tradução de Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 2. ed. (Biblioteca do pensamento moderno)

HAMINGWAY, Ernest. *O verão perigoso*. Tradução de Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 2. ed.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 2. ed.

JIMENES, Marc. *O que é estética?* Tradução de Fulvia M. L. Moreto. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

KANT, Immanuel. *Crítica do juízo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores)

KIERKEGARRD, Soren Aabye. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018. 2. ed.

MANZANO, Thais Rodegheri. *E se a literatura se calasse?: os impasses do romance da Antiguidade ao século XX*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

MUTO, Elza; NARLOCH, Leandro. *Quando a vida começa? Aborto é assassinato? Pesquisar células-tronco é brincar com pequenos seres humanos? Manipular embriões é crime?* Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/vida-o-primeiro-instante/>>. Acesso em: 09 de mar. de 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. Prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2017.

_____. Carta a Franz Overbeck. In.: MARTINS, André (Org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 2. ed.

NOBRE, Marcos; REGO; José Marcio. *Conversar com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

PLATÃO. *A república*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Caloust Gulbenkian, 2012. 13. ed.

_____. *Defesa de Sócrates*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

_____. *Fedro*. Edição bilíngue. Tradução e apresentação de José Cavalcante de Souza; posfácio e notas de José Trindade Santos. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Fédon*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

PRADO JR., Bento. *Alguns ensaios: filosofia, literatura e psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2004. 2. ed.

RICOEUR, Paul. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. Tradução de Rosimary Costhela Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SANTORO, F. Sobre a estética de Aristóteles. *Viso – Cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, n. 2, maio-ago/2007, pp. 1-13.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha; tradução de Vergílio Ferreira et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

SHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo; O programa sistemático; Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia da natureza como parte integrante da primeira; A Divina Comédia e a filosofia; Bruno ou do princípio divino e natural; História da filosofia moderna: Hegel*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHUHL, Pierre-Maxime. *Platão e a arte de seu tempo*. Tradução de Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editorial; Editora Barcelona, 2010. 2. ed.

SCOT, Duns. *Tratado do primeiro princípio*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Edição bilíngue. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 2. ed.

SILVA, Paulo Marcos. *O princípio de razão suficiente (1813) e a questão da verdade em Schopenhauer*. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-10092010-111333/publico/2010_PauloMarcosdaSilva.pdf>. Acesso em: 08 de mar. de 2019.

TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou Os Limbos do Pacífico*. Tradução de Fernanda Botelho. São Paulo: DIFEL, 1985.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Eduardo de Barros Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2013.

VOEGELIN, Eric. *Ordem e história: Platão e Aristóteles*. Tradução de Cecília Camargo Bartolotti. São Paulo: Edições Loyola, 2015. 3. ed. (Vol. III).

WILSON, Emily Rose Caroline. *A morte de Sócrates*. Tradução de Fátima Siqueira. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

ANEXO I – MAYCON FELIPE MOTA

Caça à primeira vista.

30 de janeiro de 2018, terça-feira.

Era volta às aulas. A maioria do pessoal estava retornando de férias. Enquanto me atualizava de notícias sobre meus colegas, suas dependências e expectativas ao novo semestre que começava, admirava Tayla. Impaciente, ela roía as unhas aguardando sua esfiha de carne na fila do refeitório, rodeada por adolescentes suados, com cheiro cítrico de limão. Meu mundo estava parado, depois que o assunto sobre a candidatura do Ciro Gomes havia caído por terra, apenas havia olhos e a devida atenção a uma pessoa: Tayla.

Eu na turma dos Otakus, e ela sozinha. Olhar de quem estava conhecendo o ambiente, seu nervosismo demonstrava medo e receio. Enquanto no meu celular eu via as notificações do grupo de WhatsApp do grupo de futebol do Instituto, ela confirmava sua apresentação no curso de Francês.

“Uma esfiha e um café, mas sem açúcar”. O japonês que atendia na cantina estranhou, mas não hesitou. Trinta segundos, colocou no microondas para esquentar. “Vocês viram que o Ciro Gomes irá soltar o Lula?”, ouvi quando retornei à minha consciência local. Mas minha mente ainda continuava ali, virada, voltada para a fila da cantina onde ela se encontrava.

Eu estava ardendo por dentro, não uma ardência queimativa, mas uma ardência que me seduzia a ir atrás de Tayla, como um puma atrás de uma presa.

“A mulher foi o segundo erro de Deus” (Nietzsche).

A paixão, mesmo que apenas satisfeita pela observação, alimentava e crescia cada vez mais. Aliado à vontade de iniciar um diálogo com ela, o medo de uma possível rejeição era considerável. Mesmo assim, achei que não era tempo de desesperar, mas de aproveitar o momento. Direito divino de errar.

O esbarrão

08 de fevereiro de 2018, quinta-feira.

O encontro, na minha mente, era marcado às 15h30min, ela na fila da cantina, e eu em uma mesa branca na rodinha de amigos. A fuga para o mundo paralelo também tinha momento marcado, e geralmente era quando ela olhava para trás e sorria. Mas nesse dia, o encontro foi adiantado.

Aconteceu na Biblioteca, onde o meu desespero interno era encontrar um livro sobre Eletrônica Analógica com ênfase em Diodos e Transformadores. Desatento, num movimento de impulso para pegar o livro, acabei por esbarrar em alguém, e impulsivamente disse: “Foi mal”. Uma voz suave, feminina, retórica, respondeu: “(sic) Relaxa, você sabe onde tem livro de Algoritmo, aqui?”.

“A malícia está nos olhos de quem vê” (Ditado popular)

Espantado, notei que a voz suave era da menina em quem eu afogava meus olhos. É, o primeiro contato foi sobre livros de algoritmos e Eletrônica Analógica. Acredite. Mas eu carregava a maldade, embora demonstrasse estar apenas interessado nos livros que procurava, o meu objetivo na biblioteca havia mudado. Após um tempo, para manter contato, adicionei-a no Facebook, e iniciamos uma troca de curtidas. A primeira foi em uma publicação sobre boicote ao Bolsonaro., Veja, neste momento eu já estava indo contra minha opinião com um único objetivo: agradar a fêmea que eu desejava. Se eu fosse avaliado por um sociólogo ou um psicólogo, certamente se descreveria que eu estava apenas apresentando o efeito bandwagon.

A erupção de hormônios

15 de março de 2018, quinta-feira.

Como toda paixão adolescente, curtimos cada momento. Todos os lugares do Campus tinham um significado ou lembrança guardados para nós. Além de aproveitar os momentos, houve certa erupção de hormônios. O que era para ser um simples namorinho acabou indo além. Eu achava o maior barato, afinal, toda conquista tem sua recompensa, e certamente era minha hora de comemorar. Sempre ficávamos apenas nos beijos, e sabíamos que disso não iria passar. Eu aceitava, embora não concordasse.

Halls preto

25 de março de 2018, domingo.

“Meus pais estão viajando, você não quer vir aqui?”. Foi a primeira mensagem que eu li, quando abri meu aplicativo de mensagens instantâneas. Certamente eu agi como todo adolescente deve reagir. Num salto desesperado, liguei meu computador, e coloquei Nickelback para tocar no Spotify. “Been there, done that”, era o refrão.

“Somos responsáveis por aquilo que fazemos, o que não fazemos e o que impedimos de ser feito” (Albert Camus).

Considero que a rasteira mais violenta que tomei em toda a minha vida, foi tê-la visto no vestido azul. Certamente uma combinação de perigo, afinal, a oportunidade era maravilhosa: aproveitar que os pais dela estavam fora de casa e ir lá. No instinto, não pensava nos malefícios que a decisão tomada por impulso me traria no futuro., Com um Halls no bolso e a maldade no olhar, fechei os olhos, e apenas encarei. “Isso foi tão bom, me espera aqui que vou pegar uma água lá na cozinha”, foi a frase que ecoou eloquente na minha mente, na hora me glorificando por dentro, e se transformando rapidamente na mais perfeita recompensa. Hoje, considero que foi minha sentença.

Será que eu tô...

11 de abril de 2018, domingo.

O clima não era mais o mesmo. O toque, as carícias, o assunto, e até mesmo o perfume me irritavam. Convencido de que se tratava de uma posição temporária que havia adotado, não tomei nenhuma atitude. Estranho, mas foi nesse mesmo dia que notei que outras garotas acabavam ganhando destaque maior do que aquela que eu tanto desejara.

“Onde você tá?”, “Cadê você?”, “Fala comigo” e “Você tá estranho” se tornaram expressões rotineiras para mim. Com um Minister azul entrelaçado nos dedos da mão esquerda, eu lançava fumaça azul pelos ares, e pensava em respostas baratas. Eu não queria dispensá-la, mas também não queria perder o meu troféu. A minha recompensa. Já se tornavam incontáveis os DRs. O gatilho era coisa mínima, como por exemplo, um Caps Lock em uma mensagem.

Na minha concepção, o jogo emocional havia começado. E quem estava utilizando essa artimanha não era eu. “Essa noite eu tive dor de cabeça durante a manhã e vomitei”, foi o que Tayla disse. Não dei muita importância, afinal, ela só devia estar querendo atenção. Fingi

certo interesse no assunto, fiz algumas perguntas para demonstrar que realmente eu estava preocupado, mas por dentro eu só queria partir para outra.

“Será que eu tô...”, eu a interrompi na hora. Falei que iria ao mercado, mas que voltaria mais tarde e nós voltaríamos ao assunto. Era impossível! Eu havia tomado todos os cuidados (embora não pudesse afirmar com clareza), mas também não poderia me condenar, afinal, foram apenas 10 dias.

Autocondenação

25 de abril de 2018, quarta-feira.

“Não desceu!”. Receber essa mensagem foi a pior coisa que já poderia ter recebido. Algo me dizia que sim, eu a tinha engravidado. Havia um pouco de esperança, que lá no fundo, era apenas psicológica. Embora eu estivesse empregado, e rodeado de projetos promissores que, bastasse eu oferecer a investidores locais e certamente já teria condições de pagar inclusive o pré-natal, eu tinha apenas 16 anos. Era preto, cuja maior riqueza era o conhecimento, e um computador. E para ela, apenas um conhecimento e um rostinho agradável. Seria o nosso fim.

A confirmação

15 de maio de 2018, terça-feira.

Ela me ligou. Desesperada, não conseguia nem segurar o soluço. A voz chorosa mesclada com a tentativa falha de segurar o pranto confirmava apenas o que eu previa: eu havia feito merda! De negro eu me tornei branco. Gelei, e em questões de segundos restaurei minha fé em Deus e pedi: “Não!” Ingrato, devo imaginar que lá em cima ele devia estar dando risada. Ela confirmou: “Sim”. É isto. Milhões de pensamentos passaram em minha mente: como contar aos meus pais, aos pais dela, e a questão dos estudos e, principalmente, como lidar com a vida? Em nenhum momento passou pela minha cabeça abortar, que fique claro. “E agora?”, antecedendo um silêncio prolongado na chamada, Tayla disse. O meu lado ganancioso que buscava se auto satisfazer tomou chão, foi apanhado pela própria ganância. “Vamos estar juntos”, foi automático.

“A ganância insaciável é um dos tristes fenômenos que apressam a autodestruição do homem” (Textos Judaicos).

Ser ético ou não?

26 de maio de 2018, hoje.

Estou sentado em minha sala. Faz dois meses desde que tudo aconteceu, e não consigo nem sequer parar de imaginar as consequências. A mãe dela desconfia, e tenho quase certeza de que ela sabe o que está por vir. Uma grande vontade é ser o pai que eu não tive na minha infância. Mas como ser o pai que eu não tive com apenas 16 anos?

Somos dois adolescentes irresponsáveis que, por tentar usufruir da liberdade que nos cabia, carregaremos a consequência até o fim de nossas vidas. E o pior, a deixaremos neste mundo.

“Chamamos de ética o conjunto de coisas que as pessoas fazem quando todos estão olhando. O conjunto de coisas que as pessoas fazem quando ninguém está olhando chamamos de caráter” (Oscar Wilde).

Eu sei que quando meus pais e os pais dela souberem, não terei mais caráter, afinal, era o preço que tínhamos que pagar pela autossatisfação. Agora, meu questionamento é: abortar ou não abortar? Sabemos que não é apenas força de vontade que cria uma criança, mas também condições sociais e até mesmo financeiras. Se eu não tiver nenhuma das duas últimas, certamente terei que entregar a criança para a adoção. Embora seja algo em que eu estou pensando, acho bem difícil Tayla cuidar da criança. Não há condições mínimas para isso. Primeiro que quando os pais souberem, e estão próximos de saber, a expulsam de casa. Certamente terei que abrigá-la. Quando meus pais também souberem, certamente farão a mesma coisa. Portanto, neste momento estou dando graças por ter uma reserva financeira. Dará para alugar uma quitinete.

Sempre tive uma visão de que o aborto não é ético. Religiosamente, devo zelar pela vida da criança, afinal, ela tem direito moral à vida, e eu devo oferecer o máximo de proteção, essa é a minha opinião e a da Tayla. Embora tenha dois meses, esse ser já possui nítidas características humanas, como olho, nariz, ouvidos e queixo.

Segundo Locke (1632-1704), uma pessoa deve apresentar razão e capacidade de reflexão, e considerar a si próprio como uma pessoa que pensa, em diferentes momentos e lugares; o que faz apenas pela consciência, que é inseparável do pensamento e me parece essencial a ele. Em um embrião não há nenhuma capacidade das citadas acima e, mesmo que apresente características nitidamente humanas, não podemos definir um embrião como

pessoa, menos ainda dizer que terá direito à vida por possuir autoconsciência. Mas pensar desse modo é como também pensar em matar pacientes em coma ou em estado vegetativo, que não têm consciência e, portanto, não teriam direito moral à vida, assim como os recém-nascidos.

Um dos fatores que me ajuda a refletir sobre a questão do aborto é resguardar o bem estar de quem está gerando a criança. Judith Jarvis Thomson defende que, mesmo que um embrião tenha direito à vida, podemos definir o aborto como eticamente permissível, afinal, é do corpo da mulher e da vontade dela que se está falando.

Apenas os fatos de que sabíamos que a proteção poderia falhar, que teríamos que assumir as consequências de gerar uma criança, e mesmo assim ainda termos cometido o ato, nos faz perceber que querer largar essa responsabilidade seria imoral e ético, e é isso que nos mantêm hesitantes.

Da mesma forma, pensamos também na questão de bem-estar, afinal, será que a criança conseguirá ter uma qualidade de vida, com pais inexperientes de apenas 16 anos de idade? O mais conflituoso na questão de aborto para nós, é que atualmente é proibido no Brasil, ou seja, deveríamos infringir uma lei imposta pelo estado sobre o corpo de Tayla, além da religião também não permitir.

Hoje à noite, chegaremos a uma conclusão em abortar ou não. Mas já tenho uma coisa em mente: nada contra a vontade de Tayla. Afinal, é ela quem está carregando a criança.

ANEXO II – JÚLIA RIBEIRO DÓRIA

17 de janeiro.

Olá diário, hoje venho com uma notícia que ainda não sei como definir – terrível, boa etc. –, ainda estou tentando processar o que aconteceu, está bem difícil... nunca me disseram também que seria fácil. Sabe... estou bem confusa, uma parte de mim diz: “Isso é uma boa notícia, vai comemorar porque é um filho, o seu filho.” Outra, no entanto, me diz: “Meu Deus que burrada você fez? O que vai ser a sua vida agora?” Sim, exatamente isso que você imaginou: eu estou grávida. Mas vamos por partes, começando por onde tudo começou.

Indo para o 3º ano do colegial, eu me pergunto: o que esperar desse ano? Vamos ver se consigo responder no decorrer do ano. Bom, fiz uma viagem, sabe... foi muito incrível. Eu fui para a Europa com os meus amigos, aliás, cheguei dia 3, semana passada, e todos os lugares me trouxeram sentimentos inexplicáveis. Estávamos em seis, James, Natasha, Catherine, Nick, Edgar eu. O grupo inseparável! Conhecíamos-nos desde que nascemos. Bom, agora que já dei informações a mais vamos para o início desta viagem. Irei contar com todos os detalhes possíveis, porque foi uma viagem que marcou a todos... do início ao fim.

19 de janeiro.

E chegou o grande dia, 08 de dezembro de 2017, o dia de embarcar para uma aventura. Despachamos os trilhões de malas que estávamos carregando (foi um alívio). Logo depois fomos andar pelo aeroporto enquanto não chegava a hora do voo, estávamos tão animados que três horas passaram rapidinho e fomos para a aeronave. Ah sim, primeira classe até a Europa, um sonho se tornando realidade, registro que muitos dos meus sonhos foram realizados nessa viagem e que, do começo ao fim, foi literalmente um sonho, tipo daqueles que você não quer acordar de jeito nenhum.

Ajeitamo-nos nas poltronas e eu fiquei no voo do lado do James, um menino galã ruivo e dos olhos claros, que era meu amigo, mas não tanto quanto o Edgar e a Natasha, que ficaram nas poltronas da frente. Nas de trás ficaram Catherine e Nick. E o avião decolou... Eu volto para continuar essa história depois da minha aula de alemão.

Campo Grande, 21 de janeiro.

Voltei só hoje, desculpa não ter voltado depois da aula de alemão, mas eu acabei indo com a Natasha comprar ingressos para um show. Todavia, let's go back... A viagem... Foi uma viagem de ida, com uma parada em São Paulo e depois mais uma parada em Roma.

No voo para São Paulo, com todos muito ansiosos, pedimos todas as comidas e bebidas possíveis do avião (hahaha) e conversamos um pouco. James começou puxando conversa comigo sobre como eu acharia que seria a viagem, sobre músicas, chegou até a mostrar algumas músicas para mim, queria dizer que achei muitooooo estranho.

Já em São Paulo, enquanto estávamos esperando a próxima decolagem, fomos conhecer o aeroporto - que por sinal, é enorme - conversamos, zoamos, postamos fotos e com isso as quatro horas de espera passaram em alta velocidade. A caminho de Roma... Ainda tentando processar que fui pra Europa (hahaha). Sentei ao lado do James, estranho, mas eu senti algo diferente, segurança, confiança, bom... não sei, mas foi distinto. Tínhamos muito para conversar, e conversamos tanto que caímos no sono juntos. E agora vou dormir no presente também, beijos diários, que essa história ainda tem um longo caminho pela frente.

24 de janeiro.

Acordamos de madrugada, assistimos série e logo depois todos já estavam acordados. Um detalhe importante é que nós seis estávamos praticamente sozinhos na primeira classe, com isso, era de boa conversar sem atrapalhar os outros. Começamos a jogar fodinha (jogo com baralho) e depois de umas horas decidimos brincar de eu nunca... (hahaha) foi pesado, bem pesado.

Chegamos a Roma! Tem ideia disso? Romaaa (hahaha). Ficamos esperando um tempinho e no meio tempo, caraca, seria errado dizer que o aeroporto era de outro mundo? Whatever, definitivamente de outro mundo! E isso porque só vimos o aeroporto, imagina a cidade. Já no último avião o coração não parava dentro do peito. James insistiu pra sentar ao meu lado, Edgar até veio comentar comigo enquanto estávamos em Roma, mas não dei muita importância, porque sei lá, estava literalmente no começo da viagem e eu nem era muito amiga dele... mas no final vocês vão entender e confirmar ou não o que estão imaginando. Lá me vou de novo, mas eu volto quando você menos esperar.

26 de janeiro.

Demorei um pouquinho, mas você sabe que eu sempre volto. Então, eu estava falando que James quis sentar ao meu lado e assim aconteceu, conversamos mais e mais e assim chegamos ao nosso destino final, França. Descemos do avião, da primeira classe que, nossa! Melhor coisa no avião, cheia de tecnologia, tudo que você pode imaginar e tudo que você pode ter direito.

Fomos para as esteiras pegar as malas, colocar no carrinho e pedir um traslado que coubesse seis adolescentes e oito malas para o hotel. E (Ahhhh) o hotel, que perfeição! Era o Mandarin Oriental em Paris, logo quando entramos pela porta foi como se estivéssemos em outro mundo. Rapidamente, quando estávamos fazendo o checkin, o moço pegou as malas para levá-las até o quarto, pedimos um quarto para seis pessoas.

Subimos para o quarto e foi mais uma surpresa, era tipo uma mansão, e muito mais perfeito que a entrada do hotel. Nossa! E o banheiro? Era imenso, branco e preto e tinha até uma hidromassagem. Como chegamos de noite e passamos dias em aeroportos e aeronaves, resolvemos tomar banho e ficar no hotel. Enquanto todos tomavam banho e se ajeitavam, eu perguntei para a Natasha se ela queria explorar o hotel comigo e ela topou na hora. James perguntou se podia ir junto e, obviamente, tive que responder que sim, Natasha deu uma risadinha pra mim e fez uma cara de deboche, fingi que nem vi e saí do quarto.

Fomos conhecer o hotel e (Ahhhh) que paraíso de lugar! Tinha spa, praia artificial, academia, um lugar a céu aberto com uma jacuzzi, até tinha dentro do edifício um lugar para comprar souvenirs. Mas enfim, nesse meio termo a Natasha foi conversar com o recepcionista, pois ela queria mais duas toalhas (hahaha) vai entender, e James só estava esperando ela sair para puxar assunto. Achei muitíssimo estranho, porém não fiquei pensando nas hipóteses malucas que todos estavam comentando... Já vou nanar diário, outro dia continuo. Queria só comentar que hoje eu escrevi bastante (hahaha)! Até me surpreendi, beijos.

03 de fevereiro.

Estava pensando aqui que é mais um dia com essa notícia, ainda não caiu minha ficha, mais um dia e só eu sei... Voltando para a história, depois de explorar o hotel retornamos ao quarto, tomamos banho e depois decidimos pedir comida (hahaha) e começamos nossa viagem com comida japonesa. Um tempinho depois e a comida já estava na nossa porta, muito bom o serviço. Resolvemos, depois do jantar, comprar bebida no mercado

logo em frente ao hotel e sim, foi assim que começou nossa aventura. Compramos tudo o que tínhamos direito, voltamos para o hotel e fomos continuar o ‘eu nunca’ do vôo.

Ahhhh! Ficamos até tarde jogando e verdades foram colocadas na roda naquele dia... Já é dia, primeira aventura? Definitivamente conhecer a cidade! Afinal, é Paris! E lá fomos nós caminhando mesmo para o “centro” de Paris. Ficamos o dia inteiro andando, conhecemos museus, a torre Eiffel, cafeterias tão românticas, de outro mundo! Comemos waffles nesse dia.

Foi maravilhoso, passamos em uma lojinha retrô que, nossa! Dava vontade de morar lá de tão aconchegante que era. E a maior coincidência? Nessa lojinha estávamos o Jaime e eu, os outros ainda estavam na praça. Foi engraçado nessa hora, porque estava eu olhando os móveis de madeiras quando (detalhe: a loja tinha corredores estreitos que quando vc passava de um para o outro não dava pra ver se tinha alguém no corredor ou não) eu fui passar para outro corredor e James ia passar para o mesmo corredor, e foi quando a gente se esbarrou e ele pegou na minha cintura, ficamos cara a cara, foi muito de repente, mas foi engraçado, pois depois desse momento inesperado decidimos sair da loja antes de quebrar algo lá (hahaha). Se eu fiquei pensando depois nesse momento? Lógico que fiquei, na verdade, não sei muito bem porque fiquei pensando, mas começou a me intrigar. Voltamos para o hotel de noite e a Catherine e eu fomos ao *SPA*, foi muito divertido!

05 de fevereiro.

Já estávamos há cinco dias em Paris, conhecemos cidades vizinhas, fomos a festas noturnas, conhecemos franceses e a cultura... Foca que a festa foi bem louca, mas por enquanto nada demais aconteceu. Nosso próximo destino era a Itália, mais especificamente, Veneza. E lá fomos nós em mais um avião. Chegamos a Veneza na parte da tarde, mais um hotel elegante como eu nunca tinha visto, as torneiras eram folheadas a ouro e o quarto era semelhante ao de Paris. E (Ahhhh) tinha jacuzzi e *SPA*.

Já fomos conhecer a cidade e a culinária de lá, à noite fomos a um restaurante maravilhoso e provamos a pizza de lá e, nossa! Bem diferente da do Brasil. Estávamos voltando para o hotel quando entramos em um mercado de esquina, lugar mais caseiro que você pode imaginar, e com o que saímos? Mais bebidas. Éramos seis adolescentes, com o que mais poderíamos sair?!

Na volta pro hotel, James foi conversando comigo quando mandou esta frase: “O bom é que estamos solteiros”. Eu pensei: ‘O que ele está querendo dizer com isso? Ai, será que os comentários dos outros estavam corretos?’ O que saiu da minha boca: (hahaha) “Verdade...”. Talvez no fundo eu soubesse que o que ele queria aquele algo a mais, mas era uma viagem, estrangeiros, bebidas, diversão e aventura... O futuro nos aguarda... até outro dia.

07 de Fevereiro

Depois de conhecer Veneza e as cidades vizinhas, depois de conhecer a Itália tínhamos mais dois dias lá. Um era dia de festa, compramos ingressos para uma festa de rico que tinha todo mês (hahaha) já conto mais detalhes sobre esse dia. E o outro dia era para arrumarmos as coisas, despedir e seguir para a próxima parada. Sobre a festa? Vamos lá! Esse dia foi bem tenso! Arrumamo-nos para essa festa e no caminho, quando estávamos conversando, Catherine soltou a frase: “Hoje vai render, não é mesmo Julia?” Pensa em como o clima ficou, mas logo depois Natasha puxou um assunto aleatório para descontrair. Chegamos na festa, fomos ao bar e depois fui dançar com a Natasha. Depois de um tempo, Catherine me chamou e disse que ouviu James comentando que não entendeu o comentário dela, eu fiquei, tipo, muito menos eu (hahaha).

Natasha e eu continuamos dançando, e aquela noite estava longe de acabar... Quando estávamos na pista, um grupo de meninos gatos, nossa! Italianos gatíssimos chegaram e começaram a conversar com a gente, um deles era o mais bonito e, coincidentemente, ele perguntou se eu estava solteira. Obviamente falei que sim e fomos para o bar tomar alguma coisa enquanto nos conhecíamos... Um momento depois ficamos, e foi desse jeito o resto da noite.

No outro dia, Edgar veio falar que James estava bravo pelo que tinha acontecido, e respondi: “E desde quando eu e ele temos algo?” Sabe... não queria nada com o James, tipo, ele era gato, gentil e um fofo, mas eu não queria algo a mais e muito menos estragar a amizade e deixar o clima estranho entre nós seis. O resto da viagem na Itália foi meio tenso, ele ficou literalmente me evitando, não que eu estivesse ligando, mas as ações dele eram com o objetivo de me fazer sentir ciúmes, mas ciúmes do quê? Volto a dizer que eu não queria nada com ele, mas será que isso muda?

10 de fevereiro.

Já estávamos na Alemanha e, nossa! Mais um hotel magnífico! Fomos ao shopping, nas cidades vizinhas, nos restaurantes e no último dia ficamos no hotel, e nesse dia? Meu Deus!... Já saberá o que rolou. Nick e os meninos foram comprar comida e bebida para nossa noite, as meninas e eu ficamos no quarto enquanto isso, conversando sobre os garotos... Catherine estava com um *crush* no Edgar e eu sabia que ele também sentia o mesmo. E o mais engraçado é que o jogo da noite seria verdade ou desafio, e eu já tinha a primeira verdade da noite, mas eu jogaria logo na roda?

Eles chegaram. Nick foi fazer batidinhas de morango e limão pra gente. E o jogo começou... Nossa! Depois de uma hora, a gente estava alterado quando James colocou uma música, mais para uma indireta: Refém do Dilsinho, a letra tem a ver com adultério, mas a indireta foi mais no resto da música. Todo mundo ficou escutando e para mudar de assunto joguei na roda: “Edgar, é verdade que quando você pensa na Catherine você imagina coisas mais tensas?” Todo mundo começou a gritar e eu fingi que não entendi a música como indireta, afinal estava todo mundo meio louco já. Natasha pegou a caixinha de som e colocou um funk. Do nada era competição de quem dançava melhor (hahaha) e nossa! De repente bateram na porta, a gente olhou um para a cara do outro e eu resolvi abrir a porta, todos já achando que íamos ser expulsos do hotel por fazer barulho. Mas era um grupo de uma menina e dois meninos (Charles, Mary e Jonas). Eles perguntaram se podiam entrar, pois eram irlandeses e não tinham muitos amigos na Alemanha, (hahaha) nem a gente! E a noite ficou mais louca ainda...! Saberemos como no próximo capítulo.

13 de fevereiro.

Voltamos a brincar de verdade ou desafio e um pequeno fato que me esqueci de mencionar era que ninguém sabia, mas eu já, que Natasha estava a fim do Nick, mas pra mim Nick era gay, eita *spoiler!* Volto nesse fato quando estivermos na Espanha.

Na verdade o desafio rolou tudo que você podia imaginar, eu fui desafiada a beijar Jonas e ainda bem que foi ele e não o Charles, (hahaha) ele era bem gatinho...! Foi um desafio e eu não iria sair do jogo, ser sem limites era a única regra. Catherine e Edgar foram pra cama e nem quero saber o que aconteceu lá... resolvi ir pra jacuzzi. Estava -7°C, mas a água estava quente e foi muito relaxante. Estava eu lá pensando sobre a viagem quando quem aparece? Sim, James perguntando se podia entrar na jacuzzi. Respondi que sim, ele entrou e

sentou do meu lado. Ficamos observando o céu e as estrelas, ao som de música estilo deixo-me ir.

Eram três e pouco da manhã e a gente na jacuzzi, o resto do povo já tinha ido dormir e os irlandeses dormiram lá também (hahaha). James começou a puxar assunto sobre o que eu estava achando da viagem. Eu estava realmente apaixonada por cada local que passávamos... conversando sobre várias coisas ele chegamos ao assunto daquela festa, em que eu fiquei com um menino.

Ele, ainda no efeito do álcool, admitiu que tinha ficado com ciúmes e suas ações nos outros dias foram estúpidas porque a gente não tinha nada. Eu disse que estava de boa, que não precisava se desculpar, e até brinquei com a frase: “Eu sei que ficou com ciúmes, é um dom, eu causo isso nas pessoas...” (hahaha). Ele riu e eu apoiei minha cabeça na borda da jacuzzi e fiquei observando a paisagem... Ele segurou na minha mão e fez um comentário que eu não lembro, mas naquela hora rolou um clima...

17 de fevereiro.

Tempinho depois, falei que eu ia para o quarto e mencionei que nós não tínhamos nada além de amizade..., mas nem eu sabia mais se isso era verdade.

E PARA ONDE? ESPANHA!

No dia seguinte, nós fomos rumo à Espanha, depois Grécia e voltamos pra casa, tínhamos mais o quê? Em torno de 15 dias de viagem. Lembra-se dos irlandeses? Eles resolveram ir com a gente, pois o destino final deles era a Argentina, pertinho do Brasil. Rumo à Barcelona... Nossa! Quase ia passar batido um detalhe: Catherine e Edgar estavam namorando, e essa história cada vez ficava mais estranha.

No avião, mais especificamente no banheiro do avião, estavam Charles e Nick se pegando. Daí você se pergunta: “Mas Natasha não gostava do Nick?” Psiu... Mais ninguém sabia dessa pegação no banheiro até o terceiro dia na Grécia, quando aconteceu mais uma verdade ou desafio à base de álcool. E eu já estava me perguntando onde meu fígado ia parar com tanta bebida. Hoje vou escrever pouquinho, pois tenho que ir pra ginástica olímpica enquanto ainda posso.

Amo saber das notícias fresquinhas (hahaha)! Enfim, depois desse choque que eu tomei, nós descemos do avião e fomos para o hotel e nossa! Que hotel! Era a cobertura do prédio, era o andar inteiro, bem maior que o quarto normal. Já era noite, arrumamos as roupas nos armários e fomos para o shopping fazer umas comprinhas, tive até que comprar uma mala com a Natasha, para guardar as coisas novas (hahaha). Eu me vou, até mais.

23 de fevereiro.

I am back, hoje eu acordei pensando e refletindo sobre a vida... E sabe, diário, eu nunca fui de me aproximar e depender muito de uma pessoa, nunca fui de confiar totalmente em uma pessoa ou em uma pessoa “considerada” amiga. Estava lendo sobre Pascal e eu vi em algum lugar escrito: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. Eu sei que a vida, de uma forma solitária, é mais árdua, mas nós, humanos, estamos fadados a mentir por razões distintas, estamos fadados a “nos apoiar”, necessitar de alguém em alguma relação, na vida, até o fim...

Simultaneamente penso: “E se eu tivesse alguém para confiar, literalmente, confiar minha vida naquela pessoa? E se eu tivesse alguém para compartilhar minhas ideias malucas e meus pontos de vista sobre um assunto, como um filósofo?” Um monte de “se” passava na minha cabeça, e se... e se... Mas será que esse ‘e se’ muda? No final você saberá minha história.

27 de fevereiro.

Vamos falar de Barcelona, pois já é quase março e, né? Dois meses... Fui eu conhecer uma feirinha que estava tendo no final da rua do hotel. Que feira mais caseira! E sabe? Até isso é algo que difere aqui do Brasil. Eu fui sozinha e nem chamei ninguém para ir comigo, pois eu queria um tempo só meu, sabe? Caminhar, observar a paisagem, as pessoas conversando, a cultura, o lugar, o vento batendo no meu rosto, o som das folhas dos coqueiros, realmente ver e não apenas “olhar”, não viver no automático como fazemos no dia a dia.

Logo depois de sair da feirinha eu comprei um mel e umas pulseiras artesanais e resolvi colocar uma música como Meu Abrigo <3, e sair caminhando no calçadão da praia. Como era de noite o vento e a lua eram... sabe? Quando é algo pequeno, sem muita importância, mas te traz felicidade e paz de um jeito inimaginável? Foi exatamente como eu

me senti naquele momento! Muito aquela frase: “dar valor a pequenas coisas”. Eu não sigo tanto quanto eu gostaria, mas sabe, em uma viagem ou mesmo em um dia qualquer, eu mesma me pego pensando/observando esses detalhes...

02 de março.

O que dizer sobre dois meses? Estou contando essa história desse jeito, pois ainda não processei esse fato e muito menos parei para pensar sobre. Eu sei que é uma situação da qual não gosto nem um pouco, todavia também não sei se meu sentimento vai continuar assim até o final desse drama. Vamos ver, não tenho mais muita coisa a perder.

Eu estava pensando sobre o que disse outro dia, sobre as relações serem baseadas em mentiras desde o começo, mas talvez seja uma perspectiva negativa de ver a situação, talvez, mas só talvez, as relações sociais dos humanos não sejam baseadas em mentiras, mas sim em verdades não totais... Afinal, ninguém conhece totalmente o outro e nem a si mesmo. Pode ter certeza que você não conhece os segredos mais profundos dos seus então “amigos”... A palavra correta para esse pensamento talvez seja um verbo, omitir.

07 de março.

Hoje eu vou continuar a história sem pensamentos paralelos (hahaha). Depois que voltei para o hotel naquela noite, já tarde, entrei bem devagar e, como eu imaginei, estavam todos dormindo. Eu peguei James deitado na minha cama (hahaha). ‘Por que?’ Nem eu sei, mas meu pensamento depois desse foi que ele estava dormindo muito fofinho, epa! Que pensamento, né? (hahaha) Coloquei o pijama, apaguei a luz e fui aproveitar as horas que eu ainda tinha de sono.

No dia seguinte, acordamos bem cedo, porque era dia de praia, sim praia! Sentir a textura da areia e do sol batendo, colher conchinhas, nadar e se divertir com as ondas e uns com os outros. Tomamos café, nos vestimos e fomos; o dia ia ser longo...! Na praia que fomos estava tendo um parque inflável, que era muito um labirinto e, logicamente, queríamos sentir a nostalgia da infância. Compramos os ingressos e já entramos, fui a um escorregador gigante e lembro bem que empurrei a Natasha lá de cima (hahaha). Foi muito engraçado!

O ingresso dava acesso ao parque o dia inteiro. Depois de algumas horas já estávamos todos cansados, e eu deitei em uma parte do parque que era cheia de camas elásticas. Eu estava sozinha pensando um pouco e, sim! Você já imagina quem apareceu...

James. Ele entrou e sentou do meu lado. Começamos a conversar e as indiretas logo surgiram. E sabe, eu gostava muito de conversar com ele, porque os assuntos fluíam sem precisarmos nos esforçar e, por mais absurdo/aleatório que fosse o assunto, me fazia rir. Ele perguntou o que eu ia fazer à noite e eu falei que ainda estava pensando, mas a única certeza era que eu ia à jacuzzi depois de um dia inteiro na água salgada (hahaha).

Eu lembro que, nesse dia, a gente se aproximou tanto como “amigos” quanto fisicamente. Estava tocando uma música, a gente conversando, quando e eu virei de costas e ele começou a tocar nas minhas costas tentando causar arrepio (hahaha),o que eu tenho muito. Foi bom aquele dia, mas eu ainda tinha na minha mente a ideia de não querer nada sério e, muito menos, me apegar a alguém.

Eu estava quase dormindo com o carinho dele quando ligaram chamando a gente para o almoço. Aposto que o pensamento dele foi: “Ahhhh estava tão bom!” Porque o meu foi definitivamente esse, e logo depois pensei se tinha rolado um clima. Ingênuas elas, né?!

Fomos almoçar e depois ele me chamou para andar até o final da praia, eu logo aceitei, porque amo conhecer cada pedacinho de um lugar novo. Fomos conversando e, no final da praia, entramos no mar, brincamos por um tempo e depois a gente ficou apoiados um no outro, pois estávamos mortos, eu pelo menos estava. Sabe o mais intrigante dessa história? É que nem no clímax ela chegou... ainda temos um bom caminho pela frente.

Saímos e deitamos na areia, a praia já estava quase vazia, ficamos observando o pôr do sol. Eu peguei, com minhas ideias malucas, um punhado de areia e joguei nele (hahaha). Logo depois ele já entrou na brincadeira e começou a correr atrás de mim. Ele jogou areia de volta e assim foi... Até que uma hora ele me agarrou e me jogou no chão e depois caiu do meu lado (hahaha). Foi um dia muito divertido! Agora entende porque eu disse que nesse dia a gente se aproximou?

13 de março.

Voltamos para o hotel à noite, pedimos comida e eu caí na cama. Comecei a assistir série e pensei: ‘Por que não chamar o James?’ Vamos admitir: ele era carinhoso, gentil, bonito, e com um corpo perfeito, e eu tinha uma quedinha por ele. Chamei e ele aceitou na hora. Assistimos até cair no sono. E quando eu acordei no outro dia ele estava abraçado a mim, muito estranho.

No outro dia, fomos a uma praça, depois um museu e, no final da tarde, fomos visitar uma galeria de arte. Não curto muito, então eu fui a uma cafeteria em frente, no meio tempo. De noite teve uma festa em um clube de lá e, depois de muita dança, comida e bebida, eu fui sentar pra conversar com Mary, a menina irlandesa. Foi quando uns espanhóis da nossa idade chegaram chamando para dançar, e resolvemos dançar com eles e depois a gente ficou.

James me viu beijando o menino, e por isso beijou uma garota qualquer e ficou bravo comigo. Lembro que ele foi embora, mas sabe, a gente não tem nada, por que ficar assim?? Aiai! Eu continuei curtindo a festa e depois voltamos para o hotel. Quando eu entrei, ele já estava lá, obviamente não conversamos e eu fui direto pra cama. No outro dia, já era rumo à Grécia. Vou pular a parte do avião, pois não aconteceu nada demais.

16 de março

Nos primeiros dias James não conversou comigo, eu me importei um pouco porque eu gostava muito da companhia dele, mas eu fiquei meio bolada porque não tinha fundamento para os ciúmes dele, bom, pelo menos não do meu ponto de vista. No terceiro dia ficamos sozinhos de noite no hotel, e eu perguntei por que ele estava me evitando. Depois de termos conversado um pouco, ele pediu desculpas pelo jeito como agiu e já ficamos de boa novamente, acho que percebeu que eu não sou uma pessoa que me importava e ficava aborrecida com tudo.

Coloquei uma música e resolvermos ir à jacuzzi do hotel, muito relaxante a massagem que a água faz. Comecei a jogar água nele só por brincar e ele jogou de volta, daí no meio da brincadeira ele me puxou e... SIM, isso que você está pensando... ele me beijou e eu gostei, o meu interior queria isso. Eu fiquei confusa nesse dia, a ideia de não querer nada sério continuava sendo a minha razão e os meus sentimentos por ele se tornaram minha emoção. Eu estava dividida em duas partes, mas não pensei muito na situação em que eu estava e sim no momento que tivemos. Daí podemos entrar no pensamento que tive na época sobre Platão... Nietzsche... razão... emoção...

Depois desse episódio épico, fomos para o quarto, pois já era bem tarde, e caímos no sono. No outro dia, não comentamos nada com ninguém e assim seguiu o dia até de noite, quando teve o jogo “verdade e desafio”, no qual eu posso ter soltado que Charles e Nick se

pegaram no banheiro do avião e Natasha ficou meio bolada, mas fingiu que essa notícia não a atingiu. Mary tinha uma queda pelo James e ela o viu me beijando, na oportunidade jogou na roda. Eu não fiquei brava nem nada, ainda mais das loucuras que já estavam acontecendo. Essa noite foi longa...

No dia seguinte, penúltimo na Grécia, fui conversar com a Natasha, eu era a mais íntima dela lá e ela sempre podia contar comigo, ela me considera uma grande amiga e tudo mais. Enfim, ela desabafou que só estava a fim do Nick, mas não era algo que deixaria ela triste, menos mal para ela... Não é algo bom ter um sentimento que não é recíproco.

Depois de eu tê-la aconselhado, resolvemos ir para a praia, afinal, nossa viagem estava prestes a acabar. James e eu nos aproximamos muito nesses últimos dias e, nesse dia, fomos para praia e ficamos juntos o dia inteirinho. Foi intrigante, porque cada vez eu ficava mais interessada nele. Obviamente tivemos vários momentos, beijos, abraços, a mão dele no meu rosto, nas minhas costas... parecia tudo mais intenso com ele.

18 de março.

No último dia na Grécia fizemos uma roda para lembrarmos-nos de tudo o que foi a nossa viagem, as conversas, as aventuras, as festas, as brigas, o que tudo significou para cada um e a lembrança que ficará para sempre na memória. Nessa noite, já na madrugada, eu propus uma ideia insana para fechar a viagem inesquecível das nossas vidas. Não estava nada programado, compramos passagens, hotel, comida e tudo mais que precisaríamos e fomos rumo a minha ideia, rumo à... Escócia!

A partir da Grécia eu e James ficamos mais juntos e, do nada, aquela viagem de amigos virou a nossa viagem. Ficamos, brincamos, bebemos, éramos nós e não mais eu, de repente tudo mudou e esse não era nem o começo. Detalhe: nós não estávamos namorando nem nada demais, pode-se dizer que estávamos realmente conhecendo um ao outro. Ficamos três dias, inclusive a virada do ano, na Escócia. Foram dias mais que especiais, e foi onde minha vida mudou.

20 de março.

A gente na Escócia, o que esperar disso? Veremos...! No primeiro dia em que chegamos lá, fomos explorar o lugar. O James e eu fomos a uma sorveteria artesanal, onde você mesmo fazia o seu sorvete; passamos o dia só nós dois e de noite fomos para o hotel. Lá

nos reunimos com o resto da galera e pedimos muitas pizzas, vários sacos de todos os tipos de fini e ingredientes para fazermos batidinhas.

James me chamou no canto para conversar sobre a gente...e eu me perguntando que ‘a gente?’, mas no fundo eu sabia que existia. Ele queria contar que estávamos juntos, mas sabe... eu falei que não, porém não sabia como explicar que a gente só estava ficando e que eu não havia mudado de opinião sobre ter algo sério. Então simplesmente falei a outra parte que eu queria dizer: “Para que se apressar em revelar o mistério?” Ficava mais intrigante daquele jeito e ele sabia que isso era uma verdade, então decidimos não contar por enquanto, a não ser que ficasse mais sério. Como todos achavam que tinha sido só um beijo, continuou para eles sendo apenas um beijo.

No dia seguinte era 31, quase virada do ano... e onde a gente passou? Sim, em um acampamento na Escócia. Nós vimos um pacote para passar a virada do ano em uma floresta (não lembro o nome) e a gente comprou na hora, eu nunca tinha ido a um acampamento. Compramos também comida, três barracas e os irlandeses compraram uma para eles, depois disso voltamos para o hotel para arrumar as roupas e tudo mais. Já era noite e a van que nos levaria para lá já estava na frente do hotel. E lá fomos nós... esse seria o grande dia.

No acampamento, já estava decidido quem ia dormir com quem e, pois é! Eu ia dormir com o James...! Eu fiquei feliz na verdade, nós estávamos muito próximos um do outro e parecia que eu já era muito amiga dele há muito tempo. Posteriormente à nossa chegada, arrumamos as coisas e montamos as barracas. À noite, fizemos uma fogueira para assar uns marshmallows. Nick começou a cantar e tocar o violão e, de repente, todos já estávamos cantando... foi uma noite muito relaxante e pacífica.

21 de março.

Olá, diário! Minha barriga ainda não está notável, sabe... eu ainda não decidi o que fazer, para quem contar, e como processar essa ideia. Todavia, voltando à história... já era de madrugada quando decidimos ir deitar. James e eu entramos na barraca já brincando e bagunçando um com o outro. Daí eu deitei na barriga dele e continuamos conversando sobre ursos (hahaha)a gente conversava sobre tudo, foi muito divertido!

Ouvindo o vento batendo na copa das árvores ele começou a falar que estava muito apaixonado por mim, que sempre estava pensando em mim, que eu era a melhor companhia,

entre outras coisas. Eu também achava/acho tudo isso dele, ele é incrível e eu resolvi colocar isso para fora de vez (já que sempre fui muito fechada em compartilhar meus sentimentos). Nesse momento, eu já estava sentada falando tudo para o James, quando ele colocou a mão no meu rosto me deu um beijo na testa, voltei a deitar... Um tempinho depois a gente se beijou, e foi onde tudo começou. As coisas começaram a ficar mais intensas... estava meio escuro, tinha apenas a luz da fogueira do lado de fora. Ele já estava sem camisa, tinha uma coberta, e a noite foi bem longa.

Foi tudo simplesmente perfeito, foi a minha primeira vez e eu não tinha ficado preocupada por não termos usado camisinha, pois eu estava tomando anticoncepcional. Ele não sabia que eu tomava, então presumo que ele só tinha esquecido. Um grande detalhe era que eu tinha me esquecido de tomar alguns dias durante a viagem, mas isso não me preocupou na hora, pois havia sido apenas alguns dias. E tudo seguiu com era para ser... ou não...

No outro dia, nós fomos à cachoeira que tinha ali perto. Para mim éramos ele e eu, apenas nós dois. Passamos mais um dia inteirinho juntos, só que dessa vez mais beijos e um 'eu te amo'... sim! Veio dele essa frase. Eu não sei bem se eu o amava, então, brinquei dizendo que eu causava isso nas pessoas, dei uma risadinha e o beijei... E a viagem havia acabado.

Arrumamos as coisas e fomos para o avião, conexão em Roma, lá fomos nós. Estávamos felizes por termos realizado a viagem dos nossos sonhos, mas tristes por ela ter acabado tão rápido... Já era outro ano, eu pensei, agora tudo vai mudar... no sentido de mais um ano diferente... mas eu estava certa que tudo mudou. Ficamos juntos e, quando chegamos a Campo Grande, ele me pediu em namoro com um anel, chocolates e um ursinho, ele tinha comprado tudo na Escócia. Foi incrível o pedido (eu não sabia de nada ainda sobre a gravidez), e por que não aceitar? Respondi sim, pulando de alegria, e foi quando todos descobriram que a gente continuou ficando.

22 de março.

Fui para minha casa, contei sobre a viagem e sobre o namoro para os meus pais, descobri que eles já sabiam, pois James tinha ligado para falar com eles sobre pedir minha mão e tudo mais. Depois disso eu fui revelar as fotos para colar no meu mural de viagens. Já estava noite quando terminei de desfazer as malas. Os dias foram se passando e na terceira

semana eu comecei a sentir enjoos e tonturas, achei que eu tinha comido algo estragado ou algo assim.

Depois de alguns dias, continuei passando mal e comecei a imaginar se os dias que eu não tinha tomado a pílula fizeram com que não funcionasse, depois pensei se o anticoncepcional não tinha funcionado e peguei a caixinha, comecei a olhar e vi que estava vencido, foi aí que eu surtei! ‘Eu não posso estar grávida nessa idade!’ Vi meus sonhos e futuras conquistas se passando pelos meus olhos e o pensamento que eles nunca mais iriam se realizar.

Comecei a pensar, pensar e pensar, e então liguei para a Natasha. Expliquei que o James e eu estávamos ficando na viagem, e contei sobre a noite do acampamento, depois pulei para a parte que eu descobri que o anticoncepcional estava vencido. Ela foi muito paciente comigo e eu fiquei meio surpresa, pois ela não me julgou em nenhum momento e afirmou que iria no médico comigo. No outro dia, fui ao médico acompanhada dela para fazer os exames. Eu estava orando a todos os deuses possíveis para que eu não estivesse grávida... Sabe, diário, eu não quero estar! Porque essa punição? Depois de uns dias saiu o resultado e como já sabe: eu estou grávida. Eu só quero acordar desse pesadelo e perceber que foi apenas um sonho maluco!

Mas não, eu já estou acordada e essa é a realidade caindo na minha frente. O que fazer sobre? Para quem contar? Como seguir adiante? Essas perguntas continuavam a martelar na minha cabeça, em meus pensamentos... Eu tinha decidido não contar para ninguém, mas já havia falado para Natasha, afinal eu precisava de alguém, um suporte e ela era a mais próxima de mim, eu sei que posso contar com ela e que ela sempre está disposta a me ajudar.

Eu ainda não vi o James depois que ele me pediu em namoro, na verdade ele quis sair comigo já três vezes, mas eu disse que não podia, pois eu estava me acostumando com as coisas. Vou sair com ele semana que vem porque, se eu recusar mais uma vez, ele vai perceber que tem algo diferente, mas ainda não sei se irei contar para ele quando sairmos juntos. Eu fui pegar os exames e isso apenas me trouxe mais para a realidade. Eu via essa situação como um castigo, um erro, tudo de pessimismo que você pode imaginar! Ainda vejo, na verdade, mas não tanto quanto antes. No final, diário, você vai perceber como minha vida mudou em todos os sentidos.

01 de abril.

Olá, diário! Hoje estou mal, acordei com enjoo e tontura, e minha vida tem sido muito atordoada, eu tenho que decidir o que vou fazer logo, pois mais para frente eu não terei outra opção. Eu estou em um conflito interno, pois eu não quero ter um filho agora, não quero ser uma adolescente grávida, mas eu não sou capaz de tirar a vida de alguém que pode vir a existir nesse mundo. Abortar é errado de acordo com a sociedade brasileira, perante todos, mas se eu abortar eu estarei resolvendo meu fardo. O que fazer? Seguir pela ética ou pela moral? A grande dúvida...

Esse mês é o terceiro mês... as coisas estão passando tão rápidas e eu continuo em um impasse. Como Maquiavel dizia: “Os fins justificam os meios”. Meu interior me pergunta: será mesmo? Sinto-me perdida, impossibilitada de fazer algo. Hoje é primeiro de abril, eu só queria que tudo fosse uma grande mentira, como eu queria...! Amanhã vou sair com o James e está decidido que irei contar, pois odeio mentir ainda mais para ele e ele é o pai, a única coisa que eu sei é que não é algo que eu possa/deva decidir sozinha, eu preciso dele mais do que nunca!

03 de abril.

Ontem eu saí com o James, nós fomos jantar comida japonesa no Nobu e depois para minha casa. Quando chegamos em casa, fomos para meu quarto, meus pais já estavam dormindo, então era o momento para contar a ele sobre o nosso futuro filho. Sentei na cama e disse que eu tinha que conversar com ele, ele já perguntou o que era. Virei e disse: “Você lembra que não usamos camisinha né?” Ele disse sim e perguntou o porquê de eu estar falando aquilo. Eu peguei o anticoncepcional e mostrei a data para ele, eu não conseguia dizer que fizemos uma burrada no ano novo, pois foi uma das melhores memórias e eu não podia simplesmente destruí-las com uma única frase.

Ele logo ligou as coisas e perguntou, torcendo para que fosse mentira, se eu estava grávida. Eu disse que sim e ele entrou em choque, e me perguntou: “E agora?” Eu não sabia o que dizer, pois eu queria ter aquele filho, sabe, era o meu filho! Mas não quero ser uma mãe adolescente e não poder realizar meus sonhos. Eu não sabia o que ele estava pensando, porque ele não dizia, acho que ele não sabia o que dizer. Conversamos a noite inteira sobre isso e tudo só ficou mais complexo do que já estava.

Eu disse que iria contar para os meus pais, mas queria que ele estivesse presente comigo e ele disse que me apoiaria em todas as decisões. Ele me confortou, e naquela madrugada eu me imaginei tendo um futuro e uma família com ele. Será que era o meu cérebro avisando o que já estava prestes a acontecer? Ou era um futuro distante e esse pensamento já dizia o que eu tinha que fazer?

Você sabe que minha família sempre foi muito conservadora, com essa notícia eu já estava esperando o pior, eles nunca mais me olhariam como o orgulho deles... Eles passariam a só me ver como uma decepção e um desprezo na vida deles. Por isso eu estava com muito receio de contar, não sabia nem por onde começar. Devo esperar mais ou não? Chamá-los para conversar no final de semana? Eu posso esperar mais, quatro meses, mas e minha barriga? Estou desesperada por dentro e incapacitada de fazer algo devido ao meu insolucionável conflito.

13 de abril.

Os dias se passaram, lendo sobre filósofos, seguindo minha rotina, vendo vídeos sobre como é ser mãe e pensando intensamente no meu não mais tão grande erro assim. Uma coisa que aprendi foi que antes eu pensava como se não fosse mais ter sonhos e conquistas para alcançar como se isso tivesse ido embora em um piscar dos olhos. Como Olavo de Carvalho, um filósofo brasileiro, diz: “Há coisas que são boas por alguns instantes, outras por algum tempo, só algumas são para sempre”. Isso pode ser algo bom para sempre, quem sabe...? Os dias continuaram a se passar e foi nesse momento que a minha perspectiva mudou.

Depois de pensar sobre isso e ver uma frase em um livro que eu estava lendo: “Esse jeito é apenas uma perspectiva de ver a situação, existem vários outros”, me deparei com a esperança de que eu estava vendo de um modo errado, pessimista. Esse bebê não vai tirar meu sonhos e minhas metas, ele definitivamente vai transformar minha vida, mas vão ser outros sonhos e metas com ele, alguém que eu sinto que vou amar eternamente! Podem ter momentos conturbados dos quais vou me arrepender? Sim! Pode até vir a existir, mas a gratidão é maior e disso eu tenho certeza.

17 de abril.

Minha decisão está quase certa de que vou continuar com esse bebê, depende da conversa de hoje. Hoje é um sábado, terá um almoço em família e eu chamei o James – avisei que vamos contar neste sábado – estou com muito receio, este é um dos motivos de eu estar escrevendo para você, diário, nesse momento. James acabou de chegar, depois eu volto e continuo.

Já é noite, James acabou de ir embora, passamos nós e a minha família conversando/discutindo a tarde inteira: por onde começar? Depois do almoço, sentamos na sala de televisão e falei para os meus pais que o James e eu precisávamos conversar seriamente com eles, obviamente já se assustaram. James começou falando que a viagem tinha sido incrível, mas que algo aconteceu... Logo em cima disse que o anticoncepcional que minha mãe tinha comprado para eu levar na viagem estava vencido (talvez tenha dito para diminuir a culpa? Para os humanos isso é algo fadado a acontecer) e foi aí que o desespero começou, e olha que nem precisei dizer diretamente que eu estava grávida, já ouvi no mesmo momento minha mãe indagando desesperadamente se eu estava grávida.

Meu pai... a reação dele? Ele simplesmente entrou em choque. Já minha mãe só conseguia exclamar/perguntar: “Como vocês deixaram isso acontecer?”, “Onde estavam com a cabeça?”, “E agora, o que vai ser do nosso futuro?”, “E os seus sonhos?” Como se eu soubesse ver o futuro. Ela perguntava para o meu pai se ele iria dizer algo e foi aí que ele iniciou os argumentos dele com: “O que vocês fizeram foi totalmente insensato e imprudente”. Como se a gente tivesse feito de propósito, como se quiséssemos um filho nesse ano.

Foi uma longa tarde sem “decisão” – entre aspas porque não era uma decisão deles – nenhuma. Meu pai queria que eu abortasse, falando que iria destruir meu futuro ter um filho com essa idade e não só o meu futuro como o do James também. Eu já tinha conversado com James e eu estava mais certa sobre ter o filho do que abortar, ele concordava comigo, pois por mais árduo que fosse, ele também não queria desistir do futuro filho dele. Minha mãe pensava totalmente ao contrário do meu pai, os argumentos dela foram que, por mais que um filho impedisse a gente de fazer muita coisa e desistir de mais ainda, agora já foi, a gente teria que assumir, pois era uma criança predestinada a vir a esse mundo e que assim deveria acontecer. Agora vou dormir, amanhã eu escrevo mais, boa noite.

23 de abril.

Hoje de manhã minha mãe veio ao meu quarto para conversar um pouco, perguntou qual era minha decisão sobre tudo isso e eu disse que eu estava quase certa de que vamos assumir o filho, diário, eu acredito que nada acontece por acaso, sabe? Que no fundo as coisas têm uma razão, por mais que, na maioria das vezes, não sabemos dela ou não a entendemos. Ela disse que estaria ali para me ajudar, me apoiar, ir aos lugares comigo e tudo mais, mas no fundo eu sei que ela olhava para mim se perguntando que burrada eu havia feito. Eu entendo, eu também pensei assim por muito tempo, leva tempo para processar uma notícia assim e eu darei o tempo que eles precisarem, até porque eu precisei de muito só para contar isso.

Alguns dias depois de conversas, ela me falou que me inscreveria em um curso de pré-natal, pilates e que, em um futuro próximo, eu faria aulas em casa para não ficar atrasada nos estudos. Lembro que, nesse dia, fui à casa dos pais de James e contamos para eles a situação. Resumo do dia? Mais uma longa conversa... eles eram mais liberais que meus pais, e acho que, devido a isso, eles preferiam que eu abortasse. Mas já não era uma ideia tão firme na minha mente, eu queria um futuro com meu filho, passar pelo primeiro ano dele, primeiro dia na escola, entre outros assuntos clichês, porém importantes para os pais, para a gente. Falamos para os pais deles que a nossa vontade de fazer o aborto era muito pequena - eles ficaram muito bravos - James até me disse que tentaram conversar com ele e colocar essa ideia de novo na cabeça dele de todos os jeitos.

Hoje eu fui ao médico com James para ver o sexo do bebê e me deparei com uma surpresa agradável (ou não): gêmeos, um casal! Um grande pedaço de mim ficou feliz, pois sempre quis ter gêmeos, mas o outro apenas pensou que o trabalho ia ser dobrado. James abriu um grande sorriso no rosto quando soube e me deu um abraço longo, forte, porém aconchegante.

Nesse mesmo dia foi o nosso primeiro dia de pré-natal e uma situação me deixou muito chateada. Alguns nos olhavam com olhar julgador, olhares de desprezo e outros de decepção. Fiquei magoadíssima, pois nenhum dos casais ali nos conhecia e apenas nos julgavam pela idade, fazendo comentários como: “Coitada da criança, vai ter pais tão novos e inexperientes”. Como se uma mulher de quarenta anos sendo mãe de primeira viagem já tem uma experiência enorme em como cuidar de um filho. As pessoas aprendem realizando e, às vezes, com alguns erros, a idade não é algo tão importante nesses requisitos. Bom, é o que acho.

03 de maio.

Minha barriga está começando a aparecer, já começamos a procurar um lugar para morarmos, compras de bebês, móveis, roupas, fraldas, roupas maiores para mim, sapatos, cremes de todos os tipos. Aulas de pré-natal, pilates, cursos, dermatologistas, médicos, médicos e mais médicos. Minha vida está uma loucura, confesso que está até engraçado me ver com o James fazendo tudo isso. Sei que foi uma ação sem cautela que nos fez chegar a isso, e se me perguntarem se eu pudesse voltar no tempo eu diria que sim, voltaria, chamamos isso de arrependimento? Acho que não é bem isso, estar grávida aos 17 anos, com tantas responsabilidades do nada, requer muitas mudanças drásticas na vida de todos ao redor, não desejaria a alguém ficar grávida ou ser pai nessa idade, mas estar esperando não um, mas dois filhos é uma sensação incrível, saber que você vai amá-los infinitamente é maravilhoso.

Não sabemos como o futuro vai ser, por isso viver um dia de cada vez é o mais recomendado, e vencer cada batalha com aqueles que agora sabem que posso chamar de amigos, pois eles estão comigo e eu posso contar com todos. James, principalmente, é um grande amigo, um namorado magnífico, estar com ele é saber que posso me abrir, contar tudo, chorar, poder fazer qualquer coisa e saber que ele vai estar lá comigo.

Namorar ele é simplesmente ter um porto seguro. Ele é uma pessoa que, quando entrou no meu mundo, apesar de todas as desavenças, entrou para deixar meu mundo um lugar mais alegre, com mais risadas, mais feliz, mais seguro... Eu poderia escrever folhas e mais folhas sobre o James, mas vou parando aqui, pois já é noite. Beijos, diário.

05 de maio.

Escrevo sobre eu estar fazendo a maioria das coisas com o James. Não estou reclamando, minha mãe foi comigo algumas vezes, mas queria que ela saísse comigo como fazíamos antigamente... Eu até entendo, ela é cheia de trabalho, mas sei lá, quis transcrever meus pensamentos sobre isso para essa folha de papel. Depois de um bom tempo, todos estão mais familiarizados com a ideia de assumirmos os bebês. As pessoas com quem eu convivo não me olham mais com olhares julgadores, tenho novos colegas desse novo mundo e isso tem me ajudado a ver com clareza como as coisas vão ser daqui pra frente.

Diário, eu sei que talvez a história já tenha ficado chata, por isso voltarei daqui a uns meses para te dizer como tudo tem sido. A mudança está acontecendo, lenta para alguns e

rápidas para outros, a nossa vida deu um salto no escuro, o futuro está nas nossas portas e eu me pergunto: o que eu aprendi com tudo isso? Aprendi a acreditar que ante muitas coisas, pare, pense, processe, transcreva os pensamentos, os sentimentos, a emoção de cada dia, conte para alguém próximo e sempre, não importa o quanto, mas sempre esteja presente na vida de quem mais lutou por você e que esteve ali a cada minuto da sua vida virada de cabeça para baixo. Minha vida virou de cabeça para baixo e esse é o meu novo jeito de viver. É aqui que eu fico, até alguns meses...

O pensamento na minha cabeça de ter sido um erro, o pessimismo que antes era tão sólido hoje nem existe mais, minha decisão é essa e eu percebi isso no momento que pensava sobre a frase do Olavo e do livro que eu lia na época.

ANEXO III – ISABELA COSTA DE SÁ

Querido diário, apesar de ter prometido a mim mesma escrever com frequência, não fui capaz de manter constância. Apresento uma inquietante dificuldade em me expressar e esta nada mais é que apenas uma das consequências de minha exaustão mental. Escrevo em busca de consolação e de alma fatigada, procurando entre as palavras um cândido oásis no deserto, maresia ou aurora que se assemelhem à minha fantasia. E sem meus sentidos de outrora, vivo a questionar-me: isso se trata de esperança ou apenas de desespero? Porém, percebo que, numa consolação final, temos que sentir desespero para superar dificuldades. Como dizia Nietzsche, “Viver é sofrer”.

17 de outubro de 2018

Querido diário, ontem mesmo eu estava imersa em desespero. Então, do que se trata essa felicidade repentina que mal consigo conter? A vontade crescente que tenho agora é sair gritando pelo pelos quatro cantos do mundo e tudo isso de felicidade. Acho irônico o modo como tudo pode mudar tão subitamente.

Digo logo, essa felicidade tem nome e sobrenome: Nicklaus Hayashi.

Desde que era mais nova, sempre nutri certo respeito por ele que, apesar de ser apenas um ano mais velho que eu, possuía uma maturidade e responsabilidade desconcertante para os meninos de sua idade. O modo como o dono dos olhos cor de avelã retornou depois de muito tempo conseguiu me desestruturar por completo. A última vez que o tinha visto fora na escola em 2012, e então ele teve que se mudar por conta da separação dos pais, e por muito tempo me senti muito só, mesmo continuando a nos comunicar por meio de mensagens e, às vezes, cartas. Bem acontece que quando há distância envolvida, as coisas se tornam mais complicadas, e acabamos por parar de nos falar.

Entretanto, mesmo depois de fazer tanto tempo que eu não o via, reencontrá-lo hoje por um instante foi como se o tempo não houvesse passado e continuássemos os mesmos de antigamente. Escrevendo agora, me sinto alegre, porém insegura. Tenho medo de criar uma distância entre nós, como sempre teimo em fazer com quase todos ao meu redor, ainda mais agora sob a constatação de que ele ainda faz aflorar em mim os mesmos sentimentos e sensações de outrora.

Pergunto-me se ele também sente o mesmo...

31 de outubro de 2018.

Confesso que em meio a tanta felicidade, eu havia me esquecido de escrever.

Acontece que hoje é o aniversário do Nick e eu queria preparar uma surpresa para ele; juntar algumas coisas de nossas fotos de infância, em que estivemos juntos, além de outras coisinhas.

Como já faz muito tempo que não escrevo, sinto que devo fazer um breve resumo das últimas semanas. Bem, apesar da volta repentina dele, para o meu completo êxtase, nos reaproximamos muito rapidamente. Mas a última semana não foi completamente boa, porque a Anne não estava se sentindo muito bem e, confesso, fui uma péssima melhor amiga por acabar me afastando dela com a volta do Nick, justo quando ela mais precisava...

Felizmente, logo depois nos reconciliamos, voltando completamente ao normal.

Bom, estou muito ansiosa para a festa de aniversário dele, ainda não sei que roupa vestir, pois como o Nick havia se mudado, nunca mais comemoramos o Halloween, mas agora que ele voltou, podemos retomar a tradição. Estou pensando em talvez usar um cosplay de Noiva Cadáver e ele seria o Victor, assim como deveria ter sido se ele não tivesse ido embora antes do seu aniversário de 12 anos. Isso tudo me deixa nostálgica. Enfim, espero que ele goste da surpresa.

01 de novembro de 2018.

Ainda me sinto confusa desde a noite passada. Não sei muito bem o que aconteceu, a única memória que tenho é que não se trata de um borrão, a imagem de nós dois sozinhos no quarto dele conversando e assistindo séries enquanto bebíamos vinho.

Mesmo agora estou completamente pasma por ter me deixado ser induzida pelo momento e ter exagerado na bebida. Tenho medo de ter feito algo estranho.

02 de novembro de 2018.

Desde o dia 31 ele tem me evitado. Não conversamos mais sobre aquilo e, agora, com a semana de provas, não posso me permitir distração por conta disso.

07 de novembro de 2018.

Temo que talvez os meus temores tenham se concretizado, por vezes, achei que fosse apenas mais algum de meus sonhos, porém, só agora percebo que, aos poucos, as memórias do que havia feito estão voltando em fragmentos.

Já faz uma semana que não nos falamos, a não ser com leves cumprimentos, estou cada vez mais preocupada e desesperada por não saber como lidar com ele agora.

11 de novembro de 2018.

Eu não sei o que fazer. Como pude ser tão descuidada?

Era para minha menstruação ter vindo dia 7. Estou assustada e perdida, me sinto sozinha e não posso incomodar minha amiga com mais problemas...

15 de novembro de 2018.

Fui à farmácia e comprei um teste de gravidez. Não sei o que fazer ou a quem contar. Deu positivo.

20 de novembro de 2018.

Preciso contar ao Nick de uma vez por todas, não posso continuar com isso. O que devo dizer? Nós dois estávamos embriagados! E se ele não aceitar? E se ele não me ama? O que devo fazer?

22 de novembro de 2018.

Hoje, passamos toda a tarde juntos. Ele disse que me ama e me pediu em namoro! Sinto-me tão feliz e aliviada, agora que sei que ele sente o mesmo que eu. O Nick me surpreendeu mais uma vez, com a responsabilidade que ele assumiu e com o carinho que me tratou. Disse que me apoiaria qualquer que fosse a minha decisão e que iria junto comigo contar aos meus pais. Estou muito aliviada, porém ainda preciso contar à Anne e aos meus pais também. Estou com medo de como eles podem reagir, principalmente os meus pais, já que nunca conversamos sobre algo do tipo.

23 de novembro de 2018.

Enfim contei toda a história à Anne que ficou um pouco magoada por eu não ter lhe contado antes. Ela disse que estava mesmo me sentindo um tanto pensativa e distante, e que apenas estava esperando para que me abrisse com ela. Tenho a melhor amiga que alguém poderia desejar!

Amanhã o Nick e eu contaremos tudo aos meus pais. Algo que me consola ultimamente, como uma sinfonia agridoce, é uma frase de Jean-Jacques Rousseau: “O homem nasce livre, mas está em todas as partes em cadeias”. De fato, tenho me sentido muito presa, agora é hora de desfazer-me dessas amarras e, se preciso, tomar outro rumo completamente diferente em minha vida, caso eles não me aceitem assim.

24 de novembro de 2018.

Contamos tudo aos meus pais. Meu pai escutou quieto enquanto minha mãe me dava sermões de como eu deveria ter sido mais cautelosa. Após isso, ela se trancou no quarto e apenas saiu agora a pouco, quando conversamos com mais calma. Disse que junto ao meu pai me apoiaria sempre, independentemente de qual fosse minha decisão. Finalmente pude esclarecer tudo a eles, consegui tirar um peso enorme das minhas costas, por mais que às vezes eu aja com certa insensibilidade, não ter o apoio deles provavelmente me desestabilizaria mais do que eu admito. Sabia que não era madura o suficiente, apesar de me reconhecer uma pessoa aparentemente esclarecida. “O esclarecimento é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado” (Immanuel Kant). A partir de agora preciso pensar como prosseguir. Antes, por breves momentos, pensei se deveria abortar ou ter o bebê e entregá-lo à adoção, mas sinto que nunca fui capaz de pensar conscientemente sobre isso. Acho que, independentemente do apoio dos meus pais, eu teria o bebê.

31 de dezembro de 2018.

Já faz quase dois meses desde que contamos aos meus pais sobre a gravidez. Desde então, minha barriga tem crescido cada vez mais. Hoje fomos fazer um ultrassom para descobrir o sexo do bebê e é menina! Nick e eu pensamos juntos e decidimos que o nome dela será Samantha. O Nick tem me tratado com extremos cuidados, às vezes acho até irritante.

27 de abril de 2019.

Minha barriga cresceu consideravelmente e as pessoas na rua me olham com nojo ou desaprovação. Por vezes, fiquei insegura por conta disso, mas com o apoio das pessoas que amo, não me deixo abalar, o amor deles é de suprema importância para mim.

Não me importo tanto com a opinião das pessoas. Muitas vezes, na escola, as pessoas me tratam como um fardo, por ser uma adolescente grávida, como se eu tivesse escolhido isso para minha vida.

Não me deixo mais incomodar, agora tenho a certeza de que as pessoas que amo estão ao meu lado e isso é tudo o que importa. Espero que a Samantha seja uma menina muito saudável, seu nome significa “flor que tem o nome de Deus”. E como Aristóteles, também acredito que “a felicidade é o significado e o propósito da vida, objetivo e fim da existência humana”.

A nossa pequena Samantha é, agora, o nosso propósito e a nossa felicidade.

ANEXO IV – JULIANA AKEMI TEZUKA

Como tudo começou

Em um dia qualquer, uma menina de 16 anos resolve ir a uma festa. Queria apenas esquecer seus problemas e ter um momento de diversão. Para sua surpresa, essa sou eu, mas nem sempre fui assim. Alguns anos atrás eu nem me permitia pensar em festas, porque com a minha idade só era possível estudar e construir um futuro promissor, segundo minha família.

Naquela noite, todos os meus amigos estavam nessa tal festa, cada um se divertindo do seu jeito. A música que estava tocando não era ruim e o pessoal parecia estar adorando, mas eu parecia ser a única que não estava tão feliz, ou em um momento para festas. Encontrei sentado sozinho um garoto lendo um romance, daqueles pelos quais todas as garotas são apaixonadas.

Ele me olhou e estranhou o fato de eu me sentar ao seu lado, pois naquela festa poucos pareciam cansados ou tristes. Começamos a conversar e nos tornamos amigos e, por incrível que pareça, ele era idêntico a mim, tínhamos os mesmos gostos, as mesmas opiniões, parecia até que o destino nos unira.

Quando já nos sentíamos bem próximos, eu precisei ir embora, pois existe uma questão de horário que não se é possível discutir. Como já estávamos perto da época do Natal, minha família e eu fomos viajar para nos encontrarmos com todos os nossos conhecidos. Naquele momento, eu nem lembrei do menino, pois estava animada para aquele encontro.

Após alguns dias, passando em frente a uma praça apenas para me encontrar meus amigos, me deparei com aquele menino e, por incrível que pareça, vi que as suas férias também era na mesma cidade que as minhas. Na nossa roda contamos diversas histórias até o final da tarde, como começou a escurecer o pessoal foi saindo aos poucos.

No final estávamos só ele e eu, o silêncio passava a ser constrangedor, ele tomou uma atitude me chamando para brincar num parquinho perto da praça. Nos divertimos muito, mas como já era tarde, cada um foi para seu canto. Mas trocamos nossos números e nossas experiências.

Depois de um passeio exausto em família, fui sozinha para uma igrejinha que eu considerava o cenário perfeito para relaxar e passar uns momentos a sós. Como eu estava me

afastando da rotina dos meus pais, eles começaram a focar mais em mim, agindo como se eu estivesse fazendo coisas erradas.

Naquele instante de paz me passou pela mente todas as paranoias possíveis, cada uma baseada em sensações que um dia esperava ter. Desatenta, tomei um susto enorme ao perceber que o garoto aparecia de fininho por entre as portas, ele todo quieto começou a aparecer e me questionar sobre o motivo de eu estar tão tranquila naquele ambiente.

Fiquei sem reação, pois tudo aquilo para mim era tão natural, que eu nem sabia como explicar. Respondi que como era meu último dia naquele lugar, pensei em ficar um tempo a sós. Ele se sentiu pressionado a sair, mas a chuva começou e então ficamos presos juntos por um bom tempo na igreja. Com o passar das horas, o lugar foi ficando assustador e tudo nele parecia estar criando alucinações em minha mente.

Resolvi sair e correr, mesmo na chuva, e ele me seguiu e me puxou como se notasse que eu não estava bem. Ele me encarou como se visse além do que eu mostrava, me senti fortemente conectada à sua ternura. Assim como em uma clássica cena de filme, nos beijamos em plena chuva.

Me senti preenchida por um sentimento avassalador que não conseguia nomear, tudo parecia se encaixar. Eu não queria me entregar para uma pessoa que talvez só quisesse momentos de diversão, me afastei e fui correndo para a casa onde eu estava hospedada.

Chegando em casa, recebi a notícia de que não iríamos voltar como o planejado, pois a minha tia estava doente e precisava da nossa presença. Por um instante me preocupei com os meus familiares, mas depois pensei em como eu iria encarar o garoto que deixei sem palavras, tudo estava confuso demais para mim.

Passaram-se dois dias sem que eu ao menos o visse, esses dias foram dolorosos, pois eu não sabia reagir a tudo que estava acontecendo comigo. Quando escutei o celular tocar, e era o menino me ligando para saber se eu estava bem ou se tinha acontecido algo. Pedi para que nos encontrássemos perto da praça para podermos conversar, e porque eu precisava de alguém para desabafar.

A conversa foi longa e ele nem sequer falou uma palavra, apenas me escutou e serviu de companhia. Como já estava de noite, nos deitamos em um dos bancos da praça e acabamos

dormindo, sem perceber o passar das horas. Fui acordada por um grito de espanto da minha prima.

Ela, sem qualquer tipo de cuidado, me levantou do banco e pediu uma explicação. Como estava ainda com um sono só, a encarei e pedi que ele fosse embora. Depois de alguns minutos me expliquei e ela aceitou meus argumentos.

Na noite em que finalmente voltaríamos à nossa rotina de sempre, combinei de me encontrar pela última vez com o menino, pois esperava poder manter contato. Estávamos em um ambiente à luz de velas, sabia que naquele momento aconteceria algo. Sem muitos detalhes, foi uma noite especial, aconteceu o que para alguns é amor e para outros é o simples fato de se relacionar e se divertir. Foi o famoso sexo.

Com relação a essa experiência, apenas me entreguei ao momento, não tentei comparar a nenhuma outra história que já tinha escutado. Senti que não estava adiantada e nem atrasada, mas na ocasião ideal. Quanto às precauções, garanto que tudo ocorreu da forma mais segura que podíamos imaginar.

Com tudo o que estava acontecendo, me senti pressionada a me comprometer com o meu futuro e começar a me dedicar aos estudos. As férias se foram e sobrou apenas a saudade. Tive uma conversa com minha mãe sobre a noite inesquecível da minha vida, e ela realmente ficou assustada, pois me achava muito nova para isso.

Ela não podia mais evitar o que já estava feito, então apenas me aconselhou com os cuidados, por exemplo, a pílula do dia seguinte e o famoso sermão sobre as DST's. Não me senti confortável o suficiente para contar ao meu pai, porque já previa sua reação. Talvez minha mãe o fizesse, mas não estava preparada para a troca de olhares, em que aquela ingenuidade e inocência não eram mais perceptíveis.

Aquela imagem de menina doce, criança, iria desaparecer e, no fundo, era o que eu menos queria. Obviamente, não é do meu desejo ser tratada como frágil e indefesa, mas eu sentia que precisava da proteção dele.

Apesar de tudo estar voltando ao normal, me parecia estranho não ter mais o rosto amigável do menino, que nem namorado e nem meu prometido era. Para minha surpresa, eu que sempre dizia que não teria relações antes do casamento, me deitei com um garoto que

nem em namoro me pediu. O nosso contato imediato foi tão intenso que não me preocupei em nada mais do que me libertar e ser feliz.

A verdade é revelada

O ensino médio sugava toda a minha energia, sair com os amigos nem era uma opção. Tantos trabalhos e provas que eu me perdia em datas, mas não me esqueci da promessa em me comprometer com os estudos. Enfim, tudo parecia perfeito diante dos olhares do meus pais, pois estava sempre em casa, no quarto, estudando.

Certo dia, pela manhã, eu acordei com um enjoo tão forte que até cogitei na ideia de estar grávida, mas logo me distanciei disso. Minha mãe estranhou, pois eu tinha um apetite muito bom e naqueles dias nem vontade de comer doces eu tinha. A minha menstruação como sempre atrasava e era um ciclo desregulado.

O barulho da chuva em minha janela me assustou. Sem saber como iniciar o meu dia, apenas parei e senti o cheiro e o som das gotículas caindo em um ritmo constante. Olhei-me no espelho e percebi uma mudança na minha postura, como se minha coluna estivesse inclinada e minha barriga um pouco pesada.

Liguei tudo ao fato da minha postura ultimamente não estar muito boa e ao inchaço pré-menstrual. Estava chegando o dia da minha consulta de rotina com o médico, minha mãe, principalmente, estava ansiosa para isso, por conta da minha mudança de comportamento.

Como estava exausta, decidi tomar uma xícara de chá antes de dormir, só para me acalmar. Tomei e fui descansar. Com um susto, acordei com sangue ao meu redor e dores na barriga, chamei minha mãe em desespero, pensando ser algum corte. Ela às pressas ligou para uma ambulância e me levou ao hospital.

Deitada na maca, eu pensei que iria morrer a qualquer momento, e as dores só aumentavam. Quando o médico terminou de me examinar e o sangramento parou, minha mãe estava em choque e precisou descansar, ela até desmaiara. O médico me disse que tudo estava bem e conseguiram salvar a criança.

Eu perguntei em relação à criança, se era mesmo ao meu caso que ele estava se referindo. Com uma feição de incompreensão, ele me relatou que eu estava à espera de um

bebê. Naquele momento meu mundo desabou, milhares de preocupações passaram pela minha cabeça, como eu iria criar uma criança agora?

No mesmo segundo me veio à mente um ensinamento do grande filósofo Immanuel Kant: “Toda reforma interior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço”. Pensei que precisava me concentrar no meu bem-estar e na minha saúde antes de qualquer outra coisa.

Minha mãe, após receber a notícia, se manteve no seu estresse habitual, conseguia escutar do meu quarto seus gritos de desespero e desgosto. Já não sabia mais o que fazer, como contaria ao meu pai e como conseguiria encontrar o garoto e lhe informar sobre esse acontecimento inesperado.

Confesso que pensei em abortar nos primeiros momentos, mas logo pensei que estava gerando uma vida, não seria egoísta a ponto de pensar apenas em mim nesta situação. Desesperei-me como qualquer adolescente que descobre algo novo sem estar esperando o fato.

Senti-me sozinha, minha mãe não sabia como me consolar e estava com vergonha de contar aos meus amigos, pois em rodas de conversa isso era motivo de piada. Tentava disfarçar, esconder de mim mesma qualquer tipo de emoção, tão insegura de mim mesma, essa expressão com certeza me definia naquela hora.

O momento mais difícil

Bom, depois de muito prolongar, precisava contar para alguma de minhas amigas, talvez elas entendessem as minhas escolhas. Chamei a minha amiga mais próxima para uma festa do pijama em casa, sem mencionar o porquê. No início ela me achou estranha, além de muito pálida, pois não era muito comum me ver triste pelos cantos.

Para o meu alívio, meu pai ainda não sabia, minha mãe estava esperando eu tomar a iniciativa de contar, já que nem ela queria aceitar que isso estava acontecendo. Entramos no quarto, minha amiga e eu, e quando ela começou a falar das férias e eu comecei a chorar, precisei revelar tudo na hora. Ela também chorou e disse que não importava o que se passasse, ela sempre me apoiaria em qualquer decisão.

Conversamos a noite inteira, até que ela me disse que agora sim eu iria ser mais responsável, um ponto positivo. O disfarce caía aos poucos, como se eu estivesse saindo da menoridade, deixando de ser guiada por alheios e formando a minha opinião, ousando sair da área de conforto e buscando o conhecimento.

Como em uma armadilha do destino, meu pai escutou o que falávamos e ficou sem expressão, ele me questionou sobre que tipo de pegadinha era aquela, eu não estava preparada para ser confrontada pelo meu pai. Minha amiga percebeu que a conversa estava séria e foi embora. Ele quebrou metade da casa, não entendia se o motivo era eu estar grávida ou não ter contado a ele antes.

Apenas consenti, sabia que estava errada, não queria discutir. Ele brigou tanto comigo que até pensei que iria desmaiar, no final da conversa ele, sentindo-se culpado pelo que aconteceu, só disse que cuidaria de tudo para que esse erro não atrapalhasse meu futuro. Eu simplesmente assustada disse que não iria abortar, então como em um veredito ele me informou que não me iria ver arruinando a minha vida.

Com essa frase, ele basicamente me disse para sair de casa, minha mãe não concordou, tentou me proteger, mas não adiantou. Ela me levou à casa da minha avó, pois sabia que depois de refletir meu pai me ajudaria a enfrentar esse obstáculo. O que para mim foi complicado, contar para o resto da minha família e assim perder a minha privacidade.

Para minha surpresa, eles só queriam me passar conforto e tranquilidade, não disseram nada para me fazer sentir mais culpada do que já sentia. Mas como nada é tão simples, escutava sussurros de fofocas da questão de quem era o pai, como eu me deixei levar por uma noite, como eu não me protegi o suficiente, tudo isso e a minha consciência.

Passaram-se três dias e meu pai não voltou da sua decisão, se fechou mais ainda, não queria nem falar com a minha mãe. Eu estava perdida, não tinha mais a minha base que eram meus pais e precisava me explicar por não estar indo às aulas. Essa parte foi a mais fácil dentre todas, só falei com os diretores da escola, não me importava em ouvir o que meus colegas tinham a dizer, pois o pior já havia escutado do meu pai.

Desisti de alguns de meus sonhos, porém eu ainda poderia continuar os meus estudos após a gestação, minha família me auxiliaria em todas as questões. A parte mais complicada

era encontrar o pai do meu filho, sabendo que ele poderia não querer a criança. Disquei o seu número e caiu na caixa postal, mandava mensagens e nada.

Resolvi entrar em contato com seus pais. O pior estava por vir: descobri que ele havia sofrido um acidente de carro na sua volta das férias e seus pais desistiram do seu tratamento por ser muito caro. Resumindo, ele morreu, não tinha mais o que fazer, apenas chorei e me senti tão prejudicada como se Deus estivesse me castigando.

Contei a todos, meu pai sabendo disso quis me acolher o mais rápido possível, perdi o pai do meu filho, mas ganhei o respeito do meu pai, talvez não fosse a troca mais feliz da minha vida, mas na minha situação era mais uma chance. Eu passei a depositar toda a minha dedicação nos meus pais e no meu bebê, o apoio que eu nunca esperaria deles me sustentou.

A sociedade e eu

Eu me afastei da igreja durante anos, não me sentia feliz e confiante sendo obrigada a ir. Conheci uma igreja que me aceitou e me cuidou, me fez ver Deus como um pai protetor e sábio. No fundo, eu precisava ser preenchida de amor e esperança e, naquele grupo, fui com o coração aberto à mudanças, pois todos também tinham seus próprios defeitos.

E justamente naquela igreja haveria uma discussão sobre gravidez na adolescência, eu como uma prova viva decidi comparecer. Em meio a tantos depoimentos falei o meu, que no começo, foi surpresa para maioria das pessoas, pois o pior sempre acontecia, chegando a ser comparado a um filme de tragédia.

Relatei que pensei em abortar, mas essa ideia ficou para trás quando, ao meu redor, percebi que se encontravam pessoas que me apoiavam e queriam o meu bem. Afinal, iria contra meus princípios e, mesmo com a pressão do meu pai, eu não podia acabar com uma vida inocente que não teve a oportunidade de escolher, sendo que era o que eu mais almejava: tomar minhas próprias decisões.

Com todos os sonhos que eu tinha, meu filho se tornou o principal. Cuidar dele e sentir o seu amor e carinho por mim era tudo que me fazia continuar e não desistir da vida. “A melhor de todas as maravilhas não é o conquistador do mundo, mas o dominador de si próprio” (Arthur Schopenhauer). Essa frase me definiu! Ter conseguido superar tudo que me aconteceu e ter forças para seguir com os inúmeros desafios que estavam à frente era a maravilha que me trouxe a realidade da superação.

Essa gravidez pode ter muitos pontos negativos, mas me ensinou a pensar sozinha e ser responsável pelas minhas atitudes, ter coragem de me reerguer e admitir que fiz, como superar as dificuldades, nunca desistir, um clichê que funcionou nos momentos mais difíceis.

Poder encarar o seu eu, sentir que está no mesmo ritmo de seus pensamentos, isso talvez eu não sentisse se não fosse colocada à prova. Pensei que chegaria com um final triste, pois este não é um conto de fadas, mas é a realidade me acordando para viver. Sem deixar de mencionar o poder divino e o poder da família nesses momentos me amparando.

ANEXO V – LENKA AYANO

Campo Grande, 01 de novembro de 2018.

Dois dias atrás eu completei dois anos de namoro com o meu namorado, Yuuki Haru, temos apenas dois anos de diferença, e ele é também o meu amigo de infância. Por isso, fomos comemorar na casa dele, onde nos divertimos bastante... acho. Não me lembro do que aconteceu naquela noite. Apenas, pequenas memórias. Isso aconteceu, creio eu, pelo fato de eu ter ficado completamente bêbada nesse dia. Talvez você não acredite, mas eu fui experimentar pela primeira vez a famosa bebida alcoólica. Por incrível que pareça, o Haru também nunca havia tomado bebida alcoólica. E, provavelmente você não acreditará novamente, ele e eu ficamos embriagados com apenas uma lata de cerveja. Tínhamos prometido que tomaríamos apenas uma lata, porém, não me recordo bem, penso que depois disso bebemos mais e mais, talvez por estarmos ébrios. Acho que não éramos do ramo da bebida. Depois da bebedeira não me recordo de mais nada. Espero que não tenha feito nada de estranho.

Campo Grande, 02 de novembro de 2018.

Hoje, por curiosidade, fui perguntar ao Haru o que havia acontecido naquele dia. Ele não quis me contar o que tinha acontecido e, pelo que percebi, estava tentando fugir do assunto. Estranhei, porém não questionei mais, pois o Yuuki é uma pessoa que se preocupa muito comigo, e se tivesse algo ele me contaria.

Campo Grande, 17 de novembro de 2018.

Por algum motivo, esses dias, eu estou me sentindo muito pesada e com fadiga. Algumas vezes, estou tendo enjoos e tonturas, sintomas que não são comuns para mim.

Campo Grande, 26 de novembro de 2018.

Pensei que se passassem mais alguns dias os sintomas iriam sumir, no entanto, isso não aconteceu. Por isso, fui pesquisar na internet o motivo e os resultados me deixaram completamente pasma. Todos eles eram sinais de gravidez. E, ainda por cima, a minha menstruação estava bastante atrasada. Mas, isso era impossível, não me recordava de ter feito relação sexual. Foi o que tinha pensado no começo, até lembrar aquela noite: o dia em que eu

passsei dos limites na arte da cachaça. Fazia sentido o Haru estar estranho comigo também, apesar dele estar conversando comigo normalmente agora.

Campo Grande, 02 de dezembro de 2018.

Decidi que não devo tomar conclusões precipitadas, por isso comprei o teste caseiro de gravidez na farmácia que fica perto da minha casa. Logicamente, fui testar rapidamente e o resultado apareceu depois de 3 minutos. Vendo aquilo fiquei completamente pasma e desesperada. As duas linhas, ou seja, resultado positivo, confirmando a gravidez! Vai ser com certeza o começo do meu sofrimento.

Campo Grande, 05 de dezembro de 2018.

Desde que descobri que havia uma vida se desenvolvendo dentro do meu útero, não estou conseguindo dormir bem. Estou chorando por não saber como contar ou se conto para o Yuuki isso. Eu quero confirmar o que realmente aconteceu, porém, a coragem brinca de esconde-esconde e não quer aparecer. Na realidade, estou preocupada com o bebê que está crescendo dentro de mim. O que devo fazer?

Campo Grande, 10 de dezembro de 2018.

Hoje, a minha melhor amiga, Isadora Akemi, percebeu que eu estava com algum problema e veio conversar comigo. Ela é a única pessoa em quem confio e consigo me abrir sem nenhum problema, então contei tudo a ela. A Isa percebeu o quanto eu estava apavorada, por isso recomendou, na verdade, mandou confessar tudo ao Haru. O Yuuki se afastar de mim por causa disso era o meu maior medo. Amo-o demais para conseguir aguentar isso. Talvez ele esteja escondendo os acontecimentos daquele dia por não querer mais se envolver comigo. A culpa também é minha, por ter me descuidado. Todos os pensamentos negativos que existem no mundo passaram pela minha mente.

Apesar de eu não gostar de abraços, a Akemi me envolveu com seus braços finos e delicados, me apertando forte para me confortar e me dar forças. Esse contato dela comigo sinceramente me acalmou, e eu gostei muito. O toque dela parecia estar me transmitindo uma mensagem: "Vai ficar tudo bem, eu sempre estarei com você, não importa o que aconteça". Para agradecer ela, vou agir como ela me aconselhou. Vou falar ao Haru.

Campo Grande, 11 de dezembro de 2018.

Mandei mensagem para o Yuuki e marquei um encontro. Pedi para ele me encontrar, pois precisava revelar uma coisa muito importante. O local de encontro é num parque perto da minha casa no dia 15, às 18 horas e 30 minutos. O motivo de eu ter marcado para quatro dias depois é para eu arrumar coragem até lá.

Campo Grande, 15 de dezembro de 2018.

Hoje foi o grande momento da revelação. Após a aula fui ao parque, porém o Haru ainda não estava presente. Nesses poucos minutos de espera pensei em como falar, imaginei a reação dele, entre várias outras coisas. Neste instante, ouvi a voz de alguém me chamar. Olhei para o lado de onde vinha a voz e vi o Yuuki correndo em minha direção, acenando. O meu coração batia acelerado com ele diante de mim. Só de imaginar que, com as palavras que iriam sair de minha boca, faria o Yuuki se afastar de mim era um sofrimento imenso. Quando ele chegou bem em minha frente, pelo que me lembro, disse:

– O que você quer me dizer? – falou com um ar de curiosidade e preocupação ao mesmo tempo.

Lágrimas caíram sobre o meu rosto, me impedindo de falar algo.

– O que...

– Eu estou grávida! – anunciei antes de ele terminar a fala.

Por alguns segundos, ficou um silêncio desconfortável. Não conseguia levantar o meu rosto para olhar o dele. Queria fugir e foi o que fiz. Virei-me para sair correndo, porém, o Haru segurou o meu punho, fazendo-me virar para ele. O que ele fez logo depois foi o que me surpreendeu.

Campo Grande, 17 de dezembro de 2018.

Desde que eu revelei sobre a minha gravidez ao Yuuki, ele está bem mais gentil e cuidadoso, apesar de ele sempre ser assim, agora ele está muito mais. Eu tinha me esquecido de contar, o que o Yuuki fez logo em seguida, então escreverei agora para você.

O Haru segurou o meu pulso naquele dia, fazendo-me virar. Nesse momento ele me abraçou. Fiquei surpresa com o ato. Os braços deles me envolviam de uma forma muito

calorosa, o que me deixava muito confortável. Após alguns minutos, o Yuuki me soltou e olhou para os meus olhos. Entretanto, logo em seguida desviou o olhar para baixo, dizendo:

– Sinto muito... – Disse com uma voz trêmula.

– O que? – Indaguei, estranhando.

– Eu... devia ter prestado mais atenção. Nunca ia imaginar que ia ficar bêbado daquele jeito e não conseguir controlar as minhas próprias ações. Acho que eu me aproveitei do momento para realizar as minhas vontades. Na verdade, nem eu lembro direito do que aconteceu na celebração, mas me recordo de algumas coisas. O meu amor por você é tão grande que não ousava tocar muito em você, senão talvez não aguentasse. Porém, a bebida me fez perder totalmente a noção do que eu estava fazendo. No dia seguinte, me toquei do que tinha acontecido e me preocupei com você. Sinto muito mesmo. Estava orando para que nada acontecesse, mas pelo jeito não deu certo. Ainda não acredito que arruinei a sua adolescência. Você deve estar desesperada e com muito medo. Eu sinto muito...

– Não precisa dizer mais nada – O interrompi, peguei sua mão e levei à minha barriga.

– Você quer o bebê?

– Mas...

– Você lembra? O dia em que você me pediu em namoro e eu aceitei? Você começou a chorar e a me agradecer. A sua família morreu em um acidente de carro, então você esteve sozinho desde criança. Ainda que seja cedo, eu queria ter um filho com você. Realizar o seu sonho de ter uma família. – Disse olhando em seus olhos.

O Yuuki olhou para mim surpreso e derramou lágrimas.

– Obrigado... Obrigado mesmo...

– Desde o dia em que você me pediu em namoro não vejo você derramar lágrimas. Fica muito fofo. Mas você sorrindo fica mais ainda. - exclamei, rindo da minha própria fala.

– Eu vou fazer você e a criança muito felizes eu juro! – Falou ele, dessa vez olhando para mim.

E foi isso que aconteceu. O Haru aceitou o bebê e eu realmente fiquei muito feliz.

Campo Grande, 05 de janeiro de 2019.

Fui ao ginecologista, ele me receitou alguns compostos vitamínicos e me alertou para tomar cuidado com a minha alimentação.

Campo Grande, 10 de janeiro de 2019.

Já se passaram mais ou menos dois meses desde que engravidei. E, com o passar do tempo, sinto-me bem mais cansada e meus seios parecem que cresceram. Por causa disso, meus pais estavam preocupados comigo. Percebi então que eu devia revelar a eles.

Campo Grande, 17 de janeiro de 2019.

Decidi contar hoje aos meus pais. Não chamei o Yuuki, pois talvez eles não aceitem e briguem com ele. Chamei ambos para a sala de estar, e, sinceramente não foi nada agradável. Com toda a coragem que tinha naquele momento, revelei. A reação de meu pai foi o que me deixou aborrecida e muito triste. Minha mãe e, principalmente, meu pai são pessoas que se preocupam bastante comigo e me apoiam, porém, dessa vez meu pai foi totalmente contra a minha decisão. A minha mãe me deu conselhos, aceitando a minha escolha, enquanto meu pai brigou muito comigo, elevando a voz, isso significava que ele realmente estava furioso, dizendo:

– Eu não acredito que você se descuidou assim! Além disso, você não tem idade para beber! – gritava meu pai comigo.

– Mas eu... – antes mesmo de concluir minha fala, meu pai continuava o seu discurso.

– Além disso, e o seu namorado? Qual o problema dele? Ele não sabe que você ainda é menor de idade? Termine com esse cara agora! Não quero nunca mais ver esse idiota!

– Para de falar mal dele! – disse com a voz firme e um pouco elevada.

– Você vai abortar essa criança!

– Não! – repliquei.

– Esse bebê só vai arruinar sua adolescência! Você ainda nem terminou o ensino médio! – contestava ele.

– PAPAI!

– Não quero ouvir reclamações! Obedeça! Você vai abortar!

– Eu já disse que não irei! – respondi, elevando bem mais o tom.

Após alegar isso, retirei-me do local e me tranquei em meu quarto. Deitei em minha cama e afundei todas as minhas mágoas no meu travesseiro. O fato de meu próprio pai não aprovar foi uma das coisas mais dolorosas. Como o Jean-Jacques Rousseau disse “O homem nasce livre, mas está em todas as partes em cadeias”, realmente estou me sentindo presa, mas nesse momento, também decidi seguir um conselho do próprio Rousseau: “Saia da tua infância, amigo, acorda!” E eu decido ser responsável por minhas próprias ações.

Campo Grande, 25 de fevereiro de 2019.

Desde que confessei aos meus pais sobre a gravidez, a tensão entre meu pai e eu ficou muita alta. Estar no mesmo local que ele realmente está sendo muito desconfortável e triste. A minha barriga está um pouco maior e ganhei peso. Além disso, o meu enjoo e a náusea começaram a diminuir.

Fui ao médico junto com o Haru e disseram que o bebê estava bem e saudável, o que nos aliviou. No quarto mês já é possível saber o sexo, então pedimos para saber. Ficamos muito ansiosos durante a ecografia. Dava para ver o nosso bebê e realmente fiquei emocionada ao vê-lo bem, até mexendo as mãos pequeninas. Ao passar alguns minutos, a médica revelou:

– É uma menina! – disse, com entusiasmo.

Eu e o Yuuki nos entreolhamos com um sorriso imenso nos nossos rostos. A felicidade era tão grande que eu queria dar um grito de alegria. É uma menina!

Campo Grande, 02 de março de 2019.

Faz cinco meses desde que eu soube que estava grávida. Não escolhemos ainda o nome dela, mas estamos pensando desde já. Meu pai até agora não aceitou e minha mãe me dá

conselhos e dicas. A minha melhor amiga, Isadora, está sempre comigo e me alegrando, como sempre. As pessoas em volta de mim, olham para a minha barriga e, alguns, me olham com cara de desgosto. Com certeza pensando “Ela tá grávida com essa idade?”. Bom, não me importo. Eles não sabem o que aconteceu e nem tenho vontade de explicar. Acho que, por causa da gestação, também me sinto mais irritada ultimamente. Às vezes, eu sinto a minha filha se mexer dentro de mim, chutando. E isso me deixa muito feliz, pois quer dizer que ela está bem.

Campo Grande, 14 de abril de 2019.

Hoje o Yuuki veio conversar comigo. Como sempre, ele perguntou se eu estava bem, solicitou para que eu não esforçasse muito, entre outras coisas. Logo depois, anunciou que começaria a trabalhar para economizar dinheiro para nos sustentar. Concordei e pedi para não se empenhar demais, cuidar do seu corpo e de sua saúde. O Haru assentiu com a cabeça. Ele disse que trabalharia na construção civil. Fiquei com muito medo, pois pode acontecer algum acidente como cair um material. Espero que nada de ruim aconteça.

Campo Grande, 04 de maio de 2019.

Sinto-me bem mais cansada e tenho um sono perturbado. Provavelmente, devido à barriga, grande demais para encontrar uma posição confortável na cama, e também por acordar muito cedo porque o bebê está se mexendo. Fofó também era o Yuuki, que acariciava a minha barriga e conversava com a nossa bebê. Ela reagia algumas vezes com chutes, e isso era incrível e encantador.

Todos os dias, contava a ela histórias sobre o meu dia, sobre coisas sobre a vida etc. Isso tudo, claro, com carinhos. Nesse contato parecia que eu realmente estava tocando nela, é muito confortável.

Campo Grande, 11 de maio de 2019.

Esses dias, eu estou preocupada com o Yuuki, pois ele parece estar muito cansado. Apesar disso, o Haru continua sendo atencioso comigo, fazendo-me carinhos e massagens em mim. Claro, eu retribuo igualmente, afagando seus cabelos de fios negros e macios como um algodão. Estou perturbada por ele parecer tão exausto assim.

Campo Grande, 20 de maio de 2019.

Eu... simplesmente quero morrer. Não quero mais viver. Eu o perdi! Ele não está mais aqui comigo. Não consigo acreditar. O meu coração parece que vai se rasgar de dor. Ele morreu! De acordo com quem viu a cena, o Yuuki estava atravessando a rua, quando um carro o atropelou. A pessoa o deixou lá e simplesmente fugiu, sem nem chamar a ambulância. Segundo os médicos, o Haru encontrava-se muito cansado, por isso não conseguiu reagir. Quando o Yuuki chegou ao hospital não tinha mais salvação. A minha tristeza é tão grande que eu apenas chorei. Eu estou sentindo um vazio imenso, algo incapaz de suportar, como se parte de mim tivesse morrido.

Campo Grande, 25 de maio de 2019.

Desde a morte do Yuuki não vou mais à escola e nem saio do quarto. Fico o dia inteiro trancada, apenas deitada na cama. Não estou comendo e nem dormindo de forma saudável. A dor e o sofrimento são tão grandes que não sinto vontade de fazer nada. Os meus pais batem em minha porta todo dia para conversar, porém eu nem respondo. Quero morrer.

Campo Grande, 29 de maio de 2019.

Raiva... Ódio... Rancor... Raiva... Raiva... Raiva... Raiva... Raiva... Raiva... A culpa é de quem pela morte do Yuu? Por que ele morreu? Alguém o matou. Alguém o assassinou. A culpa é minha? Eu deveria ter conhecido ele? Se eu não o conhecesse isso não teria acontecido. Sim, a culpa é minha. Mas também é culpa de outra pessoa. A culpa... é da criança... se ela não existisse... não teria ocorrido isso... ela... é um demônio...

Campo Grande, 08 de junho de 2019.

Eu não quero mais essa criança... ela tirou a vida do amor da minha vida. Para que você foi existir...? Por que eu fui nascer? Acho que eu quero sumir daqui. Quero que meu coração pare de bater e o dela também. Parar de respirar...

Campo Grande, 17 de junho de 2019.

Parei de comer e prestar atenção em minha saúde. Não ligava mais para minha vida, muito menos para a da criança. Não me importava se eu morresse ou se ela falecesse. No meio desses pensamentos contínuos, alguém bateu em minha porta. Claro, como sempre, imaginei que fossem meus pais, logo ignorei. Porém, dessa vez o ser não parava de bater, batia a mais de quinze minutos. Irritei-me, abri e fiquei surpresa ao ver quem era. A Isadora.

Ela entrou e me abraçou, com os olhos repletos de lágrimas. Não sabia como reagir. Apenas fiquei paralisada no momento.

– Sinto muito... Sinto muito... Sinto muito... – dizia ela, ainda agarrada em mim.

– Por que está se desculpando? Por que está aqui?

– Eu... não sabia que ele havia falecido. Estava me perguntando o motivo pelo qual você começou a faltar. Pensei que era por causa da gravidez, mas pelo jeito não era... Desculpe-me por não ter percebido. Desculpe-me por te deixar sofrer sozinha.

– Não tem problema... não me importo com mais nada...nem com minha própria filha... se bem que... ela não é minha filha...

– O que você está dizendo?! Ela é a sua filha! O que aconteceu com você? – indagou a Akemi, olhando em meus olhos.

– Não é. Ela é um demônio. – disse, desviando o olhar.

– Len... você...

Nesse momento ela se afastou de mim, me soltando.

– Daqui a uma semana eu quero que você vá à casa do Yuuki.

– Yuu... ki? - comecei a chorar ouvindo tal nome.

– Vou lhe mostrar um negócio. Nós iremos juntas. Mas para eu lhe mostrar, prometa-me que irá cuidar da sua saúde. Dá para perceber que você não está fazendo isso.

– É do Yuuki? – questionei.

– Sim.

– Então, farei.

Após dizer isso, ela se retirou de minha casa.

Campo Grande, 24 de junho de 2019.

Hoje foi o dia em que me dirigi à casa do Haru, junto com a Isadora. Adentramos em seu quarto e fiquei com uma vontade imensa de chorar. Observei tudo e me veio uma nostalgia de quando eu havia estado ali. Nesse instante, fixei meu olhar em uma foto que havia na mesa. Peguei-a e era uma foto nossa juntos. Não consegui mais segurar as minhas lágrimas. Simplesmente começaram a descer pelo meu rosto.

– Len. Eu quero que você veja... – ela estendeu um caderno de anotação em minha direção – isto.

– O que... – peguei de sua mão – é isso?

– Veja.

Abri lentamente a caderneta, folhee uma por uma à procura de algo. Apenas tinha coisas escritas sobre o calendário dele. Estava prestes a perguntar o motivo de ela ter me ordenado a olhar isso quando um pequeno papel caiu dele. Ajoelhei-me e peguei. Olhei o que estava escrito e me surpreendi. Lágrimas e lágrimas desceram sobre as minhas bochechas.

“Minha namorada e amor da minha vida se chama Lenka, nome que significa flor de lótus, simboliza elegância, beleza, perfeição, pureza e graça. Sayuri significa pequeno lírio. O nome reflete atributos de delicadeza e de beleza, flor que simboliza pureza e inocência. Um nome ideal e perfeito pra ela. O meu, Haru, quer dizer, sol, primavera. A primavera é um período em que a natureza fica bela, presenteando o ser humano com flores coloridas e perfumadas. Espero que eu seja o sol que iluminará a vida delas, como as flores na primavera, fazendo-as florescer alegres, coloridas e belas”.

Lendo tais palavras, a alegria e a emoção me fizeram perder completamente todas as minhas forças. Não conseguia proferir nada, apenas chorava. Eu estava me sentindo completamente idiota. O peso na consciência era muito grande. Por causa da raiva havia me esquecido completamente dos nossos desejos. Sim, nós queríamos formar uma família. E eu estava prestes a destruir o sonho dele.

– Percebeu agora, Len? Apesar de o Yuuki não estar mais entre nós, você tem a Sayuri agora. A única que possui a união da sua linhagem sanguínea e a dele. Não desista. Você ainda tem mais coisas pela frente. Viva por ele e por ela. Realize o desejo dele. Claro, a pior dor que alguém pode viver é ver algum ente amado partir. A impotência diante da morte é o que nos faz lembrar que somos humanos, e nos darmos conta de como a vida é frágil.

Apesar do sofrimento, é preciso lidar com a morte com força e coragem. É preciso pensar que, embora essa pessoa querida não esteja mais entre nós, o amor nunca vai embora. O amor e as boas memórias sempre ficam depois da morte. Viva o seu luto, chore, sofra. Mas saiba que você não estará sozinha nunca em sua dor. Olhe para o céu e tenha a certeza de que há uma estrela lá em cima brilhando e iluminando cada um dos seus passos. Quando toda essa dor passar, vai ficar apenas a saudade de quem se foi. Essa saudade vai sempre fazer o seu peito apertar, mas a memória que se mantém viva em seu coração vai lhe dar forças para volta a sorrir. Siga em frente e viva a sua vida com paz e felicidade. Todo mundo tem uma missão e precisa seguir o seu próprio caminho, para que possa se tornar também uma estrela na grandeza do céu e na infinitude da eternidade.

As palavras da Isa seguraram com força o meu coração e não soltaram. Eu abracei com força a Akemi agradecendo. Ela me abraçou de volta.

– Depois de saber da morte dele eu vim aqui para pegar as coisas e te dar, aí eu encontrei isso. Precisava lhe mostrar o quanto o seu namorado era incrível.

– Obrigada, Isa! Muito obrigada! - disse chorando.

– Não me agradeça, Len. Como dizia Pitágoras: “Os amigos são como companheiros, eles devem ajudar uns aos outros a perseverar no caminho para uma vida mais feliz”.

E foi isso que aconteceu. Decidi que eu realmente quero a Sayuri. A minha vida é a minha filha, Sayuri.

Campo Grande, 01 de julho de 2019.

Daqui a alguns dias a Sayuri virá ao nosso mundo. Estou com medo de algo dar errado, estou nervosa, mas eu oro para que dê tudo certo. Desde aquele dia, cuido muito bem de minha saúde, para o meu bem e para o da minha filha também. O meu pai veio conversar comigo e disse que aprova a gravidez. A minha mãe me deu conselhos e me encorajou sobre o parto. A minha felicidade foi crescendo com o passar dos dias.

Campo Grande, 20 de julho.

Sayuri nasceu! Uma pequena e linda menina com cabelos negros e olhos castanhos. O parto doeu muito, mas a alegria logo em seguida foi bem maior. Ela nasceu saudável e

forte. É a nossa menina, Haru! Eu realizei os nossos sonhos. De acordo com Aristóteles, “A felicidade é o significado e o propósito da vida, o objetivo e fim da existência humana”.

Ainda carrego a culpa no peito, ela não pode ser apagada, toda vez que me deito, me lembro de você e do meu pecado. Eu irei cuidar muito bem dela e amá-la tanto quanto amei você. Como Stephen Hawking disse, “Eu não tenho medo da morte, mas não tenho pressa para morrer. Tenho muito o que fazer”. Você pode ter morrido, mas o seu amor não morreu dentro de mim! Sabe, “O amor é de todas as paixões a mais forte, atacando simultaneamente, a cabeça, o coração e os sentidos”, esse é um pensamento de Lao Tzu. Eu sei que, apesar de eu não poder te ver, você sempre estará comigo e com a Sayuri, nos vendo crescer. Tudo que eu disse você já sabe, e creio eu que está cansado de ouvir, enjoado das mesmas palavras de sempre. Essa pele macia que, ao tocar em mim, faz meu peito estremecer, esses braços que me envolvem e me protegem do mundo, que não deixam que nada de ruim aconteça comigo, esses pés que me guiam por onde quer que eu vá, e que eu sei que sempre vão estar ali para me guiar quando eu não souber qual caminho seguir.

Você foi um namorado perfeito, não tenho dúvida nenhuma em relação a isso, você sim, soube cuidar de mim, soube me deixar tranquila quando tudo caiu ao meu redor, me protegeu de tudo e de todos, não deixou que nada de ruim acontecesse, não deixou que ninguém fizesse maldade comigo e me ensinou também a não deixar que ninguém faça, agora que não tenho você para me proteger.

Obrigada por ter me aceitado na sua vida, por ter aberto uma portinha para mim no seu coração, por me ter deixado tomar conta de você, por me perdoar várias vezes, por ser quem é, por cuidar de mim melhor do que qualquer pessoa, por estar sempre do meu lado, enxugar minhas lágrimas e não deixá-las cair, por me deixar ser quem eu sou sem precisar mudar meu jeito, por me amar mais do que qualquer coisa do mundo...

Meus sentimentos por você são os mais sinceros e verdadeiros, sentimentos que nenhum outro ser humano conseguirá sentir. Eu nunca irei te trocar, eu não quero cometer erros com você e nem vou, não quero te magoar e nem fazer você sofrer. Queria sempre te deixar feliz, te fazer rir, te dar beijos de surpresa, te roubar beijos, te surpreender várias vezes e ser feliz para sempre com você.

Eu te amo mais do que você pensa. E, Haru, você disse que esperava ser a luz que faria a gente florescer. Você, com certeza, será o sol que nos fará florescer belas e fortes.

ANEXO VI – LETÍCIA SILVA DOS SANTOS

07 de dezembro de 2017.

Bom dia, Diário.

Parece estranho apresentar-me para você, porque no ciclo natural das coisas eu deveria estar acostumada a escrever aqui, mas nunca senti essa obstinada vontade. Pois, mesmo que eu tenha uma intensa necessidade de falar sobre o que estou sentindo para algo/alguém, considero-me privilegiada por ter amigos maravilhosos, poucos mas ótimos, que nunca hesitaram em ouvir minhas lamúrias e, pelo contrário, sempre estiveram de prontidão para me ajudar, partilhar comigo suas façanhas e segredos. E, por isso, não sentia a necessidade de escrever minhas histórias em um diário, tinha tudo o que precisava. Mas, mesmo que eles sejam compreensíveis e nunca tenham me julgado por nada que fiz, acho que os últimos acontecimentos fariam com que eles se decepcionassem comigo, e prefiro privar-me dessa consequência. Mas para não me calar, resolvi escrever neste diário, já que como Martin Luther King, acredito que “o que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons”, e por isso, eu não posso me calar.

09 de dezembro de 2017.

Boa noite, Diário.

Hoje passei a refletir sobre minha vida, sempre fui “certinha”, assim como meus amigos são. De fato, repugnavam-me atos “adultos” entre adolescentes da minha idade, eu pensava: “Eles são jovens demais para fazer essas coisas, desse jeito”. Pois bem, desde sempre achei muito perigoso o contato físico. E realmente é. Quando há um encontro de corpos há um encontro de almas, um fulgor entre espíritos, “o amor é formado de uma só alma, habitando em dois corpos” (Aristóteles). Quando percebi, me vi entre afetos com um amigo (que prefiro não mencionar), de fato estávamos bem próximos, e com o passar do tempo fomos nos aproximando cada dia mais, e acabamos confundindo as coisas. Mas fique tranquilo, Diário. Não fizemos nada demais, apenas assumimos para nós mesmos o que estava estampado em nossos rostos: o nosso pueril e apaixonado amor!

23 de abril de 2018.

Boa noite, saudoso Diário.

Uau! Faz muito tempo que não escrevo. Pois é, estou muito ocupada com coisas da escola e com meu namorado. Sim, eu estou namorando! E é com aquele menino que disse estar apaixonada há quatro meses! Aliás, Diário, estou inteiramente feliz e esperançosa com esse relacionamento! Mesmo que eu seja muito nova e nunca tenha namorado na vida, sinto que nós temos uma sintonia muito forte, e tenho plena convicção de que temos muito o que viver juntos.

31 de maio de 2018.

Boa madrugada, Diário.

Diário, acabei de perder minha pureza, sinto-me agora uma mulher, nos braços de um homem que me tocou cuidadosamente nas últimas horas. Nunca tive uma experiência semelhante, realmente foi inexplicável. Doeu, mas o prazer foi maior do que a dor e mais ardente que o sangue vermelho que tingiu os lençóis. Logo, lembrei-me de um trecho de *O Cortiço* (Aluísio de Azevedo):

A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas. Adormeceu. Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente. E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

01 de junho de 2018.

Diário,

Acho que ontem fiz uma coisa que não deveria ter feito: fui fraca e cedi aos encantos dos lábios de meu namorado, agora me sinto culpada por tudo. Sinto-me fraca e suja. Olhe para mim, sou uma menina de 16 anos que não é mais virgem. Estou com nojo de mim, estou com nojo dele. Não quero vê-lo nunca mais, quero minha pureza, inocência e amigos de volta! Percebi que “a amizade é semelhante a um bom café; uma vez frio, não se aquece sem perder bastante do primeiro sabor” (Kant), todavia, preciso recomeçar e ninguém precisa saber do que passou.

14 de junho de 2018

Bom dia, Diário.

Nunca é tarde para recomeçar, “viver é isto: ficar se equilibrando, o tempo todo, entre escolhas e consequências” (Sartre). Meu objetivo agora é aprender com meus erros e começar de novo. Hoje é um novo dia, afinal, como Sartre disse: “não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você” e, no meu caso, pretendo usar esta lastimosa experiência para trilhar novos e melhores caminhos para a minha vida, deixando tudo para trás, passando uma borracha.

16 de junho de 2018;

Bom dia, querido Diário!

Tudo tem dado tão certo! Estou voltando a falar com meus antigos bons amigos, estou voltando a sorrir, depois do meu deslize. Nunca estive tão bem resolvida com meus pais. Hoje eu gozo da verdadeira felicidade, a qual “[...] não se encontra nos bens exteriores” (Aristóteles), mas na atividade de viver e correr atrás dos seus sonhos. Eu estabeleci novos objetivos: estou estudando constantemente para ocupar minha cabeça, e olha que quase não penso mais no “outro”.

27 de junho de 2018.

Bom dia, Diário.

Final de semestre e eu tinha uma prova de química hoje e estava estudando muito para conseguir fazê-la (deve estar bem difícil, afinal). Mas não poderei ir à escola, estou passando muito mal, com fortes dores na barriga e com recorrentes cólicas, deve ter sido o molho de cachorro quente que comi ontem que ocasionou isto. No fim, não deve ser nada demais. Logo minha mãe estará chegando do trabalho para me levar ao hospital.

Oi, de novo, Diário.

Mais cedo, chegamos ao clínico geral e ele foi me fazendo perguntas sobre minha menstruação e enjoos. Aos poucos eu fui entendendo o curso da conversa e minha mãe, que estava do meu lado, também estava compreendendo pela boca de outra pessoa o que eu deveria ter contado a ela há muito tempo... Até que, no fim da consulta, o médico disse: “Moça, você está grávida”. Houve então na sala um silêncio ensurdecedor, eu não

desconfiava, não achava que o meu ato traria uma consequência dessas, pelo menos não tão rápido, achava que para isso eram necessárias várias tentativas, mas pelo visto não. Segundo o médico, na época eu provavelmente estava no meu período de fertilidade e, por conta disso, agora carrego uma criança em meu ventre. Terminada a consulta e as evidências às claras, cumprimentamos o médico, agradecemos sua atenção e, em silêncio, saímos da sala. Nesse pequeno intervalo de tempo meu coração fechou-se em tremenda amargura. Não sabia o que fazer, meu mundo tinha desabado, meus sonhos estavam frustrados e eu perderia a confiança de todos, principalmente dos meus pais. Mesmo em meio a todo esse caos, minha mãe não disse nada no retorno para casa, apenas chorava em silêncio. Chegamos mudas. Saí correndo para o meu quarto e minha mãe chamou o meu pai, que tinha acabado de chegar do serviço, para o quarto deles. Deitei em minha cama e comecei a gritar contra o travesseiro e sentir as salgadas lágrimas que jorravam dos meus olhos em direção aos meus lábios. Enquanto isso, meus pais conversavam e se perguntavam um ao outro onde tinham errado. Eu tinha acabado com minha vida por causa de um luxo, um capricho.

20 de julho de 2018.

O semestre acabou e eu peguei algumas DPs, pois comecei a faltar muito por ter medo do que as pessoas pensariam ao saberem o que fiz nesta idade. Além disso, eu temi que mais gente reparasse nas mudanças do meu corpo. E tudo isso foi horrível, porque eu nunca tive nenhuma dependência, sempre fui uma aluna bem aplicada. Contudo, meus amigos, percebendo a minha ausência e meu mau desempenho escolar, vieram me procurar, mas eu me negava a falar a verdade, sempre dava uma desculpa para desviar o assunto. A verdade é que eu não conseguia ter coragem para enfrentar as consequências das minhas escolhas, mesmo sabendo que “a coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras” (Aristóteles).

22 de novembro de 2018.

Hoje encontrei uma amiga da minha infância no mercado, rimos bastante, relembremos fatídicas histórias engraçadas de quando éramos criancinhas, foi muito bom! Até que, conversa vai, conversa vem, resolvi contar à ela que estava grávida, afinal, as pessoas iriam descobrir de uma forma ou de outra e, além disso, eu também já estava aceitando a ideia de ser mãe. Mas, após esta revelação inesperada da menina que era totalmente certinha, a minha amiga que outrora era parda tornou-se branca, pálida como um papel. Foi estranho,

porque depois disso ela começou a me olhar meio diferente, com ar de receio e decepção, senti que ela estava tentando disfarçar, mas seu desgosto com a situação estava estampado em sua cara, infelizmente, eu já esperava que ela não seria muito receptiva à boa nova. Todavia, posteriormente, sem mais delongas e rodeios, ela me falou: “Me desculpe, mas eu preciso perguntar: Por que você não aborta esse feto? Você é muito jovem, deve ter muitos planos e sonhos...”. Fiquei muito triste, desviei o assunto e disse que deveria ir embora. No caminho para casa eu estava chorando muito. Claro, eu sabia que minha vida iria mudar completamente, mas de maneira nenhuma mataria meu filho! Ele agora fazia parte de mim! Além do mais, não conseguiria levar essa culpa para o resto da minha vida. Inúmeras vezes eu imaginava que ter esse filho “hoje” acabaria com a minha vida, mas não, apenas deu um novo sentido para ela. Esses momentos de gestação me ensinaram algumas coisas, tanto que posso parafrasear a frase de Nietzsche “o que não me mata me fortalece” e, de fato, tenho me sentido mais madura e forte por conta de todas essas adversidades que tenho passado.

27 de outubro de 2018

Bom dia, Diário.

Hoje faz exatamente quatro meses que descobri que estava grávida e até agora não contei isso para o meu ex-namorado. Na verdade, nem sei como entrar nesse assunto, pois logo no dia seguinte à nossa primeira noite, eu resolvi terminar com ele, como medida protetiva para nunca mais repetir esse mesmo erro à surdina... Para isso, o bloqueei de todos os meios de contato possíveis, agravante oriundo pela culpa de ter feito o que fizemos no impulso e pelo ímpeto desejo abrasador e inconsequente. Acabei rasgando o nosso elo abruptamente, e foi extremamente estranho descobrir que toda nossa “sintonia” era fruto da nossa fervente paixão e nada, além disso. Mas independente da nossa história frustrada e de nossas ilusões, ele continua sendo pai do meu filho e deve saber e cumprir com suas responsabilidades assim como eu, essa criança precisa de um pai.

28 de outubro de 2018.

Boa noite, Diário.

Hoje mandei mensagem pro meu ex-namorado, nós conversamos um pouco. Ele disse que estranhou meu retorno repentino, mas mesmo assim atendeu o meu convite para irmos à um parque aqui perto de casa (neste meio tempo não adiantei nada sobre nosso filho).

Chegamos e logo explanei o motivo pelo qual o tinha chamado: minha gravidez. Disse-lhe que gostaria que ele fosse um pai presente para o nosso filho (acredito que existe um vazio na criança quando não há um afago paterno. O pai é o herói da criança, o porto seguro do filho). Enquanto eu falava, ele me olhava mudo, mas com um olhar atento e carinhoso, como nenhum outro olhar jamais me olhou. Apesar disso, deixei claro pra ele que não era um pretexto para retomarmos o nosso relacionamento e nem queria que isto acontecesse. Pois de fato, o único desejo do meu coração era contar-lhe a verdade, mesmo que inúmeras vezes eu pensasse em falar não nada, não dar satisfação a ninguém e criar a criança sozinha. Mas, felizmente, meu ex-namorado, não havia se tornado meu ex-amigo, permanecia uma pessoa incrível! Disse que estaria disposto a assumir toda e qualquer responsabilidade com nosso filho, além do mais, tentaria se tornar um homem referencial para o nosso filho! De fato, não esperava nada diferente dele.

12 de março de 2019.

Boa noite, Diário.

Findam-se os meses de gestação. A ansiedade e as contrações estão intensas, a dor é sobremodo quase insuportável, mas a esperança de que meu filho, o Diogo, chegará saudável e lindo acalenta-me os nervos. Hoje fiz ultrassom e o vi todo formado e perfeito, há pouco estava toda boba imaginando seu rosto, suas mãozinhas, suas bochechas. De fato, não sei muito bem o que estou sentindo, trata-se de uma mistura de medo com felicidade, é difícil explicar. Mas hoje percebo que estou mais estável emocionalmente e, certamente, essa gestação contribuiu para o meu autocontrole, para meu amadurecimento forçado, pois sinto que pulei minha adolescência para lidar com essas responsabilidades, esse salto de maturidade que me assusta. Com certeza os últimos meses mudaram muitas coisas. Minha prioridade agora é outra: ser uma boa mãe para o Diogo. Vale ressaltar que eu não sinto que minha vida acabou ou que estou em amarga tristeza como a maioria das pessoas pensam. De fato, mudei minhas primazias, mas ainda irei realizar todos os meus sonhos individuais (eu tenho certeza disso!), basta querer lutar. Sinto-me completa, e hoje decidi que não irei mais escrever aqui. Este diário foi de suma serventia, mas começarei uma nova fase na minha vida e, além do mais, acho que não terei tanto tempo para escrever (hahaha). Mas apesar disso, hoje sinto que devo me calar um pouco e aprender com minhas experiências e com meu silêncio. Hoje acredito que estou apta, capaz e competente para viver essa nova fase da minha vida, pois “a

sabedoria consiste em ordenar bem a nossa própria alma” (Platão), e sinto que minha alma está plenamente segura, repousando em paz na guarda do Diogo!

Obrigada por tudo, Diário!

ANEXO VII – CAMILA VITÓRIA CARNEIRO COSTA

“Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar” (Friedrich Nietzsche).

Meus olhos pesavam, todo meu corpo pedia para ficar ali, aconchegada entre seus braços. Nada parecia me atingir ali, nenhum problema passava por minha mente enquanto estava com ele.

Abri os olhos vagorosamente enquanto ele desligava o despertador que começara a tocar, um sorriso apareceu em seu rosto ao perceber que eu o observava.

– Bom dia – sussurrou tirando uma mecha de cabelo que estava em meu rosto.

– Bom dia – falei, sorrindo a ele.

Ele suspirou, e deu um beijo em minha testa antes de levantar. Fiquei enrolando por algum tempo ainda. Fui até a cozinha após tomar banho e me vestir, encontrei com os avós dele sentados tomando café enquanto conversavam.

– Dormiu bem?

– Sim, muito obrigada – respondi, enquanto sentava ao lado da avó de Noah.

Ele entrou na cozinha alguns minutos depois com um sorriso no rosto.

– Tudo pronto para darmos uma volta.

Após o rápido café-da-manhã, Noah e eu fomos passear a cavalo e aproveitar um pouco o campo, distraindo um pouco da escola no final de semana prolongado do feriado.

Tirei um lado do fone de ouvido ao ouvir baterem na porta, virei o corpo a fim de ver quem era. Minha mãe entrou no quarto e me entregou uma sacola com os remédios pedidos na consulta do dia anterior.

– Lembre-se de marcar o horário certo, talvez tomar antes de almoçar – sugeriu sorrindo. Assenti percebendo que ela passava seus olhos castanhos por todo o quarto.

– Espero que consiga ajeitar isso logo, as aulas mal começaram.

– A bagunça não é só minha.

Ela riu e fechou a porta, olhei a sacola plástica e a abri, pegando a bula. Deixei a agenda programada para me avisar o horário da pílula, logo voltando a estudar.

Levantei da mesa recebendo olhares preocupados de meus pais.

– Você tem que tomar mais cuidado para não ficar com anemia, tem almoçado bem na escola?

– Estou um pouco enjoada, mas tenho tentado.

- Temos que esperar o remédio chegar à farmácia, aquele que usou da primeira vez não funcionou?

– Amenizou um pouco a dor de cabeça, mas os enjoos continuam, provavelmente por causa do glúten.

– Vou tentar resolver isso amanhã - meu pai falou.

– Obrigada – falei, antes de me retirar para meu quarto.

Minha mente parecia que ia explodir, nem mesmo o silêncio e a escuridão pareciam ter efeito na dor de cabeça que eu sentia. Levantei correndo da cama em direção ao banheiro, quase não dando tempo de segurar meus cabelos enquanto vomitava o pouco que tinha no estômago. Minha irmã me estendeu um copo de água e acariciou meu cabelo enquanto eu respirava fundo.

Lavei a boca e escovei os dentes antes de voltar a me deitar, quando o fiz, adormeci quase que instantaneamente.

Na manhã seguinte, meu pai me entregou o remédio que eu prontamente tomei antes de tomar café da manhã. Fui para a escola sabendo que os efeitos apenas diminuiriam um pouco, e dali a alguns dias não sentiria quase nada.

Fui à biblioteca encontrando apenas um dos quatro integrantes do grupo, esperamos cerca de uma hora nosso queridíssimo colega, que chegou beirando às onze da manhã e, mesmo tendo adiantado o trabalho enquanto esperávamos, acabamos saindo da biblioteca, próximo ao horário da aula.

Quando deu o intervalo, nesse dia em especial, às 16h, comprei um salgado para tentar almoçar, quase desistindo quando estava na metade pelo insistente enjoo que sentia. Suspirei, fui até o bebedouro e o encontrei ali, junto a alguns amigos.

– Eca! – um de seus amigos murmurou quando nós nos abraçamos.

– O que está fazendo aqui fora? – perguntou ele, se escorando na parede e me abraçando pela cintura apesar da mochila em minhas costas.

– Tive prova, tenho alguns minutos de liberdade ainda.

– Vou ter que fazer a recuperação por causa daquele dia em que estava na viagem.

– Eu vi seu professor entrando na sala.

Ele beijou minha testa se encaminhando para sua sala, assim como eu. Uma preocupação rodeava minha mente dia após dia, pois minha menstruação estava atrasada, como no mês anterior.

Naquele dia, após a escola, resolvi passar na farmácia e comprar um teste de gravidez, lembrando que havia me esquecido de tomar a pílula mais de duas vezes na mesma cartela. O objetivo de eu estar tomando a pílula era para regular meu ciclo, o que parecia não estar acontecendo. Deixei-o sobre a pia após seguir as instruções na caixa. Respirei fundo pensando no que faria se desse positivo, como contaria, como minha vida mudaria e seria dali para frente. Olhei o resultado antes que perdesse a coragem por completo e suspirei, aliviada ao dar negativo.

Mais alguns dias se passaram e comentei com minha mãe sobre o atraso da menstruação, ela me encarou, parando para pensar por alguns minutos.

– Eu me cuidei, mãe, eu fiz tudo certinho e mesmo que não tenha probabilidade de eu estar eu fiz um teste e deu negativo.

– Vou ligar para a médica e ver o que ela recomenda. Mas anote para mim os seus ciclos anteriores e os dias que passou mal.

Assenti e fui para meu quarto, pegando a folha onde eu estava marcando os dias que tomei ou não a pílula e os sintomas que senti, adicionando as datas dos últimos ciclos.

“Se queres conhecer o passado, examina o presente que é o resultado; se queres conhecer o futuro, examina o presente que é a causa” (Confúcio).

A médica pediu para suspender as pílulas e começar a usar um remédio natural, o que deixou meu pai menos preocupado, já que ele não aprovava o uso do anticoncepcional. Porém, eu ainda estava preocupada por conta dos enjoos que continuava a sentir, e com o peso que acabei perdendo por conta disso.

– Talvez parar por algum tempo os seus treinos, apenas o suficiente para voltar a ter o peso indicado - Noah me recomendou, enquanto brincava com minha mão.

– Não sei, é uma das minhas distrações - falei incerta, porém cogitando a possibilidade.

– É apenas por pouco tempo e estamos iniciando o bimestre agora, não terão tantas provas ou trabalhos para fazer.

Concordei com a cabeça sorrindo a ele. Descansado minha cabeça em seu ombro enquanto ele acariciava meus cabelos, acabei dormindo, sendo acordada por ele próximo ao horário das primeiras aulas do dia.

– Não acredito que dormi! – falei, enquanto corríamos em direção a minha sala que era mais próxima do que a dele, porém no mesmo bloco.

– Nesses últimos dias você tem se mostrado bem cansada.

"Não sei bem onde foi que me perdi; talvez nem tenha me perdido mesmo, mas como é estranho pensar que isto aqui fosse o meu destino desde o começo" (Antonio Cícero).

Quando senti cólicas e meu humor começou a se alterar muito com o passar das horas, decidi tentar o teste novamente, e dessa vez fui surpreendida com o resultado positivo. Respirei fundo diversas vezes tentando me acalmar, enquanto o choro vinha.

– Cami, você tá aí?

– Já tô saindo – respondi, limpando o rosto rapidamente.

Lavei o rosto e o vi parado no corredor me esperando, a vontade de chorar voltou e eu abaixei o olhar não conseguindo encará-lo.

– Ei, o que aconteceu? Tá tudo bem?

Neguei e ele me puxou pela mão até um lugar mais vazio, sentamos um ao lado do outro no chão do bloco e ele me puxou para si acariciando meus cabelos enquanto eu me acalmava. Ao envolver minhas mãos com as suas o teste acabou por cair, ele o pegou e me encarou, ficando sem reação por alguns instantes.

– Vamos dar um jeito nisso juntos – sussurrou, me beijando na testa e me abraçando mais forte.

Assenti, sentindo o medo e a incerteza diminuírem um pouco.

“Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta” (Michel Foucault).

Noah me acompanhou a maior parte do trajeto até minha casa, era um sábado letivo e meu pai havia ido para a chácara logo após me deixar na escola.

– Quer que eu vá com você? - perguntou próximo ao seu ponto.

– Acho que é algo que tenho que fazer sozinha - sussurrei.

– Qualquer coisa me liga.

Assenti e ele se despediu, me beijando na testa antes de descer. Meu melhor amigo pulou para o assento vazio ao meu lado e me encarou curioso.

– O que aconteceu, hein? Vocês passaram o dia cochichando um com o outro.

Baguncei os cabelos próximos à nuca e o encarei. Em algum momento teria que começar a contar e seria mais fácil contar para ele do que para meus pais.

– Quando eu fui visitar os avós do Noah, nós... você sabe, eu já te contei isso - ele sorriu com meu embaraço - E sabe aquela mínima chance de eu estar grávida?

Ele parou por alguns segundos.

– Tomara que ele tenha te apoiado senão ele já era.

– Tá tudo bem, Noah foi muito compreensivo, não é com ele que estou preocupada.

Ele me abraçou e eu logo levantei descendo do ônibus.

“Errar é humano, mas também é humano perdoar. Perdoar é próprio de almas generosas” (Platão).

Respirei fundo e bati na porta do escritório do meu pai, onde ele conversava com minha mãe.

– Eu... preciso falar com vocês.

– Seu exame de sangue foi disponibilizado no site esta tarde - meu pai falou sério.

– Eu juro que me cuidei, tomei a pílula do dia seguinte, depois a médica recomendou os anticoncepcionais, eu pensei que isso não aconteceria.

Eles ficaram calados por algum tempo, as lágrimas já caíam dos meus olhos, que ardiam. Meu pai levantou e me abraçou forte, olhou em meus olhos e respirou fundo.

– Talvez vocês tenham cometido um erro, mas o mais importante é o que decidirá fazer a partir de agora. Não tem como mudar o que aconteceu, isso vai mudar sua vida para sempre, mas você escolhe se vai ser para melhor ou para pior - ele se calou por alguns segundos - Sua mãe e eu vamos estar aqui, te apoiando em tudo o que pudermos.

Minha mãe se aproximou e acariciou minha face, tentando limpar as lágrimas.

– Ser mãe é uma responsabilidade gigante, mas sei que você vai ser uma ótima mãe, minha flor, que vai se esforçar ao máximo para dar o melhor para esta criança, e nós dois vamos estar aqui para o que precisar. Vamos contornar essa situação juntos, tá? - perguntou e me abraçou.

“Qualquer um pode zangar-se - isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa - não é fácil” (Aristóteles).

Noah e sua família foram jantar conosco no dia seguinte, seu pai não parecia feliz com a situação, porém Noah negou com a cabeça, mas tentou me confortar com um sorriso.

A conversa entre nossos pais se alongou por algumas horas, minha mãe explicou várias vezes a falha dos métodos que eu havia utilizado. Todos os efeitos colaterais que o anticoncepcional havia causado e a vez em que eu acabei me esquecendo de tomar em um dia,

por causa da correria. Explicou que, com os enjoos frequentes, eu podia ter colocado para fora junto ao que tinha comido em alguma das crises de dor de cabeça que eu tivera. O pai dele ainda achava nossa atitude irresponsável, mas disse que como nós nos responsabilizamos pelo nosso ato com o tempo isso se consertaria.

“É necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela” (Friedrich Nietzsche).

Mesmo com o apoio de meus pais eu ainda sentia culpa por ter falhado, toda vez o pensamento de voltar no tempo e mudar as coisas, vinha em minha mente. Com o feriado que se emendaria na quinta ganhei muito tempo para pensar em milhares de coisas que não queria pensar. Tentei me distrair de vários jeitos, mas nenhum se fez eficiente. Tudo estava uma confusão dentro de mim, eu não sabia o que sentir ou o que fazer, estava perdida em mim mesma.

"Preocupe-se com a aprovação das pessoas e você será prisioneiro de si mesmo" (Lao-Tsé).

O ocorrido se espalhou rapidamente após alguns dias, algumas pessoas me encaravam e começavam a cochichar entre si, algumas tentavam disfarçar sua desaprovação e outras pareciam se divertir, fazendo comentários em alto e bom som. Respirei fundo, fazendo o caminho de volta para minha sala o mais rápido que pude. Noah me segurou pelo pulso com cuidado quando passei por ele.

– Ei, o que foi?

Neguei com a cabeça e ele me abraçou. Algumas meninas riram ali perto e Noah nos afastou delas.

– Não liga para eles, você sabe que todos que são importantes para nós estão nos apoiando.

– Eu sei, mas isso é tão cansativo e desmotivador.

– Ei, vamos ser os melhores pais do mundo! Eu já estou me arranjando com o estágio remunerado e sei que você vai conseguir conciliar a escola com a gravidez perfeitamente, estamos dando pequenos passos, mas eles são muito importantes.

Assenti e sorri para ele, percebendo o quão compreensivo ele estava sendo. Ele me puxou para mais perto de si e aproveitamos o pouco tempo que tínhamos antes do sino soar novamente, para conversar e fazer planos. E os olhares das pessoas passaram a não me incomodar mais, a única coisa que importava naquele momento era a pequena vida que se desenvolvia dentro de mim e toda a felicidade que ela ainda iria me proporcionar.

“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música” (Friedrich Nietzsche).

ANEXO VIII – DAVI AQUINO

Banheiro

28 de junho de 2018.

Bom, eu não sei por onde começar. Essas férias foram incríveis pra mim em vários sentidos, mas na última semana tudo desabou: Quezia me mandou mensagem pedindo pra ir até a casa dela urgentemente, isso no sábado, mas eu só iria ter tempo na quarta. Ela ligou todos os dias incessantemente, até que não tive alternativa, a não ser pegar um ônibus e ir até lá. Comecei a ficar assustado, pois a última vez que tínhamos nos visto não tinha sido muito boa. Eu tinha recaído, bebido muito e tínhamos transado. Na manhã seguinte, entrei em conflito interno, não sabia mais qual era minha sexualidade.

Quando cheguei, ela estava ansiosa, andando de um lado pro outro e disse que queria que eu ficasse calmo... Mal sabia eu que o que estava por vir me deixaria o oposto de calmo. Ela estava grávida. Meu mundo caiu! Eu sentia uma coisa muito ruim no estômago, enquanto ela falava que estava atrasada por quase duas semanas, eu só conseguia pensar em vomitar. Eu fiz perguntas clichês sobre quantos testes ela tinha feito e se não tinha nenhuma dúvida e, em meio a lágrimas, ela negou tudo. Eu chorei no sofá, minha cabeça ainda não processava a informação de que toda a minha vida seria desgraçada por uma noite imprudente. Eu SEMPRE tomei muito cuidado em todas as relações sexuais que tive, porque justo nessa, tinha que acontecer algo assim? Eu preferia uma DST a isso.

Foram três dias apenas pensando nisso, sem dormir direito. Decidimos não contar a ninguém por enquanto, só ia ser mais um problema para lidar. Hoje de manhã, no primeiro dia de aula, pedi ajuda pra Fernanda, psicóloga do IF, e chorei de novo de desespero. Tive uma crise de ansiedade quando ela me disse que a melhor forma de lidar com isso seria contando pra minha mãe. A ideia de contar uma cagada dessas pra minha mãe me deixa nervoso toda vez que penso nisso, o que é o tempo todo.

As pessoas notaram que eu tenho algum problema, Flávio me perguntou porque eu estava tão quieto na recepção dos calouros. Luana fez a mesma pergunta durante a aula. Eu tô tentando ter uma rotina o mais normal possível, assim tento me distrair disso até achar uma solução. Enquanto isso, a Fernanda disse que é saudável ter um diário, pra manter a saúde mental, então, vamos nos ver frequentemente, eu acho...

Casa

03 de julho de 2018.

Hoje eu contei pro João e pra Karol. Acho que foi um jeito de aliviar a pressão que eu estava sentindo carregando tudo isso sozinho. Eu estava na cozinha sentado, ouvindo música, João fazendo o arroz e Karol catando feijões estragados. Ela estava tão calma e distante, nem parecia estar prestando atenção no que fazia. Aí eu soltei, sem muitos rodeios. Eles já sabiam que eu estava escondendo alguma coisa, eles me conhecem bem. “E quem é o cara?”, ele disse no maior deboche, até ver minha cara de choro. Eu não aguentei, e acho que eles sabiam que isso ia acontecer porque sentaram e me abraçaram. Eles foram tão gentis, eu nem resisti. Não fizeram perguntas, só me confortaram.

Eu tive uma pequena crise no meio disso tudo... Acho que se o João não tivesse em casa pra me segurar nessa hora eu ia me matar, nem brinco. Eu só pegaria uma faca e cortaria qualquer lugar do corpo. Isso parece tão egoísta! Na verdade, acho que eu primeiro sairia por aí sem rumo, depois me jogaria na frente de um carro.

Depois disso, não se falou mais uma palavra por algumas horas. Só tomei um banho e fomos cada um pra um canto.

Über

Basicamente, ontem eu briguei com minha mãe por ela me pressionar demais, fugi de casa, andei por umas três horas sem rumo, e na volta pra casa eu quase me joguei de um prédio abandonado aqui perto.

Atualmente, indo pra uma festa com o Anthony, um dos meus amigos mais próximos, sem comentar nada com ninguém. Eu sou um ‘geração Z’, somos criados somente para reprimir sentimentos e servir. Sempre superando crises o mais rápido possível. Quase me matei ontem, enfrentaria o vazio de nunca mais existir e hoje estou mais ansioso do que nunca pra sentir qualquer coisa em uma balada. Essa sensação boa no corpo deve ser por causa do antidepressivo que eu tomei escondido da minha mãe.

Vemo-nos em breve. Te amo!

Quarto da Karol.

10 de julho de 2018.

Eu não sei se o que aconteceu nesses três dias, se foi verdade ou uma ilusão criada pelo meu cérebro pra me tirar da realidade. Eu só sei que, no sábado, eu vim parar na casa da Karol, onde tivemos um final de semana conturbado. Teve uma festa, estava tudo de boa, até que a Quezia apareceu. Meu cérebro ilustrava Quezia em casa, chorando e se lamentando pelo filho que não queria. Acho que esse pensamento era meio machista da minha parte. Eu, em uma festa, e ela, em casa, devota.

Ela parecia bem, estava linda como sempre, mas quando percebi, eu estava respirando mais pesado, meus ombros não conseguiam se erguer. Fui para o quarto e deitei. Chorei no escuro, enquanto o povo lá fora se divertia. Eu me perguntava quando isso ia passar e porque estava acontecendo. Revia o dia em que transamos umas quatrocentas vezes, eu era muito burro e tudo isso era culpa minha. Eu sempre gostei de homens e, de repente, estava na cama com uma mina. Eu nem sinto mais atração por ela.

João e Karol entram no quarto, dava pra perceber que eles estavam bebassos. Ele não disse coisa com coisa, depois sentou na cama, ela continuou em pé, mas depois sentou no chão ao lado da cama onde eu estava deitado e pegou na minha mão. “Isso tudo vai passar, como tudo passou”, ela disse. “As pessoas que realmente importam estão aqui com você”. Comecei a chorar de novo. Eles fizeram carinho em mim até eu dormir, e foi a melhor noite de sono que eu já tive em uns dias.

Ônibus

18 de julho de 2018.

Hoje, na aula de Filosofia, o professor falou sobre Kant, um filósofo que acreditava no uso da razão em tudo, e isso me fez pensar muito sobre como eu tô agindo sobre tudo isso. Uma de suas frases me chamou muita atenção: “O esclarecimento é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado e a entrada na sua maioridade” (Kant). Essa frase me fez perceber que o que falta em mim é maturidade pra lidar com essa situação. Decidi contar pra minha mãe. Tenho que encarar isso de cabeça erguida, acho que vai ser até melhor.

Carro

23 de julho de 2018.

Faz uns dias desde que eu escrevi, eu estava ocupado, arranjando um emprego: Depois que eu contei pra minha mãe, logicamente ela acabou comigo, e dessa vez eu não chorei, ela que chorou, disse que eu era igual ao meu pai e que isso destruiria minha vida. Perguntou mais sobre Quezia, que ela nem conhecia. Quando eu disse que era uma amiga, chamou a garota de puta, eu fiquei bravo e comecei a discutir com ela. Quase me expulsou de casa, mas como eu não tenho pra onde ir, ela prefere que eu fique perto dela. Não sei, eu não fiquei tão abalado, mas ela disse que eu tenho que contar para meu pai e pra minha vó, mas eu prefiro esperar mais, então só vou enrolar ela, se ela mesma não contar.

No outro dia após eu ter contado a ela, veio até meu quarto e disse que me ajudaria a arranjar um emprego, porque ela não ia cuidar de filho de ninguém. Eu achei racional da parte dela. Meus pais me tiveram muito cedo e, pelo que eu ouço, nunca tiveram ajuda nenhuma dos pais, mas pelo menos o apoio da minha mãe eu teria.

Falando da parte emocional, eu tô bem melhor hoje. Falei com a Quezia e contei que falei com a minha mãe sobre tudo, disse também que arranjaria um emprego e, assim se essa história fosse pra frente, ela teria a segurança de ter dinheiro sempre. Ela pareceu decepcionada, então ela disse que não precisava e que já tinha arranjado um “jeito”. Pelo tom de voz dela, ter a criança não era uma opção. Eu tô aliviado, mas parece muito estranho, porque eu acabei de me acostumar com a ideia de ter um filho. O que eu diria pra minha mãe quando Quezia abortasse? Parece que todas as minhas decisões, certas ou erradas, têm sempre uma consequência. Qual seria a consequência de deixar uma mulher ter o livre arbítrio sobre o próprio corpo?

Ônibus

31 de julho de 2018.

Quezia ligou hoje, disse que queria conversar sobre tudo isso e disse que tinha uma ideia. Quezia é tão forte! Mesmo nessa situação toda ela permanece sempre calma e estratégica, ela nem contou pra ninguém ainda e tá literalmente carregando a criança.

Quando cheguei á casa dela, sentamos como adultos e ela me ofereceu água. Como eu estava tremendo igual um filho da puta, eu só aceitei. Ela me mostrou um remédio, um tal de Cytotec, usado pra indução de partos, mas se usado na semana certa, um abortivo poderoso.

Então era isso! Estava feito. Ela abortaria, eu não seria pai. Eu respiraria de novo. Ainda me sentia estranho. “Olha, você não precisa mais se preocupar, não precisa nem estar aqui quando acontecer, já acabou.”, ela disse. “Meu pai sempre foi tão negligente comigo, eu quero estar aqui pra pelo menos dar um apoio, já que não tem muito mais que eu possa fazer”, acho que eu falei a coisa certa, sabe? Eu realmente não tenho muito que fazer, a não ser esperar. “Ok, eu queria fazer isso sozinha, mas acho que na verdade, na verdade, eu tô com medo, isso tudo me abalou muito. Eu fiquei uns nove dias sem dormir, só pensando no que fazer, até que achei isso na internet, foi um alívio e eu entendo tudo que você passou. A gente é muito novo e já passa por tudo isso”. Eu confiava muito em Quezia, mas acho que ela só começou a confiar em mim, de verdade, depois que eu parei de surtar e tomei uma atitude, até que filosofia não é inútil, afinal. “Eu vou me mudar no fim do ano”, ela soltou, com um suspiro. “É por causa de tudo isso?” eu disse. “Também. Meu pai quer que eu vá morar com ele, a situação aqui em casa também não está muito boa entre minha mãe e eu”. “Eu acho que, se isso vai ser bom pra você, deve ir então.” E voltamos a quando pedíamos conselhos um ao outro. Passamos a tarde toda conversando sobre outras coisas, deixando o assunto principal de lado, já que parecia resolvido.

Não sei mais o que sentir sobre tudo isso, acho que meu cérebro só espera outra coisa acontecer logo, só pra ter certeza de como reagir.

Casa

07 de agosto de 2018.

Bom, eu não sei por onde começar, só sei que eu não sou mais pai. Parece que um peso enorme saiu das minhas costas, mas também me sinto culpado. Ontem eu fui até a casa dela, depois de passar na farmácia e comprar o remédio. Quando cheguei lá, Camila (uma das melhores amigas e provavelmente a única próxima a ela que sabia da gravidez) estava lá. Eu fiz mais perguntas clichês sobre a certeza naquilo tudo e ela só me mandou relaxar, ela sabia as consequências, sabia que ficaria alguns dias debilitada e por isso estávamos lá. Os pais dela estavam viajando justamente entre a sexta e oitava semana de gravidez da Quezia, quando o

remédio fazia mais efeito. Ela abortaria e nós a ajudaríamos como pudéssemos. Quezia tomou o comprimido e bebeu um gole de água, Camila começou a rezar (?), depois disso tentamos agir de forma normal: assistimos a um filme parecia até uma festa do pijama. Teve uma hora que percebi que Quezia estava tremendo e pensei sobre como ela devia estar se sentindo. Por mais que fosse confiante e segura, devia estar com medo. Eu me sentia culpado por querer tanto isso logo, mas parecia que ela também queria, estávamos cansados de só pensar nisso.

Naquela noite, lá pelas duas da manhã, Quezia começou a sentir cólicas e náuseas, eu já comecei a ficar desesperado, mas Camila me mandou ficar calmo. Esperamos, enquanto Quezia parecia saber exatamente o que estava fazendo. Quando deu quatro horas, eu estava exausto, mas permanecia em pé. De repente, Quezia sentiu uma forte dor e foi pro banheiro, ela sabia que estava na hora. Só Camila e ela no banheiro, e eu tremendo do lado de fora. Foi muito rápido, coisa que eu não esperava. Às sete horas, Quezia dormia. Certifiquei-me de que elas tinham tudo que precisavam, se Quezia estava cem por cento bem, na medida do possível, e fui embora, pois ela queria ficar sozinha com Camila.

Cheguei em casa e tomei um banho, tranquilo, mas ao mesmo tempo só pensava em como Quezia devia estar se sentindo. Dormi um pouco e agora pela tarde, liguei pra Camila, Quezia está bem melhor e já tinha comido. Eu disse que iria passar lá mais tarde, mas agora eu só pensava em descansar. Tudo tinha acabado bem.

Casa da Karol

15 de agosto de 2018.

Tinha até esquecido que você existia. Os dias depois do aborto foram de tensão. Quezia pegou uma gripe, então fizemos o possível pra ela melhorar o mais rápido possível, até que os pais dela chegassem da viagem. Conteí toda a história pro João e pra Karol. Eles ficaram confusos no começo, mas depois ficaram aliviados. Ontem eu falei com Quezia, e ela disse que está bem. O ginecologista dela notou que algo acontecera e ela teve que contar, mas foi bom que ele receitou uns remédios pra ela ficar cem por cento. Ela agradeceu por tudo e até brincou (ou não) que nunca mais vai transar com homens de novo. Eu ri, e foi bom. Menti pra minha mãe que Quezia teve um aborto espontâneo (isso foi ideia da própria Quezia), ela pareceu meio desconfiada, mas ficou aliviada. Voltei a ir pra escola todo dia, descobri que quase reprovei de umas sete matérias, mas conversei com os professores e alguns concordaram em me dar uma segunda chance. Tudo terminou bem no final.

Então diário, é isso. Acho que não tem mais o que falar, na verdade eu nem sei se eu vou manter você. Tô pensando em queimar você, fazer uma fogueira e fingir que nada disso aconteceu. É, é isso mesmo que eu vou fazer. Tchau.

ANEXO IX – THIAGO MIRANDA ESTEVAM

Eu vou te contar uma história. No início ela vai parecer fantasiosa, boba ou até cheia de mentiras. Mas eu peço paciência, pois conforme eu for explicando todos os detalhes, mais sentido vai fazer.

Meu nome é Thiago. No momento em que escrevo isso, eu tenho 16 anos. Sou apenas um estudante, não trabalho nem nada assim. De certa forma, nunca tive realmente que me preocupar com dinheiro, apesar de todos os problemas financeiros que minha família enfrenta, eu nunca tive que realmente fazer algo para alterar isso, no máximo economizar energia, e mesmo que eu tivesse dinheiro eu não gastaria com coisas inúteis.

Você pode estar se perguntando por que razão eu mencionei isso, pode até pensar que são fatos inúteis para o resto da história, mas eu quero que você, que está lendo isso, entenda que sou praticamente dependente dos meus pais, não que seja algo incomum na minha idade, mas isso certamente alterou o modo como todos os fatos que descreverei aqui se desenrolaram.

Como toda história, existe um certo motivo para tudo começar a acontecer e, no meu caso, o motivo tinha que ser bem grave para eu acabar aqui escrevendo um diário. Não que eu não goste de escrever, eu gosto, mas não gosto de escrever sobre minha vida e muito menos sobre esse tal motivo grave que mudou minha vida para sempre.

Acho que depois de toda essa introdução, já é hora de você que está lendo isso ter o conhecimento do que é esse “motivo” (e eu peço que não me julgue). Eu engravidei uma menina.

Tudo aconteceu há mais ou menos três semanas, em agosto de 2018. Começou... bom, começou como você deve imaginar (ou pelo menos espero que tente). Em uma casa por aí vivia um ser chamado Thiago. Não uma casa feia, desagradável, com paredes interiores descascando e goteiras para todo lado, era a casa de minha mãe e isso significa um quintal com grama sempre cortada, paredes e chão tão limpos quanto se pode imaginar e, basicamente, todo o conforto que alguém poderia querer para um lar (mesmo que minha mãe não tenha feito muito para contribuir com essa aparência da casa além de ter herdado ela).

Aquele dia foi quando tudo começou a “desandar”. Lembro como se fosse ontem: eu levantei com o despertador de meu celular tocando às sete e meia da manhã, como sempre. Tomei um banho, me vesti com roupas confortáveis e liguei meu computador para jogar. Foi aí que eu notei uma formiga na mesa em que estava meu computador e onde minha TV também ficava.

A formiga passeava em minha mesa como se estivesse desorientada, não sabia aonde ir ou o que fazer, afinal de contas, ela não pertencia ao Mundo Racional, ela seguia seus instintos, normal no Mundo Animal, cuja maior virtude era o movimento. Eu senti angústia ao vê-la passeando sem destino, senti um incômodo, eu dei um peteleco nela para que ela caísse no chão. Às vezes, eu paro e penso o quão diferente tudo teria sido se eu jamais tivesse dado aquele peteleco... Engraçado como até uma coisa tão pequena como esse simples peteleco pode mudar nossas vidas para sempre (bem parecido o lance do bater de asas de uma borboleta proposto pelo filósofo Edward Lorenz em sua Teoria do Caos). O que tornou esse peteleco tão importante? Foi o fato de que, da minha perspectiva, eu sou uma das pessoas mais azaradas do mundo e, portanto, sou extremamente desajeitado. No momento em que dei aquele peteleco, meu cotovelo acabou batendo no controle da televisão, a fazendo ligar.

Quando ela ligou, pude notar que havia um filme passando no canal selecionado, um filme de terror chamado *It*, eu acho. De qualquer forma, a cena do filme que estava passando na hora em que liguei a TV me chamou atenção, pois se tratava de uma personagem falando de um sonho que teve com suas versões mais velhas. Isso me levou a imaginar como meus antigos amigos estariam agora, depois de dois anos. Então eu me lembrei de que tinha alguns deles no Facebook e decidi checar isso pelo celular. O problema foi que isso gerou uma avalanche de perguntas e eu acabei “stalkeando” (não exatamente isso, eu somente comecei a ver algumas de suas postagens) a garota que eu amava na escola, isso me levou a ver o que o namorado (que por acaso a “chifrava”) e a mãe postavam sobre ela. Resultado: um grande sentimento de tristeza intensa na qual eu me perguntava se realmente tinha chance com ela, mesmo que ela não tivesse namorado. Perguntava-me se estava preparado para algo assim.

Passadas algumas horas de reflexão, eu me vesti para a aula, almocei e fui para a escola. Acho que a tristeza realmente tinha me mudado drasticamente, pois no segundo em que pisei na minha sala, meus amigos me olharam como um humano olharia para um alienígena. Eu geralmente estava sempre sorrindo e me divertindo com eles, então não os culpo por estranharem meu rosto quando entrei. Três deles me perguntaram o que havia

acontecido, nessa hora eu tirei meu celular do bolso para checar a hora, faltavam quinze minutos para a aula. Eu chamei os três para conversar em um local mais privado, onde poderia contar tudo sem medo de alguém indesejado ouvir. Foi o que fiz. Eles me ouviram com atenção, e até admito que fizemos graça em alguns momentos e eu ri, mas ainda assim não foi suficiente para mudar o modo como eu estava me sentindo. Eles tentaram me ajudar com conselhos, mas não estavam realmente me ajudando. O sino tocou para sinalizar a hora de ir para a sala, onde as aulas já iriam começar. Eles tentaram me prender ali para me ajudar, mas eu disse que, apesar do fato de que eu estar agradecido por aquilo, realmente não tinham resolvido meu problema. O resto das aulas correu normalmente. Até que, no horário de ir embora, um dos três para quem expliquei minha situação me pediu para ir andar com ele. Ele disse que me entendia e se ofereceu para me ajudar de uma forma mais... ousada. Ele me convidou para ir à uma festa no sábado com ele, onde eu poderia beber até esquecer meus problemas, e eu disse que, apesar da dor que estava me incomodando, eu não iria sair para beber. Como ele continuou insistindo nessa ideia, eu aceitei ir com ele, mas com a condição que não botaria nada na minha boca que não fosse refrigerante ou água.

Passou quarta, quinta, sexta e finalmente chegou o dia. Eu disse aos meus pais que iria dormir na casa de um amigo, pois ele me convidara para jogar videogame com ele, não contei nada sobre festa. Quando cheguei na casa dele, lá pelas seis da tarde, ele me informou que a festa seria às oito. Ficamos jogando até lá, então meu pai me ligou para checar se estava tudo certo e eu mencionei que iríamos comer fora, nos aprontamos e finalmente fomos à festa.

Não havia nada tão fora do comum, tirando as bebidas (as quais eu recusei, como disse que faria). Quanto ao meu amigo... bom, digamos que ele não era tão forte quando se tratava de resistir a tentações como essa. Passou-se meia hora e ele estava tão bêbado quanto o Barney, dos Simpsons. Eu realmente consegui esquecer a minha tristeza naqueles momentos, eu me divertia em ver as ações do meu amigo alterado. Foi quando eu senti alguém sentando ao meu lado em um banquinho. Olhei para o lado e vi uma garota bonita, rindo enquanto observava a cena de vários outros convidados (provavelmente alterados também), fazendo uma dança esquisita ao som de uma música que eu não conhecia.

A garota tinha os cabelos lisos na altura do ombro, era ruiva (provavelmente o cabelo era pintado), tinha olhos castanhos. Não sei o que aconteceu, provavelmente era tão linda que demorei meu olhar nela por tempo demais, só sei que ela olhou para mim, deu um sorriso e disse 'oi'. Foi quando eu comecei a conversar com ela, e ela me disse como se chamava e eu

disse o meu nome, perguntei onde ela estudava, quantos anos tinha (a mesma idade que eu), esse tipo de coisa. Depois de uma hora conversando com ela, já agíamos como amigos. Rindo de tudo o que acontecia naquela festa, ela me disse que também tinha ido com uma amiga, que por acaso também estava alterada, disse que não gostava de bebidas e que estava lá só pela amiga. Apesar de ter conhecido ela há tão pouco tempo, eu notei diversas semelhanças entre ela e eu e, além disso, eu gostei dela. Foi aí que, superando até os limites impostos pela minha própria cabeça e pela minha grande timidez, eu disse a ela que ela era muito bonita. Nós começamos a conversar de um jeito diferente depois disso.

Foi nesse momento que os alterados começaram a fazer barulhos muito altos, mal dava para ouvir a garota, ela provavelmente não me ouvia também, pois perguntou se eu queria conversar em outro lugar. Ela, que já conhecia a casa, me levou a um quarto onde continuamos a conversar enquanto observávamos os alterados lá embaixo, mas longe do barulho. Foi então que ela disse que gostava de mim, me achava legal, eu disse o mesmo para ela. Depois disso, nos beijamos e aí acabamos por fazer uma idiotice. Eu sempre achei que nunca faria algo tão estúpido, sempre achei que iria fazer do jeito certo, mas simplesmente aconteceu e não parei para pensar nas consequências daquilo. Eu transei sem camisinha, não prestei muita atenção a esse fato, mas aquilo trouxe várias consequências.

Passaram-se duas semanas depois disso. Nada tão surreal aconteceu. Perguntaram-me o que havia acontecido na festa e eu contei, mas foi basicamente isso. Até que, uma manhã, eu recebi uma ligação. Eu não conhecia o número e, por pensar que era uma daquelas ligações de operadora, não atendi, mas o número continuou a ligar, uma, duas, três, quatro vezes, nessa hora eu o bloqueei. Cerca de uma hora depois, meu celular voltou a tocar, era meu amigo que havia me levado à festa quem me ligava agora. Eu atendi.

Ele me perguntou se eu estava recebendo ligações de um número, eu confirmei, então ele me perguntou por qual motivo eu não atendi já que era importante, eu respondi que não fazia ideia do que se tratava a ligação e como não conhecia o número resolvi desligar. Foi aí que ele me contou que eu havia engravidado alguém. É óbvio que no começo não acreditei, pois simplesmente não entendia como aquilo tinha acontecido. Ele me explicou tudo e eu achei que ia desmaiar, eu continuei não acreditando, apesar de toda a explicação, acho que porque eu simplesmente não queria acreditar, queria me beliscar e acordar como se tudo fosse um sonho que eu esqueceria em meia hora, mas não era.

Quando fui para a aula, eu encontrei esse meu amigo e pedi para ele me explicar tudo novamente e assim ele fez. Quando terminou eu não queria ir para a aula, eu queria sentar e ficar ali como uma pedra até morrer. Eu não sabia o que fazer, o que dizer, eu não queria nada daquilo. Tantos planos, tantas coisas arruinadas. Foi só depois de dez minutos ali que eu realmente voltei a pensar direito. Eu sabia o que fazer, só não sabia como. Eu sabia que tinha que falar com a garota, com meus pais e com os dela, mas como?

Liguei para a garota e pedi para que ela me encontrasse na minha escola, antes da aula, para que eu pudesse falar com ela. Ela novamente me explicou tudo e como ficou sabendo que estava grávida. Eu queria fugir, eu queria olhar para ela e dizer que não tinha feito nada, eu não queria nada daquilo. Mas enquanto ela falava alguma coisa me fez mudar de ideia, ela tremia, ela estava assustada, estava tão perdida quanto eu. Eu gostaria de ser ajudado, pois se estivesse no lugar dela, eu certamente não gostaria de passar por aquilo sozinho. Nessa hora me lembrei de uma frase de Immanuel Kant: “Faças aos outros aquilo que gostaria que fosse feito a você”. Eu gostaria que me ajudassem, certo? Então isso era o certo a se fazer. Eu disse que ajudaria ela a contar aos pais, mas que contaria primeiro aos meus.

Eu não podia simplesmente falar aos meus pais que tinha engravidado alguém sem eles nem ao menos saberem que eu tinha ido a uma festa. Então, pedi ajuda ao meu amigo que me levou até a festa, pedi para que a mãe dele ligasse para a minha e conversasse naturalmente com ela, mencionasse que nos levou a uma festa para comer e nos deixou lá. Isso serviu para “preparar o terreno” para a notícia mais grave. Depois disso, eu disse que tinha conhecido uma garota lá e que gostava dela, eles entenderam porque não tinha contado isso antes. Então os apresentei à garota. Nessa hora, me ocorreu a ideia de que a garota podia ir fazendo o mesmo com os pais dela. Assim ela fez e, na terceira semana, todos (os pais dela, os meus pais, eu e ela) já nos conhecíamos. Teria sido uma situação muito mais feliz se tudo não passasse de um plano para revelar que íamos ter um bebê.

Primeiro mês

Então, há dois dias, finalmente chegou a hora de contar aos nossos pais. Decidimos armar um jantar com todos juntos. Depois da comida, quando todos estavam sentados na sala de estar da casa da garota, nós contamos tudo. Obviamente, assim como eu, nossos pais não acreditaram no início. Mas conforme fomos explicando... eles continuaram não acreditando.

Creio que explicamos no mínimo uma dezena de vezes, antes que a garota caísse no choro e nossos pais entendessem a gravidade de tudo aquilo. Eles começaram a gritar conosco, disseram o quão estúpido nós tínhamos sido, que fizemos merda e mais tantas coisas assim. Por alguns momentos, achei que o pai da garota ia me bater (ele não fez isso, mas não foi por falta de querer). Eu não os culpo por isso, afinal era tudo verdade (e a verdade dói, como disse Pascal uma vez), eu havia sido irresponsável e burro, mas ainda assim, eu não estava ali pelos berros e julgamentos.

Só quando se acalmaram e a sala ficou quieta a garota finalmente disse que não estava ali para ouvir sermão, que a desgraça já estava feita e que ela estava pedindo ajuda para passar por aquilo. Eles aceitaram arcar com as despesas, mas que seríamos nós (eu e a garota) que decidiríamos o que fazer. Deixamos a sala e discutimos por um longo tempo o que faríamos agora. Não iríamos abortar a criança, mas ela disse que poderíamos botar para adoção, eu disse que pensaríamos nisso depois. Quando voltamos à sala, os nossos pais também discutiam o que fazer com a criança e nós contamos a eles o que decidimos, eles aceitaram já que o filho era nosso. A garota deu a ideia de escrevermos um diário contando tudo até o nascimento da criança e cá estou, acredito que escreverei quaisquer detalhes importantes ao final de cada mês, afinal de contas eu ainda tenho a escola para me preocupar. Esse foi o primeiro mês.

Segundo mês

Estou de volta. Nada de muito interessante aconteceu. A garota passou a ter enjoos e engordar. A minha sala já sabe o que fiz, assim como a dela. Apesar de não me importar muito, devo admitir que os olhares e fato de que todos mudaram o modo como agem comigo me incomoda, mas imagino o quão pior é para a garota.

Terceiro mês

Os olhares continuam, mas meus amigos agora parecem entender pelo que estou passando e não só pararam de agir de maneira estranha como também falam naturalmente comigo sobre o bebê, pedem para eu escolher um deles parapadrinho, até mesmo confrontam aqueles que me encaram ou agem como se eu fosse um alienígena. Só espero que a garota tenha amigos assim também e, pelo que ela me disse, os pais dela, as amigas e eu estamos ajudando muito (isso me deixou muito feliz). Ela continua a engordar e ter enjoos, ela também está preocupada com a formação do bebê e se seremos capazes de criar ele.

Quarto mês

A garota parece mais enérgica agora. O médico, ela me disse, a aconselhou a fazer exercícios para aliviar as dores. Ela me disse que os enjoos continuam e agora tem dores para urinar. Aparentemente todos já aceitaram o fato de que seremos pais. A família dela, assim como a minha, já receberam a notícia e aguardam (no mínimo ansiosos) por informações do bebê.

Quinto mês

Vai ser menino! A garota fez o ultrassom no qual descobrimos o sexo do bebê. Nós já começamos a pensar no nome, mas não tomamos nenhuma decisão concreta ainda. Ela se preocupa que tenha perdido o bebê já que foi um mês calmo, sem sintomas diferentes ou nada assim.

Sexto mês

Ela continua a engordar. A barriga agora se tornou mais aparente. Nós fizemos a lista de compras para o bebê e, como prometeram, nossos pais nos ajudaram a arcar com as despesas. Eles parecem mais felizes com a ideia, não nos olham mais com um olhar de decepção (pelo menos não tanto quanto antes). A garota também teve que fazer diversos exames e diz sentir uma azia na garganta. Além disso, ela diz que sente o bebê “chutar” com mais frequência.

Sétimo mês

A garota sente dor em tudo. Ela diz que os sintomas já não incomodam tanto, ela já se acostumou. Ela parece ainda mais ansiosa, diz que não sabe se será capaz de dar à luz e parece ter medo. Eu tento tranquilizar ela, assim como os pais, mas não parece ajudar muito.

Oitavo mês

O bebê não nasceu prematuro, é um ponto bom. A garota parece ainda mais ansiosa e brinca que está andando como um pato devido à sua barriga. Nós nos reunimos na metade do mês e, finalmente, decidimos o nome da criança, Leonardo, significa “corajoso como um leão”. Eu achei que fazia sentido, já que a garota está sendo corajosa o suficiente para aguentar tudo isso, usei como forma de tranquilizá-la também. Além disso, nós decidimos não

botar a criança para adoção, mas sim criar, pois eu me lembrei novamente de Immanuel Kant sobre não fazer com os outros aquilo que você não gostaria que fosse feito a você: eu não gostaria de ter pais ausentes, a garota também não e, por isso, decidimos criar a criança da melhor forma que pudermos.

Nono mês

Leonardo nasceu. A garota estava sentindo dificuldades para dormir, os movimentos do bebê dentro da barriga estavam intensos. Uma noite, a mãe dela me ligou no meio da noite e me disse que estava indo para o hospital com a garota pois o bebê ia nascer. Eu entrei em pânico, quer dizer, eu estava a algumas horas de ser pai, nunca pensei que chegaria ali, eu acordei meus pais e eles me levaram ao hospital. Quando cheguei lá a garota estava em trabalho de parto, eu vi a cena e por pouco não desmaiei. Mas quando o bebê nasceu, quando eu vi ele pela primeira vez, com aqueles olhinhos e sorrindo para mim, eu pensei que tudo tinha valido a pena. Nada mais importava, eu fui tomado por uma felicidade intensa, pensei naquele peteleco que causou tudo isso, pensei no quanto eu queria que aquele momento durasse para sempre. Agora, depois de doze dias, eu paro e imagino quantos momentos mais eu terei que serão como aquele: isso me faz feliz.

FIM.

